



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS (FCS)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL (PPGAS)

ANDERSON SIMRIHU XERENTE

Noções de pessoa e as formas de tratamento entre os Akwẽ

GOIÂNIA

2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

ANDERSON SIMRIHU XERENTE

3. Título do trabalho

Noções de pessoa e as formas de tratamento entre os Akwẽ

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Joana Aparecida Fernandes Silva, Usuário Externo**, em 11/07/2025, às 13:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Anderson Simrihu Xerente, Usuário Externo**, em 19/03/2026, às 13:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5489989** e o código CRC **FF618595**.

Referência: Processo nº 23070.030168/2025-88

SEI nº 5489989

ANDERSON SIMRIHU XERENTE

Noções de pessoa e as formas de tratamento entre os Akwẽ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Faculdade Ciências Sociais, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Área de concentração: Antropologia Social

Orientadora Professora Dra, Joana Aparecida Fernandes Silva.

GOIÂNIA

2026

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Xerente, Anderson Simrihu
Noções de pessoa e as formas de tratamento entre os Akwe [manuscrito]
= Noções de pessoa e as formas de tratamento entre os Akwe / Anderson Simrihu
Xerente. - 2026.
CXXX, 130 f.: il. 2026

Orientadora: Prof(a). Dra. Joana Aparecida Fernandes Silva
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de
Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social,
Goiânia, 2026.

Ilustrações.

Bibliografia.

Inclui: lista de figuras, lista de tabelas.

1. Ser Akwê, Pessoa, Respeito, Clãs, Dassîpê.

I. Silva, Joana Aparecida Fernandes , orient. II. Título.

CDU 572



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 004/25-M da sessão de Defesa de Dissertação de ANDERSON SIMRIHU XERENTE, que lhe confere o título de Mestre em Antropologia Social, na área de concentração Antropologia Social.

Aos quatro dias do mês de julho de 2025, às 14:00 horas, na Faculdade de Ciências Sociais, realizou-se a sessão de julgamento da Dissertação de Mestrado de ANDERSON SIMRIHU XERENTE, intitulada *Noções de pessoa e as formas de tratamento entre os Akwẽ*. A Banca Examinadora foi composta pelos/as seguintes Professores/as Doutores/as: Joana Aparecida Fernandes Silva (PPGAS/UFG – presidente), Camila Mainardi (PPGAS/UFG – membro titular interna), Alexandre Ferraz Herbetta (PPGAS/UFG – membro titular interno) e André Luis Campanha Demarchi (PPGCOM/UFT – membro titular externo). O candidato apresentou seu trabalho, foi arguido pela Banca e respondeu às arguições. Ao final da arguição, a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão reservada, pelo qual foi atribuído ao mestrando o seguinte resultado: aprovado. Reabertos os trabalhos, a presidente proclamou os resultados e encerrou a sessão pública, da qual foi lavrada a presente ata, que vai assinada por ela e os/as demais integrantes da Banca Examinadora.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Joana Aparecida Fernandes Silva, Usuário Externo**, em 09/07/2025, às 14:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre Ferraz Herbetta, Professor do Magistério Superior**, em 14/01/2026, às 11:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camila Mainardi, Professor do Magistério Superior**, em 14/01/2026, às 14:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camilo Albuquerque De Braz, Coordenador de Pós-Graduação**, em 13/03/2026, às 13:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5489999** e o código CRC **1B7A5D97**.

Índice de ilustrações

Quadro 1- Aldeias e caciques com respectivos clãs, na Região Rio do Sono - Ktêkakâ (trabalho de campo do autor)	49
Quadro 2- Aldeias e caciques com respectivos clãs na Região Mirassol (trabalho de campo do autor)	51
Quadro 3- Aldeias e caciques com respectivos clãs na Região Brupre (trabalho de campo do autor)	52
Quadro 4- Aldeias e caciques com respectivos clãs na Região Brejo Comprido (trabalho de campo do autor)	55
Quadro 5- Aldeias e caciques com respectivos clãs na Região Tkaiwê (fonte: trabalho de campo do autor)	57
Quadro 6- Aldeias e caciques com respectivos clãs na Região Suprawahâ (fonte: trabalho de campo do autor)	57
Quadro 7- Aldeias e caciques com respectivos clãs na Região da Porteira (fonte: trabalho de campo do autor)	58
Quadro 8- Aldeias e caciques com respectivos clãs na Região Funil (fonte: trabalho de campo do autor)	62
Quadro 9- Clãs correspondentes e parceiros, que se devem Nãrkwa	95

Índice de figuras

Figura 1- pintura corporal do clã KBAZI	15
Figura 2- Pintura corporal do clã Wahirê	16
Figura 3- Desenho da explicação do acolhimento e formação da associação	18
Figura 4- Pintura corporal do partido Stêromkwa, na festa tradicional da aldeia Funil	20
Figura 5- Pintura corporal do partido Stêromkwa e Htâmhã na festa tradicional da aldeia Funil	21
Figura 6- Mapa das Terras Indígenas XERENTE e FUNIL	26
Figura 7- Anderson Simrihu Xerente no Campo	27
Figura 8- Indo para roça tradicional	32
Figura 9- Na roça de Toco Tradicional	33
Figura 10- Arrancando mandioca na roça de toco tradicional	35
Figura 11- Voltando da roça de toco tradicional	36
Figura 12- Ancião Ângelo de Brito Dakburõikwa e sua filha Edite Smikidi	40
Figura 13- apresentação da dança cultural ao fundo imagem autoridade convidados ..	41
Figura 14- Professora Noemi <i>Wakrtadi</i> e ao fundo, autoridades convidadas	42
Figura 15- lançamento do livro Como se se escreve e Como se lê em XERENTE/Akwê	43
Figura 16- campeonato da Aldeia Lajeado Kâtopkuze ao fundo da imagem jogo em andamento e as pessoas assistindo	45
Figura 17-- Etnomapa Região Rio do Sono	51

Figura 18- Etnomapa Região Brupre.....	54
Figura 19- Etnomapa Região Brejo Comprido.....	56
Figura 20- Etnomapa Região Porteira	61
Figura 21- Etnomapa Região Funil	63
Figura 22- Anciões Reinaldo, Murilo e eu, ao centro, na abertura do Campeonato da Aldeia FUNIL.....	68
Figura 23- Reinaldo na roça plantando mandioca	69
Figura 24-carne da retribuição uma parte cedido aos clãs opostos	73
Figura 25-Carne sendo dividiadas entre os clãs que receberam a retribuição.....	73
Figura 26-conversando com a minha avó na festa tradicional da aldeia Funil.....	115
Figura 27- Natalia Kwapredi Xerente, na festa tradicional da aldeia Funuil	115
Figura 28- Representação das pinturas dos clãs	117
Figura 29- os anciões e jovens ouvindo um wawê	118
Figura 30- desenho da representação da tora grande.....	124

Sumário

SUMÁRIO	9
AGRADECIMENTOS	11
RESUMO	13
ABSTRACT	14
INTRODUÇÃO	15
MEU LUGAR E LOCALIZAÇÃO NA SOCIEDADE AKWĒ	15
OS CAPÍTULOS PRESENTES NESTA DISSERTAÇÃO	23
LOCALIZAÇÃO E POPULAÇÃO XERENTE.....	25
CAPÍTULO I - VIVENCIA E EXPERIÊNCIAS NO TRABALHO DE CAMPO	27
<i>Relato I- Primeira observação em campo</i>	27
II- <i>Relato de experiência de campo II</i>	37
III- RELATO DE EXPERIÊNCIA DE CAMPO 3.....	43
IV- EXPERIÊNCIA COMO MEMBRO DE UM CLÃ NA ABERTURA DE SEPULTURA TRADICIONAL.....	70
CAPÍTULO II: SER AKWĒ E O MODO DE RESPEITO ENTRE TODOS	74
<i>Termos de tratamento</i>	74
PREOCUPAÇÃO DOS MAIS VELHOS COM OS JOVENS QUE NÃO UTILIZAM OS TERMOS DE TRATAMENTO COM RESPEITO.....	81
RESPEITO ENTRE OS AKWĒ VIVENCIADO NA FESTA TRADICIONAL E CULTURAL DA ALDEIA FUNIL	84
O PADI NO DASSĪPĒ	88
ROMKRĒPTKĀ - DISCURSO TRADICIONAL AKWĒ.....	90
ALGUMAS DESCRIÇÕES DE REGRAS ENTRE OS AKWĒ	94
NŌKRĒKWA (TIO DE AMARRAÇÃO) E REGRAS NO CASAMENTO.....	95
<i>Nŏkrĕkwa e sua responsabilidade</i>	98
CAPÍTULO III- AS PESSOAS AKWĒ	102
Os DAKMĀDKĀKWA: LIDERANÇAS AKWĒ (CACIQUES) E O RESPEITO	102
Atribuições do dakmādkākwa	102
Para ser um Dakmādkākwa (cacique).....	103
Os benefícios de ser dakmādkākwa (caciques).....	103
CÂNTICO TRADICIONAL DO DAKMĀDKĀKWA	104
V- PAJE (XAMĀ) NA SOCIEDADE AKWĒ	104
Iniciação do Sekwa Xamā	105
Os Tdĕkwa curam Através dos Sekwa	109
A Força dos Sekwa Xamā	109
Os Cânticos do Sekwa Xamā	110
VI- MULHER (PIKŌ) AKWĒ	111
Origem da mulher pikŏ	112
VII- WAWĒ ĪPTOKRKDA (ANCIÃO)	116
Os anciões de cada clã	116
Preocupação dos jovens com a perda de WAWĒ ĪPTOKRKDA	118
RETRIBUIÇÃO DAKRĀIWAKĀ	119
VIII- Os AMBĀ - HOMENS	120
IX- AS CRIANÇAS	120

<i>SIPSA, BAKRDA, TURÊ, TARÊ</i>	120
<i>DAKRSU: ANNĀROWA, KRARA, AKEMHĀ E KRERĒKMŌ</i>	122
CHORO RITUAL	123
<i>ĪSITRO</i> TORA DE BURITI (GRANDE) QUE REUNE TODOS OS CLĀS COM RESPEITO	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
BIBLIOGRAFIA	129

Agradecimentos

Primeiramente quero agradecer *waptokwazawre* (DEUS) que tenho me dada força e proteção na minha caminhada. Por me permitir mais uma vez conseguir alcançar e subir degrau a mais. Por proteger meus filhos a minha esposa e toda a minha família durante a minha ausência para estudar.

Todo povo *Akwẽ* em especial ao povo da terra indígena Funil que foram fundamentais na minha caminhada em busca de respostas e todas da minha querida aldeia São Bento *kbarêwdêhu* onde todos foram importantes na construção da dissertação em especial o cacique Carlito Xerente foi uns dos minhas fontes importantes para as minhas duvidas e minha querida mãe Lídia *Nāmnādi* Xerente que uns dos meus revisores e conselheiras com suas falas sábias e todos os meus irmãos que de qualquer forma contribuíram com o trabalho.

Agradeço todos os anciões e ancãs do povo *Akwẽ* que foram as fontes da pesquisa em especial Enedino *Srênōkrã* Xerente que contribui muito no engrandecimento do trabalho que hoje pertença ao *Waptokwazawre* (deus), Reinaldo *Sapkakõ* Xerente que também contribui muito no trabalho.

Gilson *wakmõpte* xerente, grande jovem e experiente, que tanto me ensinou a observar com muita atenção as praticas culturais. Vem colocando em pratica o conhecimento que adquiriu do seu avô continuando a fazer roça tradicional.

Agradeço também todos os professores do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social que foram professores nas disciplinas obrigatórias e optativas professor Dr Alexandre Ferraz Herbetta, professora Dr^a Camila Azevedo de Moraes Wichers, professora Dr^a Camila Mainardi, professor Dr Carlos Eduardo Henning, professor Dr Glauco Batista Ferreira, professora Dr^a Izabela Maria Tamaso, professora Dr^a Joana Aparecida Fernandes da Silva, professora Dr^a Luciene de Oliveira Dias e professor Dr Luis Felipe Kojima Hirano. Todos foram importantes na construção do meu conhecimento em todas as disciplinas e todos foram compreensivos diante das minhas dificuldades e me puseram confiança em não parar no meio do caminho.

Aqui quero agradecer a minha querida esposa Natalia *Kwapredi* Xerente que foi guerreira na minha ausência fazendo o papel duplo como pai e mãe não deixando

faltar nada. Agradeço pelas palavras de incentivos e apoio por esta sempre comigo na minha caminhada.

Agradeço também os meus filhos que foram fortes em minhas ausências para o estudo *Wakmõpte*, *Bruwê*, *Srênõmrĩ* e *Pnĩrê*. As minhas filhas guerreiras *Krukwanê* e *Sidi* que durante o estudo passaram por momento difícil atingido por raio que deixaram entre a vida e a morte e hoje são as minhas heroínas.

Aqui chegou a vez de agradecer a minha orientadora professora Dr^a Joana Aparecida Fernandes da Silva que foi importante desde o início da minha caminhada por ter acreditado na minha potencialidade. Com suas palavras sábias bem colocadas me fez acreditar chegar até o final deste trabalho e orientações produtivas que engrandeceram o trabalho. Quando parecia que eu estava perdido, me colocava no trilho do trabalho. Agradeço pela paciência e todo o aprendizado que construir durante toda caminhada no mestrado e por não desistir de mim por esta firme na nossa empreitada de produzir o trabalho final brilhante.

Agradeço ao meu tio Alexandre *Chaparzane* Xerente e Davi *Samuru* Xerente que foram companheiros em Goiânia juntos desafios superados e uns ajudando com seu conhecimento nos momentos de estudos os dois foram amigos importantes na minha caminhada.

Aos meus amigos Wesley *Kupsinã* Xerente, Jorjivan *Wakukepre* Xerente, Valdirei *Sirnãwê* Calixto Xerente e Aureliano *Srêkmõrãte* Xerente que me ajudaram nas informações na busca pelo clã de cada cacique e aldeias.

Agradecer também secretaria municipal de Educação do Município de Tocantinia-TO, por ter acreditado no meu projeto e por ter me liberado para estudar nos primeiros anos de estudo.

Agradeço ao saudoso meu pai Ari *Taĩbô* Xerente por ter me deixado o legado de sempre continuar estudando e jamais desistir dos objetivos.

Por fim, quero agradecer a CAPES por me possibilitar a minha permanência com a bolsa de estudos que permitiu a minha estadia em Goiânia.

Enfim, agradeço a todos que de qualquer forma contribuíram com o resultado do trabalho final.

Resumo

Neste trabalho falo das noções de pessoa e as Formas de tratamento entre os *Akwẽ*, no entendimento do povo *Akwẽ*. Conta como foi as minhas experiências em campo vivenciar a realidade de estar juntos com as pessoas que ainda então firmes em manter as praticas culturais e saber que a cultura e forte ainda entre os *akwẽ*. Fala um pouco do meu lugar e a minha localização entre os *akwẽ* através da pintura corporal e da minha participação em umas das quatro associações *dakrsu* (associações) que formam o partido da grande corrida de tora e das regras no casamento. O respeito entre os *Akwẽ* através dos termos de tratamento com respeito e com todos da comunidade e familiares próximos que fortaleça mais em ser *Akwẽ*. Preocupação dos mais velhos com a nova geração que não praticam com frequência os termos de tratamento com respeito e o medo dos mais velhos que os termos ficam na dormência por falta da pratica futuramente. Um pouco da descrição e observação feita na festa tradicional e cultural da aldeia Funil. Descrevo também como e o processo da escolha para representar o *padi* (tamanduá bandeira) e um dos rituais que finalizam a festa cultural *Dassîpê* e o mito que conta o surgimento do *padi* nos *Akwẽ*. Trago também o discurso tradicional e sua importância na manutenção da língua materna e o uso da linguagem especializado na realização. E descrição de umas das principais regras entre os *Akwẽ* que define o respeito entre os clãs e metades exogamicas. As primeiras regras no casamento e obediência nos primeiros anos de casamento pertencer à família da esposa e um pouco da obrigação do tio de amarração de cordinha para a realização do casamento tradicional e do recebimento da desonra e dos filhos gerados após o casamento. Contar a minha experiência própria como tio de amarração de cordinha. Descrevo um pouco das pessoas *Akwẽ* que são importantes no entendimento o que e ser *Akwẽ* e experiência própria como participante do membro de um clã na abertura do sepultamento tradicional. E formação das classes de idade através das quatro associações que formam os partidos *STÊROMKWA* e *HTÂMhã* para grande corrida de tora comprida e sua importância na união dos clãs sem separação. O choro tradicional que é repassado pelos mais velhos e são praticadas com sentimentos e respeito.

Palavras-chaves: Ser *Akwẽ*, pessoa, respeito, clãs, *dassîpê*.

Abstract

In this work I talk about the Notions of person and the Form of treatment among the *Akwẽ*, in the understanding of the *Akwẽ* people. It tells how my experiences in the Field were experiencing the reality of being together with people Who were still firm in maintain cultural practices and know that the culture is still strong among the *Akwẽ*. Tell us a little about my place and my location among the *Akwẽ* through body painting and my participation in one of the four associations *dakrsu* (associations) that form the party of the great log race and the rules in marriage. Respect among the *Akwẽ* through the terms of treatment with respect and with everyone in the community and close family members that strengthens more in being *Akwẽ*. Concern of the elders with the new generation that does not frequently practice the terms of treatment with respect and the fear of the elders that the terms remain dormant due to lack of practice in the future. A little of the discretion and observation made in the traditional and cultural festival of the Funil village. I also describe how and the process of choosing to represent the *padi* (anteater) and one of the rituals that conclude the **Dassîpê cultural festival** and the myth that tells of the emergence of *padi* among the *Akwẽ*. I also bring the traditional discourse and its importance in maintaining the mother tongue and the use of language specialized in management. And a description of one of the main rules among the *Akwẽ* which defines respect between clans and exogamous moieties. The first rules in marriage and obedience in the first years of marriage belong to the wife's family and a little of the obligation of the uncle of tying a Cord for the realization of the traditional marriage and the receipt of dishonor and children Born after marriage. Tell my own experience as an uncle of tying a Cord. I describe a little of the *Akwẽ* people Who are important in understanding what it is to be *Akwẽ* and my own experience as a participant of the member of a clan in the opening of traditional burial. And formation of age classes through the four associations that form the **STÊROMKWA** and **HTÂMĤĂ parties** for a large long log race and its importance in the union of clans without separation. The traditional crying that is passed on by the elders and is practiced with feelings and respect.

Keywords: Being *Akwẽ* and respect among all

Introdução

Apresento este texto de um pesquisador indígena com um olhar diferenciado e preocupado com a identidade do seu povo e com as práticas culturais tradicionais que são importantíssimas para existência de um povo.

Meu lugar e localização na sociedade *akwê*

Meu nome é Anderson *Simrihu* Xerente, do povo *Akwê/Xerente*. Conhecido pelo nome indígena *Simrihu* na sociedade *Akwê*, pertenço ao clã *Kbazi*, clã irmão dos *krito* e *kuzâ*, com a identificação das pinturas corporais em bolinhas que formam a metade *Doi*. Na visão sócia cosmológica dualista o *doi* (sol/*bdâ*) e o *Wahirê* (lua/*wairê*) são os heróis míticos fundadores da sociedade *Akwê/Xerente*. Os clãs *wahirê*, *krozake* e *krãiprehi* formam metade *Wahirê*. Antigamente essas metades eram chamadas de Siptatô e Sdacrã e são patrilineares e exogâmicas, ou seja, casamentos são realizados entre membros opostos de cada clã (MELO e GIRALDIN, 2012, p.178)

A Ilustração abaixo mostra a pintura corporal do clã *kbazi* a qual pertence.

Figura 1- pintura corporal do clã KBAZI



Fonte: Ana Sherley Corsino Moreira Santos 2021

Minha esposa é pertencente ao clã *wahirê*, da metade *Wahirê*, e tem as pinturas corporais em listras. Nós dois seguimos as regras do casamento entre clãs

opostos, fortalecendo as práticas culturais ancestrais. A ilustração abaixo mostra a pintura corporal do clã *wahirê*, ao qual a minha esposa pertence.

Figura 2-Pintura corporal do clã Wahirê



Fonte: Ana Sherley Corsino Moreira Santos 2021

Como pertencente do clã *kbazi* e representando a metade *Doi*, sempre é necessário fortalecer os laços de respeito entre os clãs opostos. Sempre respeitar a esposa e a família e tratar todos com respeito. Como pertencente do clã *kbazi* também tenho meus direitos e obrigações a cumprir. Nos rituais sempre estamos sendo beneficiados em certas cerimônias como casamento tradicional: se um rapaz do meu clã, ou de clãs irmãos, se casar, posso desfrutar das delícias das comidas típica tradicional preparada para realização do casamento tradicional e meus filhos também podem pegar a comida, já a minha esposa não pode pegar a comida. Ela só pode pegar a comida quando um rapaz do seu clã, ou clãs irmãos, se casar. Já eu e meus filhos também não podemos pegar. Na casa os que podem comer na partilha das comidas do casamento tradicional são os pertencentes ao clã do rapaz, e os clãs irmãos também podem ganhar. Hoje, o casamento entre os clãs irmãos já acontece, mas os mais velhos não aceitam muito, pois podem enfraquecer os laços de respeito criados entre os clãs.

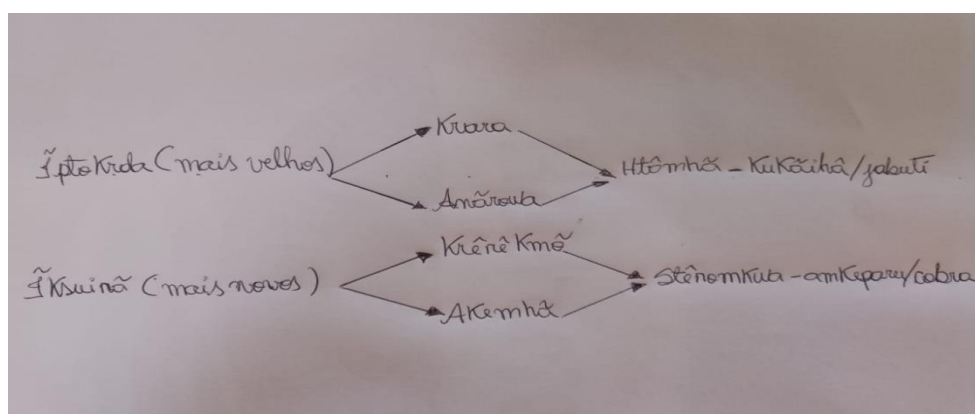
A divisão dos clãs serve ainda de base para a organização das suas aldeias (ALEXANDRE C XERENTE p, 19 2022).

[...] ao norte, ficariam as casas pertencentes aos membros de cada um dos clãs patrilineares da metade *Sdakra*; enquanto, ao sul, aquelas pertencentes aos membros dos clãs da metade *Siptatō*. Tal arquitetura seria responsável pela disposição simétrica e aposta de quatro pares de chãs, cada par contando com um clã de cada metade. Cada um desses agrupamentos de casa “clânicas” travaria entre si relações especiais, chamando-se mutuamente de *Nārkwā*. Essa ordenação espacial permanente só poderia existir em virtude da regra de resistência patrilocal (apenas no primeiro ano de vida conjugal). Ao centro, estaria o *Warā*- casa dos solteiros- circundado por locais destinados as reuniões dos membros de cada uma das associações masculinas Xerente- *akemhā*, *krara*, *anārōwa* e *krêrêkmō* [...] (NIMUENDAJÚ, 1942, apud DE PAULA, 2000, p. 170).

Além das duas metades e dos clãs, ainda tem as “associações” mencionados por Nimuendajú (1942), que compõem a sociedade XERENTE e são denominadas, na língua *Akwẽ*, de *Dakrsu*. Essa sociedade é constituída por quatros “associações” *akemhā*, *krara*, *anārōwa* e *krêrêkmō* ou “grupos de idades” denominadas por Farias (1990). Como sou filho primogênito do meu pai, devo pertencer necessariamente e vinculado ao mesmo *dakrsu* do meu pai, que é do *krara*. Os outros filhos, o pai vai indicando conforme o seu desejo. Se o pai tiver mais de quatro filhos, o quinto filho também dever ser incorporadas ao *Dakrsu* do pai e os seguintes a mesma logica *Kwanha* (2020). *Īptokrda* (os mais velhos) formam associações *krara* e *anārōwa* os filhos mais novos *īksuirā* (os mais novos) formam associações *akemhā* e *krêrêkmō*. Nesse grupo de idades me localizo no grupo dos *īptokrda* que formam outro grupo *htâmhā* corredores para a disputa da grande corrida de tora comprida, chamada na língua *Akwẽ* /Xerente de *īsitra*. Outro grupo, os *īksuirā*, formam o *stêromkwa*.

A ilustração abaixo mostra explicação detalhada os acolhimento e formação dos grupos.

Figura 3- Desenho da explicação do acolhimento e formação da associação



Fonte: Anderson Simrihu Xerente 2024

Na nomeação feminina, os *ĩptokrda* são batizados à noite e, uma só pessoa de cada vez, sem ensaio, acompanhado de um canto e dança. Os *ĩksuirõ* batizam com ensaio, de dia, com cantoria e dança, nomeando-se a cada vez, duas ou mais meninas. Os *ĩptokrda* batizam as filhas dos *ĩksuirõ* e, vice-versa.

Segundo os mais velhos até há pouco tempo, para cada associação crescer, e não se acabar cortava-se o cabelo dos meninos destinando-os para uma das quatro associações. Esse rito, às vezes, era realizado pouco antes da hora da morte de um dos associados. Ele chamava os meninos, mandava cortar o cabelo deles para que, daquele dia em diante, pertencessem a sua associação. Outro rito importante antes da corrida de *ĩsitro* (tora grande), os meninos que passam a noite e dormem acompanhados de um pajé, para proteger *ĩsitro* contra maus espíritos. Antes de a corrida iniciar, dois meninos são escolhidos pelos anciões para saírem correndo e dar início à grande corrida do *ĩsitro*. Aquele que chegar primeiro no *warã*, o pátio central da aldeia, automaticamente pertencerá ao grupo, ou partido, *stõromkawa*. O local exato onde o primeiro menino parou será o local onde as toras grandes serão colocadas.

ĩsitro é uma grande tora de buriti, feita pelos dois homens escolhidos pelos anciões, antes da festa tradicional *dassipê*. Um dia antes da grande final da festa tradicional *dassipê* os dois *danõhuikwa* (mensageiro) vão bem cedo à mata para escolherem pé de buriti. Após escolherem eles cortam o pé de buriti os dois mensageiros escolhidos pelos anciões não são da mesma metade como veremos a seguir melhor explicação adiante sobre isso. Os mensageiros podem receber ajuda de

outras pessoas da mesma metade para fazerem sua tora grande para a grade final da corrida. As toras de buriti grande elas podem pesar até os 250 kg e são carregados por duplas de duas pessoas. Após terminar de preparar as toras grandes uns dos mensageiros avisar aos anciões que as toras já estão prontas. Como as toras são sagradas e feitas apenas uma vez na festa para o encerramento um ou mais ancião que seja pajé vão com as crianças até o local onde as toras foram colocadas para que as toras não amanheçam sozinhas e para que os espíritos ancestrais não toquem nas toras, para que não ocorra acidente com os corredores. Segundo os anciões os espíritos ancestrais gostam muito dos rituais sagrados, mas que eles trazem coisas ruins como tragédia em corrida de tora ou adoecimento de corredores por isso que os pajés são importantes nas realizações de rituais sagrados.

O respeito e as regras são respeitados ainda na corrida de tora grande. As escolhas das partes do tronco de buriti também não é de qualquer jeito para os irmãos mais velhos *Htâmhã* são sempre a primeira parte do tronco do pé de buriti e a parte da ponta do tronco são para os irmãos mais novos *Stêromkwa*. Os dois partidos têm suas próprias pinturas corporais na hora da corrida todos se conhecem pelas pinturas. Todos os corredores devem seguir as regras e respeitar deve amanhecer no pátio central da aldeia cantando com os outros corredores e todos são pintados e ornamentados.

Segundo os mais velhos, a respeito das associações, existem ainda algumas dúvidas, assim como interpretações diversas. Até pouco tempo atrás pertencia ao partido *stêromkawa* do meu avô que me criou e educou pertencente do clã *krito*. Enquanto estive sob os ensinamentos do meu avô, o único direito que tive foi herdar a pintura clânica do meu pai e todos os benefícios culturais. A minha entrada na universidade me fez buscar respostas das minhas dúvidas e a graduação não foi suficiente para compreender interpretações diversas. As portas da Universidade Federal de Goiás continuaram abertas e foi no Programa Pós-graduação de Antropologia Social que realmente me senti no caminho certo para compreender o meu lugar na sociedade. *Akwẽ* Até o ano de 2021, ainda eu me pintava com as pinturas corporais do partido *Stêromkwa* do meu avô, e pertencia à associação *akemhã*.

Figura 4- Pintura corporal do partido Stêromkwa, na festa tradicional da aldeia Funil



Fonte: Natalia Kwapredi Xerente 2021

Bem no final da festa tradicional *dussîpê* da aldeia Funil, no mês de abril do ano de 2021, eu estava pronto para a grande corrida de tora grande, já com a pintura do partido *stêromkawa*. Meu pai nunca tinha me visto na vida com as pinturas corporais do partido. Nesse momento ele me convidou a sentar e falou:

“olha, filho não pude lhe ensinar certas coisas porque a vida me rumou na direção onde não vi e nem acompanhei a sua vida e trajetória de perto, mas sempre estive nos momentos que um pai deve estar para os filhos. Você deve pertencer ao meu partido *Htâmhã* seguindo as regras e ensinamentos ancestrais e não deve correr nesse partido que você está pintado, deve correr no meu partido” (meu pai, TÁÏBÔ 2021).

Nesse dia não corri, apenas acompanhei a corrida; estava tão pensativo com as palavras do meu pai. A preocupação dele me fez buscar mais respostas que precisava para compreender a minha posição em pertencer ao grupo certo. No final do ano 2021 meu pai veio a falecer, não conseguindo presenciar o momento importante da minha vida, a conclusão da licenciatura em Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás, fui o primeiro da família a conseguir ter diploma do curso superior. No mesmo ano me inscrevi no processo seletivo do mestrado do Programa pós-graduação de Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás e fui aprovado na turma 2022/01. Quando recebi notícia que fui aprovado no programa

foi emoção para todos da família. Nesse momento falei a mim mesmo vou honrar o desejo do meu pai e pertencer ao partido que ele pertencia e seguir as tradições. A caminhada na academia me fez seguir o certo, hoje me sento no lugar certo, no grupo certo.

Na imagem abaixo podemos observar a qual partido ou grupo devo participar. À direita da imagem está meu tio com a mesma pintura corporal do partido do meu pai e a qual deve seguir.

Figura 5-Pintura corporal do partido Stêromkwa e Htâmhã na festa tradicional da aldeia Funil



Fonte: Natalia Kwapredi Xerente 2023

Como primogênito da minha mãe, que é pertencente do clã *wahirê*, devo sempre respeitar, jamais desobedecer. O respeito e por ter nascido do ventre do clã oposto me obriga a respeitar todos do clã. Ser o primeiro filho, ou filha, nos coloca no caminho da responsabilidade e ser exemplar diante da família e da sociedade que vivemos; nos rituais somos os primeiros a estar disponível para as realizações dos rituais. Na ausência dos nossos pais, somos os responsáveis pela família toda, juntamente com os nossos anciões para resolver situações inesperadas que acontecem no dia a dia como desentendimento com alguém da comunidade, ou briga entre

irmãos. Sempre buscando a união na família, reunindo os irmãos para orientação ou correções de condutas diferentes. Contribuindo um pouco para os irmãos e familiares que estão passando necessidades. Ouvir mais os mais velhos da aldeia e contribuir com os seus conhecimentos na comunidade.

Através da minha pintura corporal, os membros do meu povo podem me localizar a qual clã pertence. Através do nome *Akwẽ* é possível minha localização, ou de outra pessoa, e também pelas formas de tratamento. Com o *dakrsu* é impossível saber a qual clã pertence, pois para formar partido ou grupo da corrida de tora, qualquer clã poder estar. De acordo com a ordem de nascimento.

Segundo os mais velhos, Ser *Akwẽ* não é apenas pintar o corpo com jenipapo e passar urucum no rosto é praticar as práticas ancestrais tradicionais e conhecer o seu papel na comunidade e seu lugar na sociedade *Akwẽ/Xerente*, mas é preciso entendimento aprofundado sobre o que é ser um *Akwẽ*. Os *Akwẽ* vêm fortalecendo as suas origens e tradições culturais através da oralidade de geração em geração, e a chegada da escrita foi extremamente importante na documentação de saberes ancestrais tradicionais e documentação das memórias ancestrais. Nessa oportunidade quero buscar explicação detalhada sobre a NOÇÃO DE PESSOA E AS FORMAS DE RESPEITO ENTRE OS *AKWË*. O respeito na sociedade *Akwẽ* está fundado a partir das divisões dos clãs. Os clãs têm deveres e obrigações iguais dentro da organização social, e das divisões dos clãs vem às formas de tratamento com respeito. Tudo isso deve se entender que ser *Akwẽ* é viver numa cultura com regras e comportamentos de respeito na sociedade *Akwẽ*.

O respeito na cultura *Akwẽ/Xerente* está em tudo, no dia a dia da comunidade e todo o ensinamento começa dentro de casa com os pais, e no processo da educação de uma criança *Akwẽ* é preciso todos da comunidade. Nesse processo do ensinamento cada um tem seu papel importante no ensino e aprendizagem, os pais ensinam os termos de tratamento com respeito a partir que a criança começa falar a língua materna. O bonito de tudo isso é que a cultura *Akwẽ* tem uma organização social muito bem fortalecida e respeitada pelo todos da comunidade, mas é preciso que seja pesquisado e registrado o entendimento detalhado sobre o que é ser *Akwẽ*.

Para os jovens pode ser difícil dizer o que é ser *Akwẽ*? Porque o mundo em vivemos está cheio de cultura exterior que nos deixa sem escolha e acabamos nos

adaptando a essa escolha de viver entre a nossa cultura, nessa escolha sempre fomos forte de resistir e existir para fortalecer a nossa identidade e nessa pesquisa busquei respostas que responderam essa pergunta o que é ser *Akwẽ*. Busquei respostas através de entrevistas com anciões que ainda estão vivos respeitando as regras entre os clãs e observações.

Através das histórias e mitos temos algumas explicações que contam as histórias das mulheres dos homens e dos pajés, essas histórias precisam ser registradas para serem conhecidas. Só assim os mais novos terão o conhecimento das histórias e conhecerem próprias origens e trajetórias históricas do nosso povo.

Os Capítulos presentes nesta dissertação

Primeiro apresento o capítulo um as minhas vivências e experiências em campo, quanto foi importante estar no campo vivenciar momento único que nos faz refletir bastante sobre as práticas culturais e costumes que ainda resistem entre o povo *Akwẽ*. Estar em campos e evidenciar a realidade de perto. A segunda aventura em campo foi mais que aventura, foram dias marcantes de aprendizagens e sentir que o povo *Akwẽ* muito unido e forte em manter as práticas culturais, organizados e preocupados com o futuro próspero com o entorno dos territórios. Na terceira vez que estive em campo foi de sentir que o povo *Akwẽ* é muito resistente em manter a sua identidade o contato não diminuiu a vontade de existir. Nessa minha vivência em campo foi incrível, conheci as regiões e suas organizações nas comunidades e poderes entre os clãs na condução de uma aldeia e utilização dos termos de tratamento com as pessoas de outro clã e também pra localização da linhagem de parentesco.

Quero contar um pouco da experiência em campo, participando da festa tradicional *dassîpê* na aldeia Funil, no ano de 2023, experiência inesquecível e marcante que levo como aprendizado, sentir o calor da cultura se movendo através dos sons marcantes dos maracás acompanhados de vozes incomparáveis dos mais velhos ecoando toda a aldeia e sentir o peso da pintura corporal na pele com grafismo específico e diferenciado que representa a minha identidade. *Padi* (Tamanduá bandeira) é um dos rituais que são realizados no último dia da festa, preparados pelos anciões obedecendo às regras na escolha dos homens para representar o padi, e seguindo todos os processos para a construção e ornamentação do *padi*. Discurso

tradicional *Akwẽ* umas dos rituais muito forte ainda descrevo um pouco como são os discurso no casamento tradicional quem pode discursar. Descrevo também algumas regras de convivências entre os *Akwẽ*, conto um pouco da minha experiência como tio de amarração de cordinha desde amarração ate o casamento.

Apresento o Capítulo dois, Ser *Akwẽ* e o modo de respeito entre todos. Um indivíduo *Akwẽ* constrói seu caráter e o respeito deste seu primeiros ensinamentos recebidos dos pais, tanto do homem como da mulher. Os ensinamentos indispensáveis são os termos de tratamento com respeito que um *Akwẽ* deve conhecer e aprender. Quando os termos de tratamento são bem utilizados somos vistos como pessoas educadas e respeitadas por todos. Através dos termos de tratamento somos também localizados na posição que temos na família ou na comunidade. Preocupação dos mais velhos com os jovens é de todos. Os mais velhos estão percebendo que alguns jovens não estão praticando os termos de tratamento com respeito.

No terceiro capítulo, “As pessoas *Akwẽ*”, quero falar da importância dos líderes e detentores dos conhecimentos ancestrais que sempre foram os que carregaram e transmitiram as práticas e ensinamentos culturais. Também quero explicar as funções que cada líder tem em sua comunidade e o reconhecimento da comunidade pelo papel exercido que é o respeito. E os cantos que devem aprender para enunciar um aviso ou chamamento para uma grande reunião.

Na busca de entender a pessoa *Akwẽ*, discuto a importância do *sekwa* (pajé/xamã), seu processo de iniciação para se tornar um pajé/xamã. Os donos, os *Akwẽ* chamam de *tdêkwa* (Os donos seres), os pajé/xamã curam através dos *tdêkwa*. A força dos *sekwa*/xamã e o respeito que todos têm pelo reconhecimento espiritual sagrada. Descreverei também a importância das *pikõ* (mulheres *Akwẽ*) na sociedade *Akwẽ* e no processo da educação e da transmissão do conhecimento tradicional e sua origem.

Apresento também todas as fases da vida de uma pessoa *Akwẽ* neste capítulo.

Na composição da pessoa *Akwẽ*, temos os *wawẽ iptokrda* (ancião), a fase importante quando uma pessoa é muito respeitada em sua vida de *Akwẽ* e para toda a

comunidade. E sua importância em momentos de rituais como discurso tradicional e situações que só os anciões podem representar o clã que pertence. E a preocupação dos jovens com as perdas precoces dos *wawê iptokrda* (ancião) que são biblioteca sagradas e são fontes de acessos aos conhecimentos tradicionais e culturais. Descrever a importância do ritual sagrada *dakrãiwakâ* (retribuição) ritual muito forte entre os *Akwê*. Ritual realizado quando morre alguém de um clã deferente e outros clãs da metade oposto que façam todo o processo do enterro e recebem retribuição pelo trabalho em forma de agradecimento. Como o povo *Akwê /Xerente* é organizado em clãs, a metade *Wahirê* é composta por clãs *Wahirê*, *Krozake* e *Kräiprehi* donos das listras e outra metade, *Doi* é composto por *Krito*, *Kbazi* e *Kuzâ* donos das bolinhas. Na cultura *Akwê /Xerente* o enterro não pode ser realizado pelo mesma metade ou pelos clãs que compõem. Descrevo um pouco da minha experiência como membro de clã na abertura de uma sepultura tradicional. Descrever um pouco quem é homem/ambâ e as *aikde* (crianças). A importância do choro tradicional como se aprende em que momento se deve praticar e descrevo também a importância da grande tora de buriti que reúne todos os clãs para uma grande corrida para celebrar o encerramento da festa tradicional *dassîpê*.

Aqui trago os resultados da minha pesquisa em campo que me fez refletir bastante sobre as práticas culturais tradicionais que nossos ancestrais sempre fortaleceram e aos poucos essa prática vem sendo pouco valorizadas e praticadas. Como roça de toco tradicional, lugar onde os nossos ancestrais plantavam de tudo de onde tiravam seus alimentos. A roça de toco também é lugar de aprender. Tudo que fazemos e praticamos que fazem parte da nossa cultura e identidade.

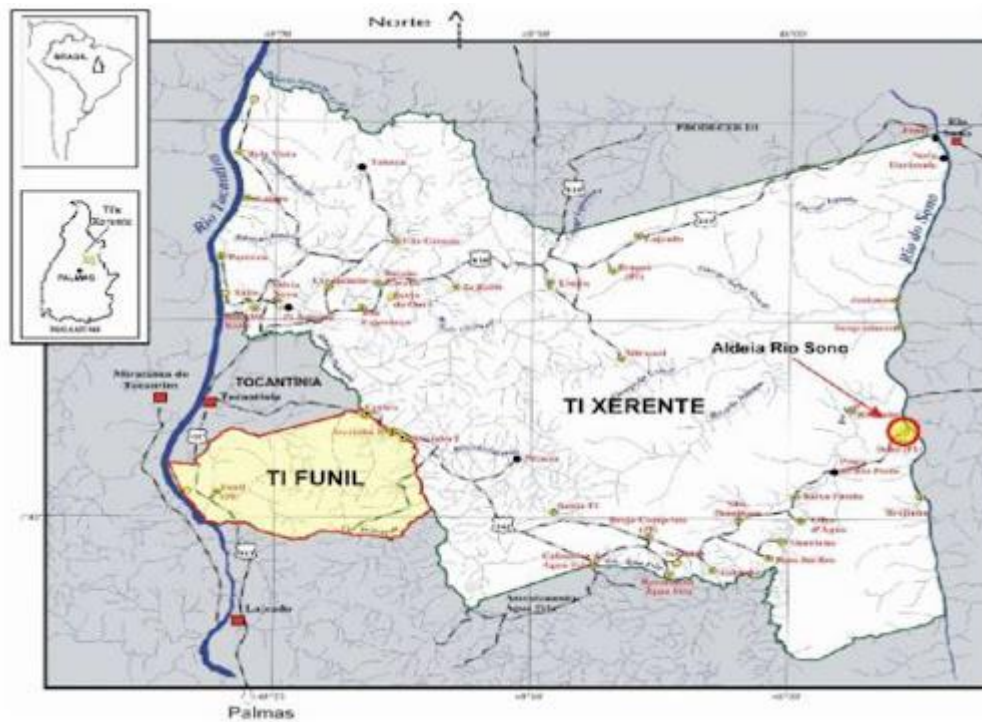
Localização e população Xerente

O povo XERENTE, autodenominado *Akwê* que significa "indivíduo", "gente importante, está localizado na margem direita do Rio Tocantins, próximo à cidade de Tocantínia, no estado do Tocantins, Brasil.". O território indígena XERENTE abrange uma área de aproximadamente 183.542 hectares que integram as reservas indígenas XERENTE e FUNIL, ambas situadas no cerrado, a cerca de 70 km ao norte da capital, Palmas.

De acordo com os dados da SIASI (Sistema de Informação da Atenção à

Saúde Indígena), a população do povo XERENTE é de aproximadamente 4024 no ano de 2023 e 118 aldeias reconhecidas recentemente pela coordenação técnica local da FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas) do município de Tocantnia-TO 2025.

Figura 6- Mapa das Terras Indígenas XERENTE e FUNIL



Fonte: http://www.uft.edu.br/neai//file/diss_genilson.pdf (acessado em maio de 2025)

Capítulo I - Vivencia e Experiências no trabalho de campo

Figura 7-Anderson Simrihu Xerente no Campo



Fonte: Natalia Kwapredi Xerente 2024

Relato I- Primeira observação em campo

No dia 23 de junho de 2024 fui visitar meu sobrinho Gilson *Wkmõpte* Xerente que mora bem distante da aldeia, fui passar uns dias com ele para dialogarmos sobre a nossa cultura a nossa identidade. Chegando na sua residência fomos bem recebidos, levei toda minha família junto comigo, chegamos às duas horas da tarde. Quando cheguei ali, senti aquele vento leve batendo no meu rosto parecendo dizer: seja bem vindo de novo. Aquele lugar foi onde aprendi que união e a força de resistência, quando eu tinha dez anos de idade minha avó me levou junto com ela para esse lugar. O lugar era onde todas as mulheres se reuniam para descascar as mandiocas e colocar para amolecer na cacimba de água. Perto dali tinha uma roça grande de mandioca, onde os homens eram encarregados de arrancar e levar até as mulheres. Todo trabalho era coletivo e algumas tarefas eram divididas. Ainda lembro bem que tudo era feito com alegria e os adultos sempre nos demonstravam confiança em tudo. Os homens torravam farinha e as mulheres faziam beiju de mandioca para todos. O trabalho durava em torno de quatro dias só depois de conseguirem o suficiente para todos, aí que todos iam voltar para aldeia. Durante esse período de trabalho muitas coisas aconteciam, como confecção de cofos pelas mulheres para carregar mandioca, peixe e utensílios próprios, nessas exposições de

conhecimentos que as meninas jovens aprendem a confeccionar também. Enquanto os homens a noite vão pescar peixe tudo que era pescado tudo era compartilhada entre todos que estavam ali às vezes também acontecia caçada comunitário e os meninos também ali se encontravam no meio da educação cultural.

Ali foi um lugar de aprendizado e voltar nesse lugar me fez cair lágrimas me fez voltar ao passado muito diferente dos dias de hoje.

Vendo meus filhos ali brincando sentindo aquele vento que me recebeu também dando boas vinda aos meus filhos. As crianças estavam todas alegres correndo para cá para lá, banhando no córrego estavam feliz ali.

Já quase bem de tarde sentei ao lado meu sobrinho *Wakmõpte*, fiz uma simples pergunta: você é feliz aqui? Na humildade ele me respondeu

“Aqui e onde eu sento a paz, tranquilidade de acordar com os cantos dos pássaros e viver com a dinâmica da natureza tudo aqui é um aprendizado, tudo que quero fazer aqui, faço”.

Simple resposta me fez refletir bastante quanto o nosso modo de vivencia tenho acompanhado a evolução ocidental. Em algumas aldeias há chegado da evolução e da modernidade tem confundida a mente dos nossos jovens. Tenho percebido através das preocupações dos nossos mais velhos que os jovens de hoje são diferentes.

Wakmõpte em sua fala diz que está preocupado com a nova geração, por isso ele fez uma casa longe da aldeia para fazer uma roça onde pode plantar o que ele quiser. A sua escolha de morar longe da aldeia foi para praticar os costumes ancestrais de fazer roça seguindo as práticas culturais respeitando o momento certo que o tempo proporciona e para caçar também. *Wakmõpte* não consume muito alimentos industrializados da cidade, consomem mais comidas tradicionais como beiju, grolado, carnes de caçar e peixes tratados e preparados a modo tradicional e cultural. A preocupação dele com a nova geração e que muitos não conhece o que nossos ancestrais faziam o que eles comiam o que eles faziam para fortalecer a sua acultura. *Wakmõpte* mostra aos jovens em práticas que podemos resistir ainda fazendo a nossa parte.

Wakmõpte, já um homem experiente, posso dizer que é um grande conhecedor da cultura Akwẽ e já vivenciou muitas práticas culturais realizadas pelos anciões que já se foram e deixaram legado.

Já quase bem de tarde, ele me convidou para pescarmos à noite no córrego um pouco longe dali. Antes de irmos, ele orientou a sua esposa para tomarem muito cuidado durante a nossa ausência, porque por ali de vez enquanto passa onça pintada atrás de suas presas, para se alimentar. No caminho para a pescaria ele relembra que antigamente nosso povo pescava ali, era só alegria todos juntos o trabalho era tudo coletivamente. A pescaria era o momento de unir os conhecimentos para realizar a pescaria tradicional. Nem todos sabem as regras e quais matérias são necessárias para fazer uma pescaria cultural. *Wakmõpte* conta que é preciso que um *Sekwa Akwẽ* (Pajé/Xamã) esteja acompanhando na pescaria, pois ele será a ponte do diálogo com os seres donos do peixe e será responsável em proteger a todos contra qualquer mal que vem dos espíritos da água. Só quando os donos permitirem que a pescaria tradicional possa acontecer, segundo os mais velhos alguns seres donos podem pedir a recompensa por pescaria perfeita, só os pajés sabe o que eles pedem. Na pescaria tradicional nem todos os homens podem participar, os mais velhos orientam que quem tiver mulher grávida não pode ajudar na preparação dos tinguis e nem entrar na água, pois pode enfraquecer a substância do tinguis. Quando isso acontecer os mais velhos colocam cordinhas no pescoço e nos braços dos homens que estiverem esperando filhos, cordinha feita em segredo.

Wakmõpte diz que ali já aconteceram várias vezes a pescaria tradicional e já presenciou os mais velhos ali fazendo em práticas. Na língua *Akwẽ* o lugar onde fomos pescar é chamado de *Sõwahu*, posso tentar traduzir em português aproximada (*Sõ*/pescar, *Wahu*/ano).

Quando chegamos ao córrego ele me orientou que preciso de muito cuidado onde devo pisar, pois, por ali tem muitas cobras e cada um foi procurar lugar para pescar. Fui procurar lugar bom para pescar era bem fundo ali poderia pegar muito. *Wakmõpte* foi descendo o córrego abaixo só ouvia barulho dos peixes dele pegando; ele tinha jeito muito diferente de chamar os peixes com farinha de pescar, ele fazia barulho na água e logo ele fispava uma. Eu só observando aquela prática de chamar os peixes.

Pescaria: foi ótimo ir ao córrego, foi relembrar que ali que nossos antepassados faziam suas pescarias para sustento da família. Antigamente todos os córregos do território eram de abundância em variedade de tipos de peixes. Nosso povo respeita muito a natureza e está em constante contato com ela, respeitando o momento que a natureza precisa para recompor o que tiramos dela. Meus avôs contam que na época da chuva os peixes caem do céu para dar a vida aos córregos que estão quase morrendo. Meus avôs sempre trabalharam na roça, desde criança acompanhei o trabalho deles. A roça era sempre distante da aldeia e às vezes passávamos dias limpando ou colhendo, nessas idas e vindas da roça no caminho para casa encontramos muitos peixes na estrada tinha acabado de chover muito. Eram filhotinha de peixe que só se encontrava nos córregos grandes, eu tinha oito anos de idade para mim era inacreditável não tinha córrego ou lago de onde a chuva da água estava vinda e a chuva da água levava os peixinhos em direção ao córrego perto dali. Meu avô me diz que *Waptokwazawre* (Deus) tinha mandado.

Voltamos onze horas da noite, no caminho fomos ouvindo os sons da noite *Wakmõpte* conhecia todos os sons, ouvimos lobo guará rosnando perto dali, canto da seriema no calar da noite e raposa latindo atrás de nós. *Wakmõpte* conta que à noite pode ouvir tudo, até os pequenos grilos.

Ao chegarmos a casa onde estávamos e as crianças estavam todos dormindo, só nossas esposas estavam acordadas e fomos tirar peixes do cofo que tínhamos pegado. Tinha pegado apenas cinco peixes traíra e o *Wakmõpte* tinha pegado mais de trinta peixes traíra. *Wakmõpte* tinha muito experiência em pegar peixe, ali fiquei refletindo a gente não sabe de tudo estamos em constante aprendizado e a pescaria foi uma experiência que levo para minha vida. As mulheres foram tratar os peixes enquanto elas estavam tratando, fomos comer era comida que me fez lembrar a meus avôs, grolado de mandioca com peixe assado foi ótimo, tudo preparado com o jeito único do *Akwẽ*. Fomos dormir quase meia noite. Ali não tinha energia, nem redes de internet, estávamos sem contato com o mundo fora dali.

Fui acordado com os cantos dos pássaros e da seriema cantando bem longe, chamando o amanhecer e o vento que passava, parecia assobiar para acordar as árvores para receberem o sol que logo ia nascer trazendo o dia lindo e energia. O amanhecer era lindo, e era lindo ver as crianças interagir com o ambiente. Segundo

os mais velhos o vento também pode trazer aviso ou vir coisas ruins através dele, dizem eles. Através dos ventos podem vir doenças que só os pajés podem intervir, ou até mesmo jogar longe da aldeia. Os mais velhos dizem também que quando vento está ventando ao contrário é o sinal que alguma coisa ruim está para acontecer. É conhecimento dos mais velhos que até hoje nos ajuda a compreender o meio que vivemos.

Bem cedo *Wakmõpte* nos convida a conhecer a sua roça e fomos. No caminho da roça encontramos muitas pegadas de animais, ele sabia cada rastro de quem ali passou, tinha pegada de tamanduá mirim, quati, veado, tatu e fomos seguindo, observando pelo caminho as flores de algumas árvores já florescendo, como pequi muito apreciado pelos *Akwẽ* e pelos animais também. *Wakmõpte* conta que mexer na roça não é fácil e é preciso muita dedicação e muita vontade de trabalhar; diz que para tudo tem o seu tempo para ter uma roça é preciso todo o conhecimento, deve escolher bem o terreno com terra fértil que pode dar fartura boa. O terreno escolhido deve ser roçado entre os meses de maio, junho ou julho bem no final do mês de julho acontece a derrubada da roça. No mês de agosto quase ninguém mexe com a roça, é o mês que os *Akwẽ* respeitam muito. A queimada acontecia no tempo certo, tudo bem organizado e o fogo controlado. Segundo os mais velhos, o mês de agosto é muito perigoso, tudo que é de serviço braçal é parado pelos *Akwẽ*. As crianças não podem brincar muito, nem subir nas árvores, pois é um período que acontece muito acidente e ninguém pode fazer casa se fizer a casa, pode pegar fogo fácil. E o mês sagrada para os *Akwẽ* e aqueles que ousarem desrespeitar os ensinamentos sagrados sabem que estarão sujeitos aos acontecimentos. Então continuamos a seguir pela estrada, o lugar escolhido pelo *Wakmõpte* era lugar estratégico e a roça ficava um pouco para frente no meio da mata. Até a roça, quanto aprendizado foi adquirido meus filhos estavam adorando a caminhada e no caminho *Wakmõpte* estava nos ensinando o nome de cada árvore que passávamos.

Figura 8-Indo para roça tradicional



Foto de Natalia Kwapredi Xerente, 2024

Da roça, nossos ancestrais tiravam seus alimentos; tudo eram natural e plantado no momento certo. *Wakmõpte* diz que se sente feliz vendo sua roça cheia de variedade de mandioca. Tinha vários tipos de mandioca brava e manso, feijão andu. Os pés de mandioca eram tão altos que passavam de dois metros de altura e feijão andu também. Como o conhecimento foi fundamental para escolha do local para a roça tradicional.

Figura 9- Na roça de Toco Tradicional



Fonte: Natalia Kwapredi Xerente, 2024

Wakmõpte diz que está preocupado com a nova geração, o futuro depende da nossa juventude. Preocupação do *Wakmõpte* é a preocupação dos nossos anciões estão numa época diferente dos nossos ancestrais. Os costumes da colonização estão no nosso meio e a mente dos nossos jovens está entre duas culturas. O nosso mundo não está mais intacto, somos sujeitos às novas aprendizagens de costumes e culturas. Uma das preocupações do *Wakmõpte* é que aos poucos, estamos optando por costumes vindos de fora, estamos deixando de lado os nossos costumes tradicionais. Como consumir comidas tradicionais, comidas tradicionais são preparadas sem devidos temperos industrializadas, sem óleos de cozinhas que tem tantos produtos químicos, e sem sal. Nossos ancestrais se alimentavam de comidas tradicionais e não tínhamos tantas doenças como temos hoje na nossa sociedade. Seguíamos dieta não podíamos comer quaisquer coisas sem orientações dos especialistas. Segundo os mais velhos, nosso povo uns tempos atrás, antes do contato, tínhamos estatura maior que de hoje, e vivíamos mais tempo. Éramos resistentes, nossos jovens eram mais fortes porque eles não consumiam comida salgada. A preparação dos nossos jovens também dependia dos alimentos preparadas de forma tradicional. Todo o alimento consumido era vindo da roça. *Wakmõpte* diz que muitos jovens não sabem o que é

grolado, beiju e outro cardápio feito a partir da mandioca porque os paladares estão viciados em comidas bem temperadas. Quando vão experimentar comida tradicional podem estranhar.

A preocupação do *Wakmõpte* nos leva a pensar profundamente o que estou fazendo enquanto Akwẽ para fortalecer a nossa identidade. Precisamos resgatar as práticas culturais, os ensinamentos tradicionais. Precisamos educar a visão dos nossos jovens para poderem enxergar a realidade onde estamos vivendo, precisamos educar o paladar dos nossos jovens para poderem apreciar as comidas típicas da nossa cultura, precisamos educar os ouvidos dos nossos jovens para poderem aprender a ouvir melhor os nossos anciões e interpretar as vozes da natureza.

A roça de toco tradicional e o local de aprender. *Wakmõpte* sabia quais mandiocas estavam prontas para serem arrancadas e me mostrou os pés para arrancar que eram de mandioca mansa.

Figura 10- Arrancando mandioca na roça de toco tradicional



Fonte: Natalia Kwapredi Xerente 2024

Wakmõpte é muito estratégico, só ele sabe onde estão plantadas as mandiocas mansas. No meio de todas as mandiocas bravas, esta mandioca mansa então não é qualquer pessoa que pode arrancar mandioca mansa. De tanto aprendizado ali na roça que o *Wakmõpte* nos ensinou, percebi real preocupação dele com a nossa juventude realmente precisamos mostrar aos nossos jovens que nascemos numa cultura rica e bonita precisamos viver a cultura. Depois de tanto aprendizado, voltamos para casa levando conhecimentos e mandiocas arrancadas.

Figura 11-Voltando da roça de toco tradicional



Fonte: Natalia Kwapredi Xerente 2024

O conhecimento é algo que depois de aprendido ninguém nos tira, mas é preciso por em prática e isso que *Wakmõpte* vem fazendo.

Após que chegamos de volta à casa do *Wakmõpte*, fomos apreciados com comida tradicional, feita com o preparo específico. Peixe assado e cozido com grolado bem gostoso, as crianças estavam adorando. Depois do almoço sentamos embaixo das sombras das árvores que ali o ambiente oferecia. De repente *Wakmõpte* se lembrou do seu avô, *Nrãsumēkwa* (Nome do avô do *Wakmõpte* na língua *Akwẽ*), que era grande líder da comunidade que lutou pela demarcação dos Territórios indígena XERENTE e FUNIL. *Wakmõpte* conta que tudo que aprendeu foi graças a seu avô. Percebi nos olhos do *Wakmõpte* a emoção ao lembrar-se do seu avô. *Nrãsumēkwa* (Nome do avô do *Wakmõpte*) que foi também grande conhecedor da cultura *Akwẽ* e era *Sekwa* (pajé/xamã) era raizeiro e conhecia canto dos rituais da festa cultura tradicional. *Wakmõpte* conta que quando a festa tradicional termina todos os participantes choram.

Quando estamos sendo letrados por alguém que conhece a cultura ficamos pequenos diante de um grande conhecedor da cultura. O que aconteceu comigo foi que estava sendo letrado e ampliando meus conhecimentos. Letramento diferenciado em compreender as práticas culturais do nosso povo. Em dois dias de visitar foi

espetacular foi momento de muito aprendizado. Voltamos para nossa casa com a certeza de que é preciso viver a nossa cultura e fortalecer a nossa identidade.

II- Relato de experiência de campo II

No dia 07 de novembro de 2024 estive participando da reunião dos líderes indígenas *Dakmãdkâkwa* (Cacique) na aldeia Funil *Sakrêpra* (nome da aldeia na língua) para discutir a possível pavimentação do trecho de 7 km TO 010 que passa na reserva indígena do FUNIL. Onde foram discutidas as percepções e foram lembrados pelos mais velhos histórias de lutas travadas para a conquista da demarcação da terra. Senhor Sabino *Hêsukamwa* do clã *Wahirê* relatou que a demarcação diminuiu e delimitou o território que antes era muito grande e lugares sagrados ficaram de fora da demarcação, cemitérios antigos e aldeias antigas onde ancestrais faziam suas roças e caçadas. O relato do senhor Sabino nos faz refletir que o território é tudo para os povos indígenas. Os mais velhos estão preocupados com o crescimento das lavouras e empreendimento que estão cercando territórios indígenas. Esse desenvolvimento também está trazendo impactos sociais, ambientais e culturais. O povo *Akwê/Xerente* tem experiência negativa com a construção da barragem LUIS EDUARDO MAGALHÃES, que fica localizada no município de Lajeado do Tocantins que a 15 km da Terra Indígena FUNIL e XERENTE. A compensação do impacto não supriu os impactos diretos. Até hoje o povo *Akwê* vive com os impactos deixados pela construção. Senhora Hortência *Wareti* do clã *Krito* relato que antes da barragem era farto de peixes existia várias espécies de variedades de peixes que os maridos iam pescar peixe no rio logo voltava com peixes, os homens plantavam milho, feijão e outros variedades de hortaliça nas vazantes. Através dos relatos percebemos as mudanças que vem acontecendo nos territórios *Akwê/Xerente*: rios pobres de peixes, os solos contaminados de agrotóxico e território com poucas caça, poucas frutas nativas e clima totalmente diferente daquele que nossos ancestrais viviam. Com as mudanças veio a diminuição de dias de festas culturais tradicionais porque o território não oferece mais abundância de caça para realização da festa tradicional *Dassîpsê* (nome da festa na língua).

O mais importante que percebi é que os mais velhos usam linguagem diferenciada com todos, é bonito exemplo. Os mais novos usam linguagem direto e diferenciado. As diferenças das falas entre os mais velhos e a nova geração é o uso dos termos de tratamento. Os mais velhos sempre usam e alguns jovens não utilizam os termos no dia a dia. As preocupações dos sábios com as práticas culturais é que vivemos no território delimitado. Antigamente nossos ancestrais não tinha arame farpado impedido a buscar caças, remédios e tradicionais. Nosso território fica no meio de uma imensidão de projetos de agronegócio que troca às arvore nativas pela plantação bilionária. Para realização da festa tradicional um tempo atrás não se precisava de ajuda das autoridades governamentais e apoios para realização. Os mais velhos também relataram que umas das festas grandes chamadas *Kbazêiprãirê* (animais) não acontece como antigamente porque não tem caça. A nossa ontologia é diferente, vemos o mundo com outra lente do olho, disse o senhor Sabino no encerramento da reunião. Nossos mais velhos quando falam nos faz refletir bastante quanto eles têm os conhecimentos e sabedoria colocam palavras bem colocadas nas falas.

No dia 09 de novembro de 2024 teve outro encontro de líderes e comunidades no Centro de Ensino Médio Indígena Xerente – CEMIX *Warã* (pátio central da aldeia) localizada na Terra Indígena XERENTE. A pauta da reunião foi pavimentação do trecho TO 010 os 07 km. As falas dos anciões foram às mesmas falas dos anciões da reserva Indígena do FUNIL as preocupações e foram lembradas as lutas que os mais velhos travaram para a demarcação. A união e muito forte ainda entre os *Akwẽ* as alianças entre os clã e linhagem de parentesco fazem os laços de respeito e que fazem o alicerce da cultura.

No dia 15 de novembro de 2024 estive no lançamento do livro LÍNGUA XERENTE como se lê e como se escreve, escrito por Reinaldo de Mattos. Foi momento histórico para o povo *Akwẽ* ter sua língua escrita. Uma vez a língua escrita e para sempre mais um material importantíssimo a serem usadas nas escolas indígenas. E nas escolas não indígenas o idioma XERENTE, que se tornou idioma cooficial ao lado do Português, no município de Tocantínia, TO, pela lei municipal, No 04/2012, de 13 de abril de 2012, graças às lutas dos

legislativos *Akwẽ* em especial à autoria do projeto Alexandre C Xerente na época no seu mandato como vereador também foi uma conquista marcante do povo *Akwẽ* e histórico. O material pode ser útil também para os órgãos públicos na emissão de documentos pessoais no momento de escrever o nome corretamente os nomes próprios indígenas masculinos e femininos.

Para o lançamento do livro e para composição da mesa foram convidadas autoridades importantes e representantes governamentais. Secretário municipal de Educação do município de Tocantínia-TO, prefeito municipal de Tocantínia-TO, representante das escolas indígenas do Tocantins. Coordenador técnica local FUNAI Tocantínia-TO, padre do Tocantínia-TO, diretora da Centro de Ensino Fé e Alegria frei Antônio, diretora da Escola Municipal de Educação Infantil Indígena *Akwẽ*, diretor do Centro de Ensino Médio Indígena Xerente *Warã*, Dr Ercivaldo *Damsökẽkwa* Calixto Xerente, professora Noemir *Wakrtadi* e Ângelo de Brito *Dakburõikwa*.

Na abertura do lançamento do livro LÍNGUA XERENTE como se lê e como se escreve o ancião Ângelo de Brito *Dakburõikwa* ao lado da filha Edite *Smikidi* fez um belo discurso na língua *Akwẽ* já muito debilitado conseguiu transmitir a emoção de ver o trabalho brilhante do seu amigo MATTOS ele foi uns dos revisores dos textos do livro em língua *Akwẽ/Xerente*. Uma das frases bonitas que falou foi na língua *krwasi wamtrẽ psê kba mōnō* (vamos nos tratar bem). Ele se referiu para usarmos os termos de tratamento com respeito para todos que ali estavam presente.

Figura 12- Ancião Ângelo de Brito Dakburõikwa e sua filha Edite Smikidi



Fonte Anderson Simrihu Xerente 2024

A língua e identidade de um povo e o povo *Akwẽ* está mais forte em movimentar a sua língua e engrandecer em espaços onde os falantes circulam e assim demarcando seu território de saberes. Após brilhante discurso do ancião *Dakburõikwa* pertencente ao clã *Krozake* foi à vez dos alunos apresentarem dança com cântico bonito as vozes ecoaram o espaço e a bela sincronização dos passos nos encantou. Quando a cultura está em movimento e linda todo o que nos fazem em *Akwẽ* se movimenta a língua, pintura corporal, as danças, respeito, diálogo, alegria e todo esse movimento nos fortalecem cada vez mais. As pinturas corporais e ornamentações são os que nos apresentar ao público. As escolas indígenas vêm fazendo o papel importante na manutenção da língua e as práticas culturais. São ações e iniciativas dos professores que transforma o ser humano a valorizar a sua raiz e cultura. Centro de Ensino Médio Indígena Xerente *Warã* vem fazendo trabalho excelente na valorização das práticas culturais e outras escolas *Akwẽ* também fazem esse trabalho.

Figura 13- apresentação da dança cultural ao fundo imagem autoridade convidados



Fonte: Anderson Simrihu Xerente, 2024

Depois da apresentação ouvimos a fala da primeira professora *Akwẽ* que está trabalhando desde a fundação do Centro de Ensino Médio Indígena Xerente *Warã* no ano de 2006. Experiência incrível na educação escolar indígena *Akwẽ* como *pikõ* (mulher) vem fazendo trabalhos voltados à valorização das práticas culturais femininos e masculinos.

Figura 14-Professora Noemi Wakrtadi e ao fundo, autoridades convidadas



Fonte: Anderson Simrihu Xerente 2024

Os *Akwẽ* se sentem bem diante do público quando estão falando do seu jeito. Na sua linguagem fazem oratória bonita. A professora Noemi *Wakrtadi* entoou as cantorias das mulheres com melodia bem colocada. As manifestações culturais que realizamos é a continuidade e existência do nosso povo.

Vivenciar momento histórico como esse, é inesquecível e um trabalho que vem fortalecer a cultura e o principal que é língua materna que alicerça a identidade cultural. Estamos no tempo difícil de ameaças sobre as línguas indígenas, muitas estão passando por processo de revitalização e muitos foram extintos no decorrer do tempo. As práticas são importantes no processo da existência da língua. As línguas estrangeiras são também ameaças às línguas nativas, muitas palavras vêm sendo inseridos nas falas do dia a dia e podem se tornar palavras do cotidiano. É preciso muito cuidado com essas palavras invasoras que estão substituindo palavras de relevância como os termos de tratamento mencionado por ancião *Dakburõikwa*. As palavras em português não

têm tanto peso como na língua indígena, em momento como nos usos de termos de tratamentos.

A presença dos *Akwẽ* foi expressiva no lançamento do livro dos professores, líderes, jovens e comunidades.

Figura 15- lançamento do livro Como se se escreve e Como se lê em XERENTE/Akwẽ



Fonte: Anderson Simrihu Xerente 2024

III-Relato de experiência de campo 3

No dia 16 de novembro de 2024 acordei bem para assistir jogo de futebol de campo *sosayt* (society) da aldeia Lajeado *Kâtopkuze* (nome da aldeia na língua) na reserva indígena XERENTE. Venho observando que o futebol entre os *Akwẽ* está crescendo rápido. Na história do povo *Akwẽ*, antigamente os rapazes faziam bola com leite de mangaba que eram duráveis e pulavam alto e leve. Até ano 2000 na aldeia Funil, os rapazes faziam bola com leite de mangaba. Nesse período ainda conseguir acompanhar os rapazes mais velhos fazendo a bola de mangaba. Para extrair o leite de mangaba era preciso sair cedo, com o sol subindo, o leite vai ficando seco. Após a extração do leite é feita a bola; só os especialistas sabiam todo o processo de como fazer.

Saí às cinco horas da manhã para assistir o primeiro jogo e percorri 55 km da minha casa, até chegar à aldeia *Kâtopkuze*. No percurso, a visão foi de

verde sem fim: era lindo. Chegando à aldeia, vi as pessoas alegres interagindo uns aos outros, era lindo e parecia festa tradicional, todos estavam ali de várias aldeias e era encontro de clãs. Como nas épocas das festas tradicionais, uma vez ao ano os campeonatos de futebol vêm acontecendo em todas as regiões XERENTE e FUNIL, em qualquer período do ano. Podemos dizer que o futebol faz parte das práticas culturais do povo *Akwê*, mas sempre afirmando a identidade em primeiro lugar. Os encontros nos campeonatos realizados em regiões diferentes estão sendo ponto positivo, pois os jovens estão conhecendo seus parentes de clãs e que moram mais distantes.

Percorrer os 55 km foi riquíssimo, pois conheci parentes que não conhecia. As pessoas que fui conversando só me faziam uma pergunta, qual é o seu clã? Com todo o respeito respondia: meu clã é *Kbazi*. E aqueles que pertenciam ao mesmo clã ficavam alegres e o diálogo rendia. Aqueles que pertenciam à mesma metade, mas pertencendo a um dos clãs irmãos, faziam mais perguntas para me localizar na linhagem de parentesco. Foi incrível, e o diálogo mais sincero e respeitoso foi com quem era dos clãs da metade *Wahirê*. O mais bonito foi o diálogo com pessoas do clã *Krozake*, o clã parceiro dos *Kbazi*. Os mais velhos dizem que o respeito com os clãs parceiros vem desde sempre e os clãs parceiros que fazem a pintura corporal de um e de outro, nas festas tradicionais. Esse clã parceiro que encontrei sabia perfeitamente como me chamar com respeito e utilizou termo de tratamento para se dirigir a mim. Foi incrível, me senti feliz em ouvir que a cultura é forte ainda.

Figura 16- campeonato da Aldeia Lajeado Kâtopkuze ao fundo da imagem jogo em andamento e as pessoas assistindo



Fonte: Anderson Simrihu Xerente 2024

Quando mencionei as regiões da terra indígena XERENTE e FUNIL organizei as aldeias por regiões para facilitar a localização, e os respectivos caciques de cada aldeia. Antes disso, conto breve histórico das regiões.

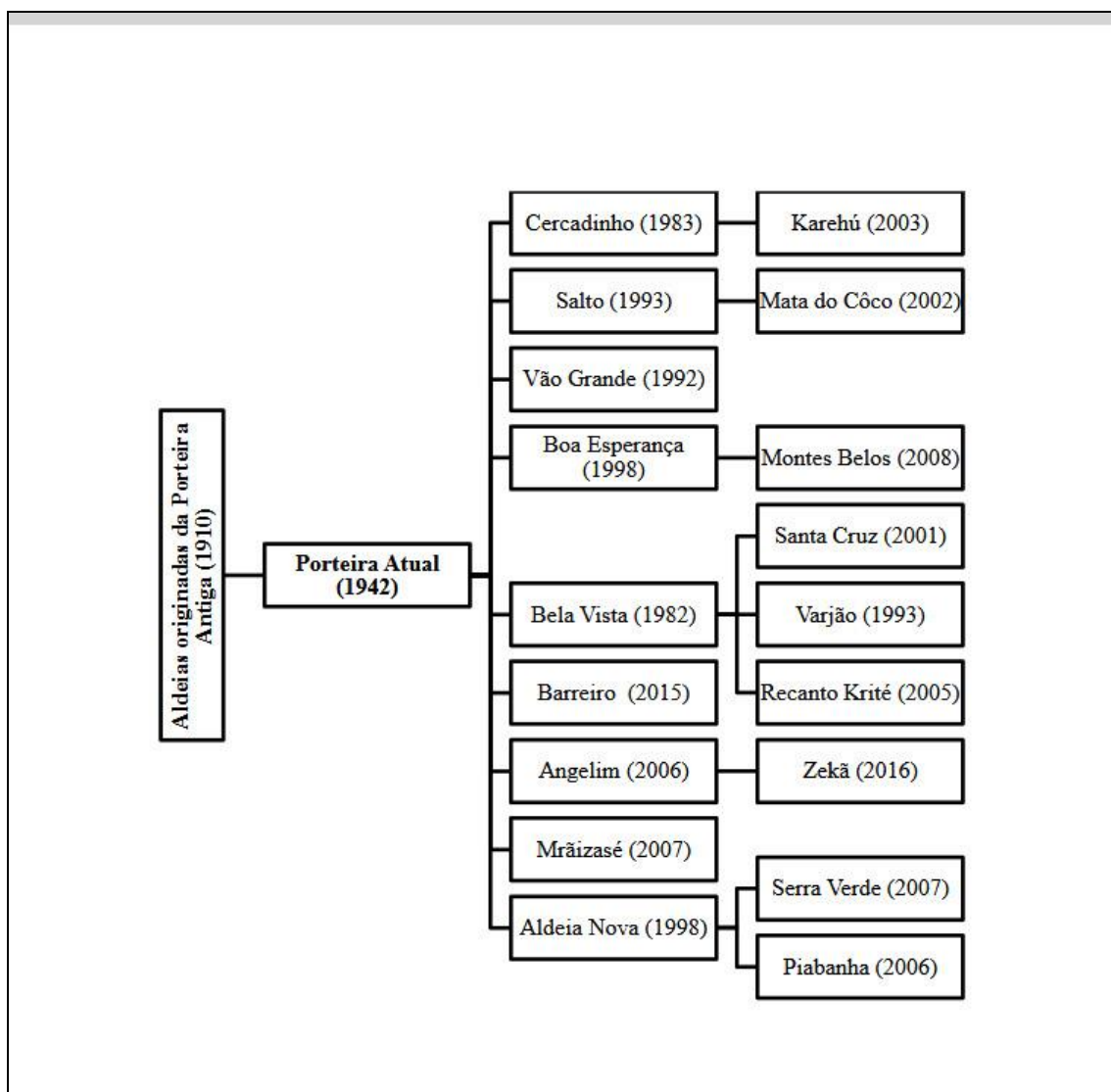
Depois das demarcações das duas terras indígenas XERENTE e FUNIL, as regiões foram surgindo para facilitar as localizações. Antes das demarcações das duas terras, segundo os mais velhos, existiam apenas três regiões FUNIL (*Sakrêpra* nome da aldeia e região na língua), PORTEIRO (*Nrôzawi* nome da aldeia e região na língua) e Rio do Sono (*Ktêkakâ* nome da aldeia e região na língua). Depois as regiões Brejo Comprido e *Brupre* (nome da aldeia e região na língua) surgiram na ausência de facilitar as localizações das aldeias que foram surgindo e também para facilitar os trabalhos das entidades governamentais como a FUNAI – Fundação Nacional dos Povos Indígenas na época e serviços da saúde indígena. A FUNAI na época em cada região escolheu uma aldeia ou local para construir posto local da FUNAI onde chefes dos postos se estalavam para atender a demanda daquela região. Da região FUNIL o posto ficava na aldeia FUNIL, da região PORTEIRO ou XERENTE ficava no lugar neutro e antigo chamado de cocalinho hoje o local se tornou aldeia chamado do mesmo nome. Posto da região Brejo Comprido ficava na aldeia Brejo Comprido *Kâwrakurerênidu* (nome da aldeia e região na língua) e da região Rio do Sono

ficava na aldeia Rio do Sono, da região **Brupre** também ficava na aldeia **Brupre**. Todas essas aldeias eram centros e referências para as aldeias pertencentes daquela região as antigas enfermarias da saúde também ficava nessas aldeias.

Suprawahã e **Tkaiwẽ** foram recentemente conhecidos como região. Região Mirassol segundo os anciões ainda não é uma região pode ser que daqui uns anos se tornam região. As alianças firmadas entre aldeias que compõem a suposta região Mirassol foram pra criar uma escola grande que atendesse todas as aldeias.

Das três principais aldeias antigas foram surgindo novas aldeias como veremos na tabela a baixo levantamento feito Layanna Giordana Bernado Lima 2017.

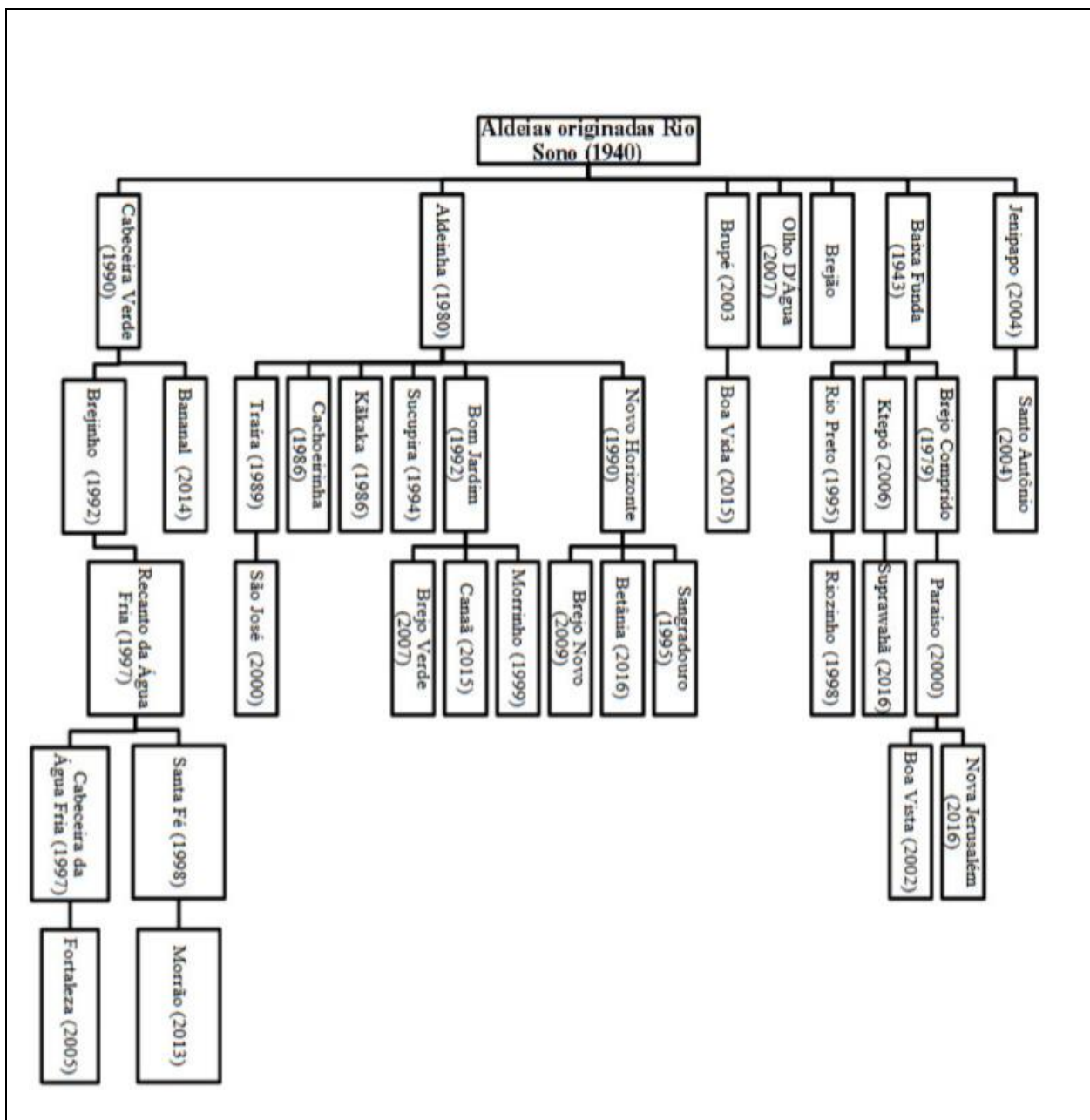
Quadro 1-Aldeias originadas da Porteira Antigo (1910)



Fonte: Layanna Giordana Bernado Lima 2017

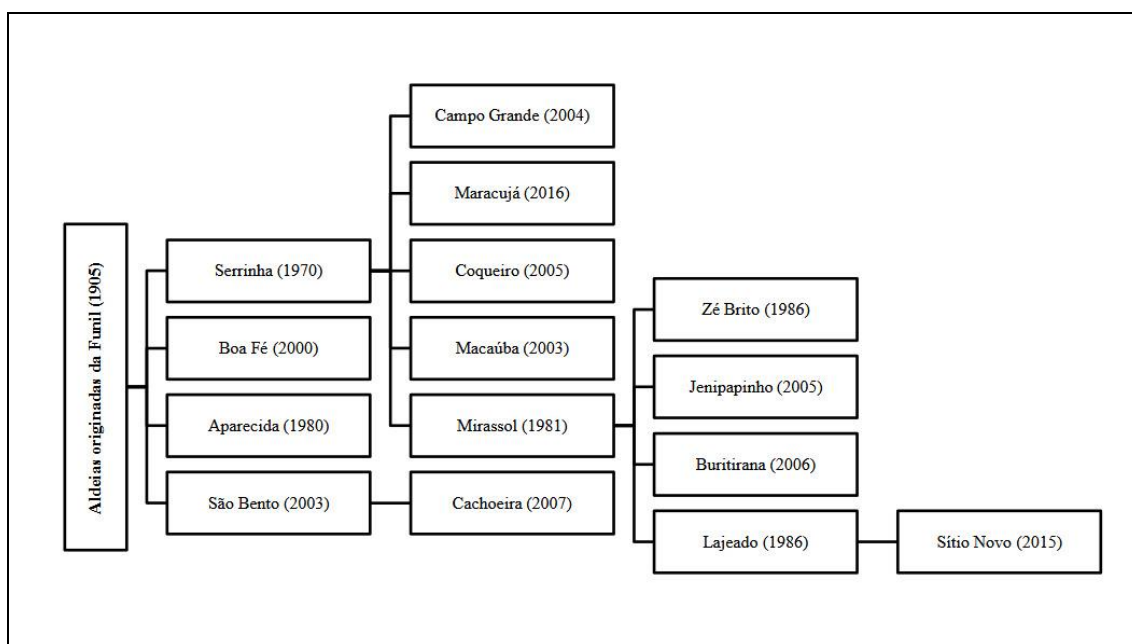
Quadro 2-

Aldeias originadas Rio Sono (1940)



Fonte: Layanna Giordana Bernado Lima 2017

Quadro 3- Aldeias originadas da Funil (1905)



Fonte: Layanna Giordana Bernado Lima 2017

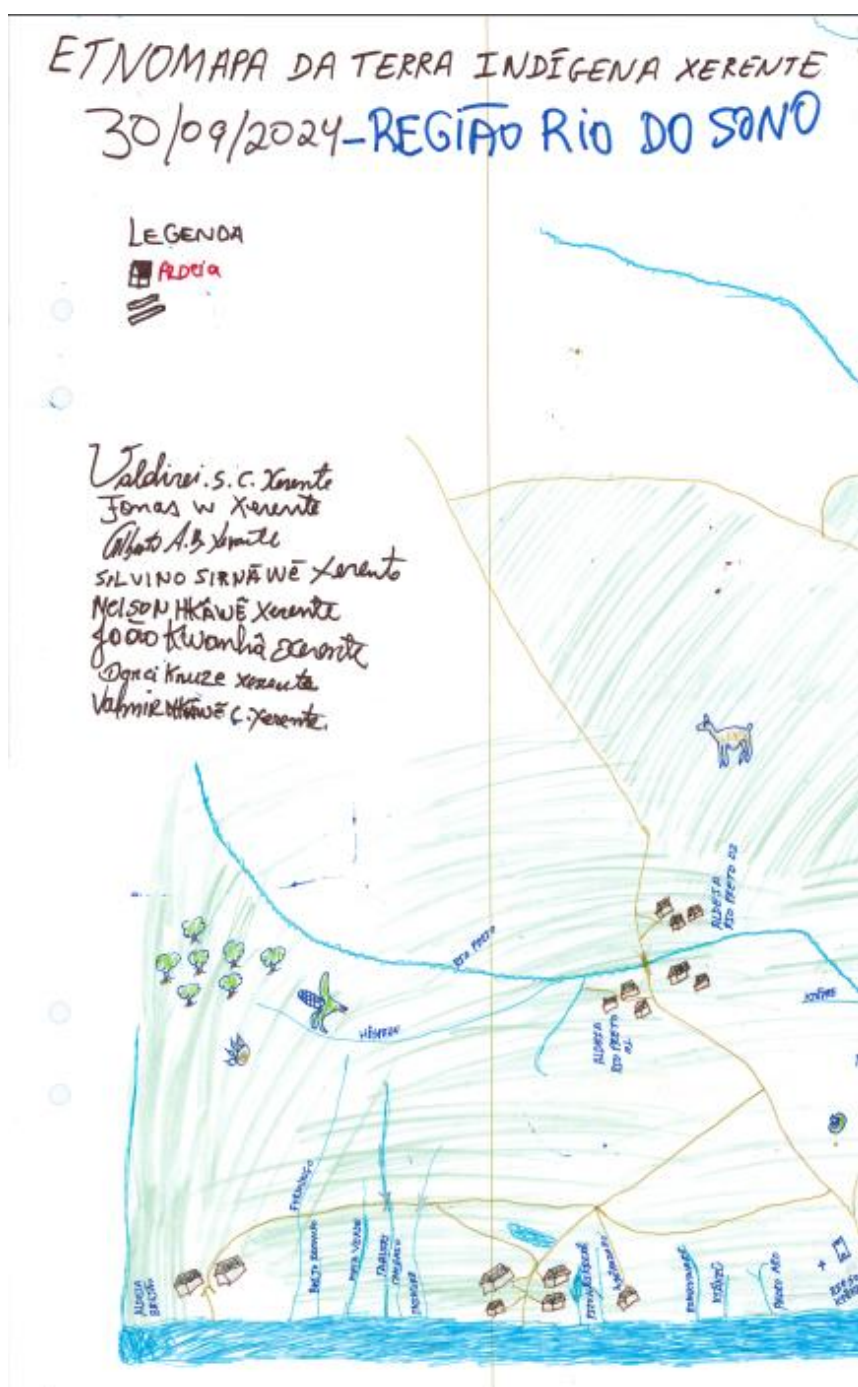
Apresento este levantamento de dados atuais, coletados através de meu trabalho de campo, nos meses de dezembro e janeiro de 2024. Até o momento havia 108 aldeias, nas duas terras indígenas, na Terra Indígena XERENTE e na Terra Indígena FUNIL, distribuídas em oito regiões.

Quadro 4- Aldeias e caciques com respectivos clãs, na Região Rio do Sono - Ktêkakâ (trabalho de campo do autor)

Nº	Aldeia	Cacique	Metade a qual pertence	Clã
		<i>Dakmãdkâkwa</i>		
01	Rio Sono	Teodoro <i>Pasiku</i>	<i>Doi</i>	<i>Kbazi</i>
		<i>Hêsukamêkwa</i>		
02	Brejo Verde	Adailton	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
03	Espaço Livre	Jacirene	<i>Wahirê</i>	<i>Krozake</i>
04	Cabeceira Verde	João <i>Simrãmĩ</i>	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>

05	Sangradouro	Paulo Cesar <i>Kuhânipi</i>	<i>Doi</i>	<i>Kuzâ</i>
06	Brejo Novo	Alonso <i>Smĩwaĩbu</i>	<i>Doi</i>	<i>Kuzâ</i>
07	Riozinho	Domingos <i>Krate</i>	<i>Wahirê</i>	<i>Krozake</i>
08	Brejinho	Valdeci <i>Srêzê</i>	<i>Wahirê</i>	<i>Krozake</i>
09	Brejão	Adonila <i>Tkadi</i>	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
10	Rio Preto	Valmir <i>Kupte</i>	<i>Wahirê</i>	<i>Krozake</i>
11	Rio Preto II	Raimunda <i>Pizadi</i>	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
12	Nova Lima	Valdimar <i>Supra</i>	<i>Doi</i>	<i>Kbazi</i>

Figura 17-- Etnomapa Região Rio do Sono



Fonte: Amazônia Etnoambiental e Sustentabilidade Ltda. Estudo do Componente Indígena – ECI Terras indígenas (TI) Funil e (TI) Xerente. AGETO Tocantinia-TO 2024

Quadro 5- Aldeias e caciques com respectivos clãs na Região Mirassol (trabalho de campo do autor)

Nº	Aldeia	Cacique	Metade a qual	Clã
		<i>dakmãdkâkwa</i>	pertence	

01	Mirassol	Antônio Carlos <i>Krēwamzu</i> Xerente	<i>Doi</i>	<i>Kbazi</i>
02	Jenipapinho	Paulo Carlos <i>Sumēkwa</i> Xerente	<i>Doi</i>	<i>Kbazi</i>
03	Buritizal	Valdez <i>Sikrbowē</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
04	Olho D' Água	Nelson <i>Srêpawē</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
05	Campo Grande	Valdomiro	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
06	Zé Brito	Izabel	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
07	Jenipapo	Raimundo <i>Sōpre</i>	<i>Doi</i>	<i>Kuzâ</i>

Quadro 6- Aldeias e caciques com respectivos clãs na Região Brupre (trabalho de campo do autor)

Nº	Aldeia	Cacique <i>dakmãdkâkwa</i>	Metade a qual pertence	Clã
01	<i>Brupre</i>	Elias <i>Srêwē</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Krãĩprehi</i>
02	Traíra	Eva	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
03	Sítio Novo	Wagner <i>Srêzê</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
04	Cristalina <i>Tkaite</i>	Ricardo <i>Sawrepte</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Krãĩprehi</i>
05	São Jose	Alexandre	<i>Doi</i>	<i>Krito</i>
06	Novo Horizonte	Pedro	<i>Wahirê</i>	<i>Krozake</i>
07	Santo Antônio	Deuzimar	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>

08	Lajeado <i>Kâtopkuze</i>	Dontino(faleceu 02/2024)	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
09	Betânia	Milton	<i>Doi</i>	<i>Kuzâ</i>
10	Pôr do Sol	Edimilson	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
11	Galho Grande <i>Kunêrêwdêhu</i>	Manoel <i>Sukê</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Krâiprehi</i>

Quadro 7- Aldeias e caciques com respectivos clãs na Região Brejo Comprido (trabalho de campo do autor)

Nº	Aldeia	Cacique <i>dakmãdkâkwa</i>	Metade a qual pertence	Clã
01	Brejo Comprido	Eurípedes <i>Suzawre</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
02	Recanto da Água Fria	Elizeu	<i>dói</i>	<i>kuzâ</i>
03	Paraiso	Adão <i>Wdêrêhu</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
04	Santa Fé	Eduardo	<i>Doi</i>	<i>Krito</i>
05	Cabeceira da Água Fria	Adenilson	<i>Wahirê</i>	<i>Krozake</i>
06	Monte Sião	Matheus	<i>Dói</i>	<i>Kuzâ</i>
07	Canaã	José Valter	<i>dói</i>	<i>krito</i>
08	Nova Jerusalém	Lazaro Calisto <i>Rowakro</i> Xerente	<i>Doi</i>	<i>Krito</i>
09	Aldeinha	Valter <i>Samrĩ</i> Xerente	<i>Doi</i>	<i>Krito</i>
10	Morrão	Paulinho <i>Sinã</i> Xerente	<i>Doi</i>	<i>Kuzâ</i>
11	Satélite	Genivaldo <i>Romkre</i> Xerente	<i>dói</i>	<i>kbazi</i>
12	Fortaleza	Augusto <i>Damsõkêkwa</i> Xerente	<i>Doi</i>	<i>Kuzâ</i>
13	Cachoerinha	Pedro Paulo	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
14	Cantão	Eli <i>Kumnãse</i>	<i>Doi</i>	<i>Kuzâ</i>

Quadro 8- Aldeias e caciques com respectivos clãs na Região Tkaiwê (fonte: trabalho de campo do autor)

Nº	Aldeia	Cacique <i>dakmãdkâkwa</i>	Metade a qual pertence	Clã
01	Sucupira	Jonair <i>Ainakrsêkõ</i>	<i>Doi</i>	<i>Kbazi</i>
02	Morrinho	Eduardo <i>Wakawẽ</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
03	Bom Jardim	Ronaldo <i>Akezanẽ</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Krozake</i>
04	<i>Ktêpo</i>	<i>Kiktêmkê</i> Tony	<i>Wahirê</i>	<i>Krozake</i>
05	Baixa Fundo	Luzmar <i>Hêpomêkwa</i>	<i>Wahirê</i>	<i>Krozake</i>
06	Recanto das Emas	Luciana <i>Krukwanẽ</i>	<i>Wahirê</i>	<i>Krozake</i>
07	Garapiá	Lúcia <i>Ktidi</i>	<i>wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
08	Fênix	Marco Antônio <i>Srênõku</i>	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
09	Sasé	Josimar Sitbro	<i>Doi</i>	<i>Kbazi</i>
10	Formosa	Larissa <i>Ktidi</i>	<i>Wahirê</i>	<i>Krozake</i>
11	<i>Sasé Waĩrize</i>	Clebenilson <i>Waĩkazate</i>	<i>Wahirê</i>	<i>Krozake</i>
12	Pé do Morro	Luciana <i>Krêdi</i>	<i>Doi</i>	<i>krito</i>

Quadro 9- Aldeias e caciques com respectivos clãs na Região Suprawahã (fonte: trabalho de campo do autor)

Nº	Aldeia	Cacique <i>dakmãdkâkwa</i>	Metade a qual pertence	Clã
----	--------	-------------------------------	---------------------------	-----

01	<i>Suprawahâ</i>	Edivaldo	<i>Wahirê</i>	<i>Krozake</i>
02	Serrinha	Mauricio <i>Srêkrurmê</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
03	Serrinha II	José Luis <i>Srowasde</i> Xerente	<i>Doi</i>	<i>Kbazi</i>
04	Boa Vista	Noemir <i>wakrtadi</i>	<i>Wahirê</i>	<i>Krozake</i>
05	Macaúba	Isaias <i>Kmôwamrĩ</i> Xerente	<i>Doi</i>	<i>Krito</i>
06	Coqueiro	Paulo <i>Akezanê</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
07	Bom Tempo	Edna	<i>Wahirê</i>	<i>Krozake</i>
08	Mata Verde	Getulio <i>Rowakro</i>	<i>Doi</i>	<i>Kbazi</i>
09	Pantanal <i>Sdarãwê</i>	Ângelo <i>Sirnãpte</i> Mata de Brito	<i>Wahirê</i>	<i>Krozake</i>
10	Lajeiro	Marcos <i>Sawrepte</i>	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
11	Maracuja	Antônio Luiz <i>Krtitmōwê</i> Xerente	<i>Doi</i>	<i>Kbazi</i>

Quadro 10- Aldeias e caciques com respectivos clãs na Região da Porteira (fonte: trabalho de campo do autor)

Nº	Aldeia	<i>Dakmãdkâkwa</i> (Cacique)	Metade a qual pertence	Clã
01	Porteiro <i>Nrôzawi</i>	Devanir <i>Sawrepte</i> e Thiago <i>Wakukepre</i>	<i>Wahire</i>	<i>Krozake</i>
02	Recanto	Valdemar <i>Sôiti</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Krozake</i>

03	Aldeia Nova	Leomar <i>Wahinẽ</i> Xerente	<i>Doi</i>	<i>Kbazi</i>
04	Piabanha	Elizabete	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
05	<i>Mrãizase</i>	Paulo <i>Waĩkarnãse</i>	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
06	Piabanha <i>Kãzase</i>	Valdecir	<i>Doi</i>	<i>Kbazi</i>
07	Salto	Sebastião <i>Dawakrẽkwa</i> Xerente	<i>Doi</i>	<i>Kuzã</i>
08	Mato do Coco	Pedro	<i>Doi</i>	<i>Krito</i>
09	Varjão	Antônio <i>Mmmĩrkopte</i> (faleceu)	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
10	Santa Cruz	Gilberto <i>Srẽwasa</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
11	Bela Vista	Eloi	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
12	Nova Aliança	Edson <i>Sikmõwẽ</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
13	Montes Belo	Sandoval	<i>Wahirê</i>	<i>Krozake</i>
14	Serra Verde	Lucivanda <i>Hmõdi</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
15	Boa Esperança	Valmir <i>Srõzdazê</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
16	Vão Grande	Marcio <i>Sromnẽ</i> xerente	<i>Doi</i>	<i>Kuzã</i>
17	Barreira	Herkulano	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
18	Rumão	Sebastião	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
19	Rocinha	Luis <i>Wakuke</i>	<i>Doi</i>	<i>Kbazi</i>
20	Cercadinho	Ricardo <i>Wairokrã</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
21	Cocalinho	Mailson <i>Waĩkazate</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
22	<i>Karêhu</i>	Valdez	<i>Doi</i>	<i>Kuzã</i>

23	Lá Vista	Elivânia <i>Mrãiti</i>	<i>Wahirê</i>	<i>Krozake</i>
24	Cachoeira do Brejo ouro	Edson	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
25	Cachoeiro <i>Kâkaka</i>	Ranulfo	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
26	Brejo do Novo Sítio	<i>Wakrãwi</i>	<i>Doi</i>	<i>Kbazi</i>
27	Bananal	Valmir	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
28	Ipê do Serrado	Jurandir	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
29	<i>Srãpapa</i>	Jazon	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>

Quadro 11- Aldeias e caciques com respectivos clãs na Região Funil (fonte: trabalho de campo do autor)

Nº	Aldeia	<i>Dakmãdkâkwa</i> Cacique	Metade a qual pertence	Clã
01	Funil <i>Sakrêpra</i>	Elson <i>Krêsu</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
02	Boa Fé <i>Brukrãipa</i>	Edilson <i>Sinãrĩ</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
03	Aparecida <i>Nrôwdêhu</i>	Hortência <i>Wareti</i> Xerente	<i>Doi</i>	<i>Krito</i>
04	Rio Verde <i>Kâwawêzase</i>	Renato <i>Samuru</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Krãiprehi</i>
05	São Bento <i>Kbarêwdêhu</i>	Carlito <i>Srêkrurmẽ</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
06	Nascente	Luciano <i>Dmsôihâ</i> Xerente	<i>Doi</i>	<i>Kuzâ</i>
07	Cachoeira <i>Suprawahâ</i>	Paulo César <i>Wawêkrurê</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
08	Boa Vida	Levy	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
09	Pé da Serra <i>Srãzase</i>	Aguinaldo <i>Damsôkêkwa</i> Xerente	<i>Doi</i>	<i>Kbazi</i>
10	<i>Supraware</i>	José Silvio <i>Sromnẽ</i> Xerente	<i>Doi</i>	<i>Kbazi</i>
11	Chácara Belo Horizonte	Rogério <i>Srônẽ</i> Xerente	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>
12	Brejo Verde	Raimundo Luis	<i>Wahirê</i>	<i>Wahirê</i>

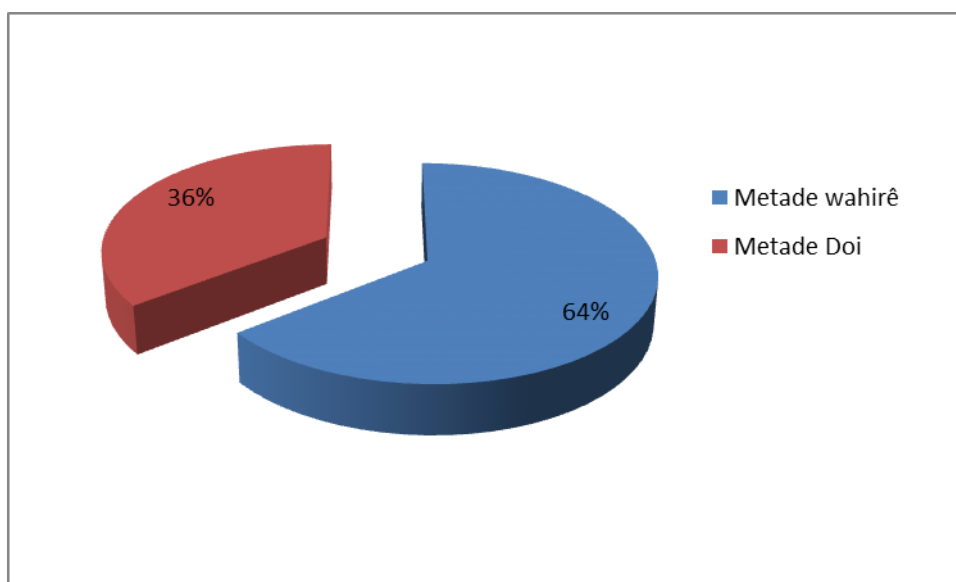
Figura 21- Etnomapa Região Funil



Fonte: Amazônia Etnoambiental e Sustentabilidade Ltda. Estudo do Componente Indígena – ECI Terras indígenas (TI) Funil e (TI) Xerente. AGETO Tocantnia-TO - 2024

No gráfico abaixo, o resultado da pesquisa mostra que das 108 aldeias, setenta delas são lideradas pelo cacique da metade **Wahirê**, o que perfaz 64% do total. Com esse resultado podemos dizer que os vice-caciques são da metade **Doi**. As regras sempre foram assim impostas pelos anciões, quando um dos clãs da metade **Wahirê** for indicado pra ser cacique o vice Cacique, deve ser do clã da metade **Doi**. Das 108 aldeias apenas 38 aldeias são liderados por clãs da metade **Doi** com 36 %.

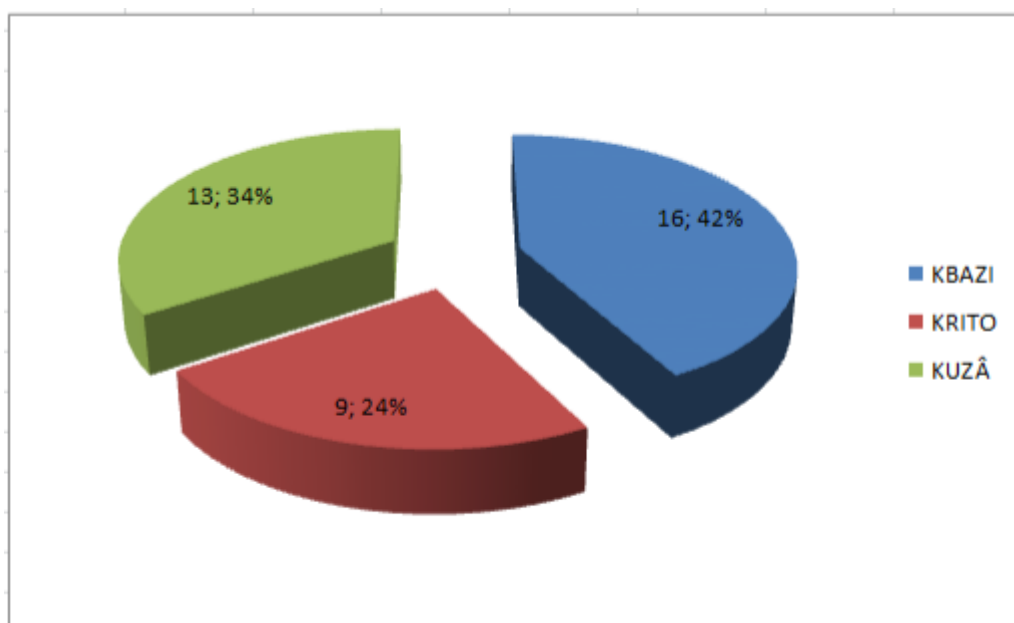
Quadro 12- Porcentagens das metades representadas de acordo com as lideranças das aldeias



Fonte: Anderson Simrihu Xerente 2024

A pesquisa também mostrou quais clãs, de cada metade, tem mais caciques. No segundo gráfico mostra a metade **Doi** composto por clãs **Kbazi**, **Krito** e **Kuzâ**. **Kbazi** lideram 16 aldeias, **Krito** lideram nove aldeias e **Kuzâ** lideram 13 aldeias. O gráfico mostra melhor as lideranças das aldeias bem equilibradas entre os clãs irmãos da mesma metade.

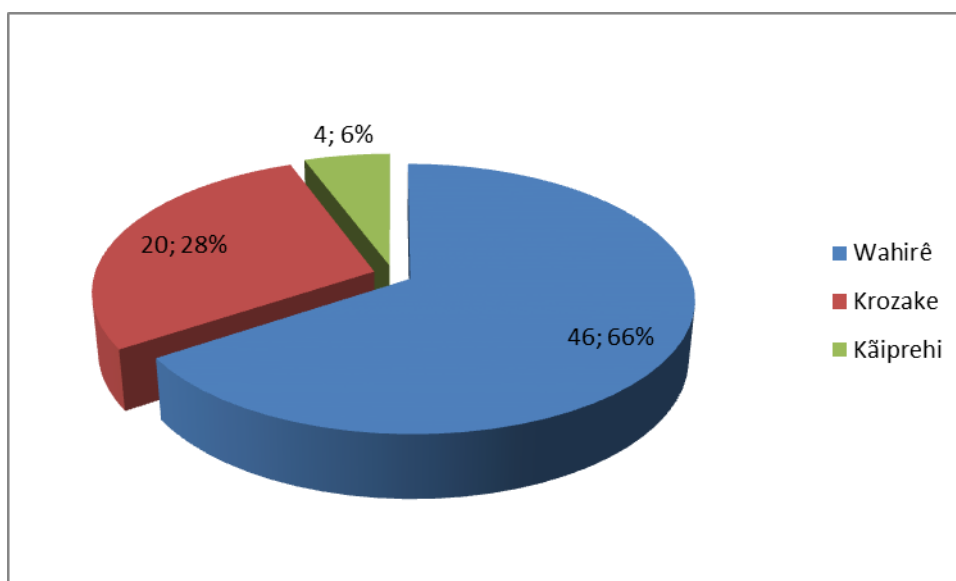
Quadro 13- Representação da metade Doi com cada clã liderando aldeias



Fonte: Anderson Simrihu Xerente 2024

O próximo quadro mostra os clãs da metade *Wahirê*, compostos pelos clãs *Wahirê*, *Krozake* e *Kräiprehi* e distribuição de líderes. *Wahirê* lidera 46 aldeias, *Krozake* lidera 20 aldeias e *Kräiprehi* apenas 04 aldeias. Aqui percebemos clã *Wahirê* com maior liderança e liderando aldeia.

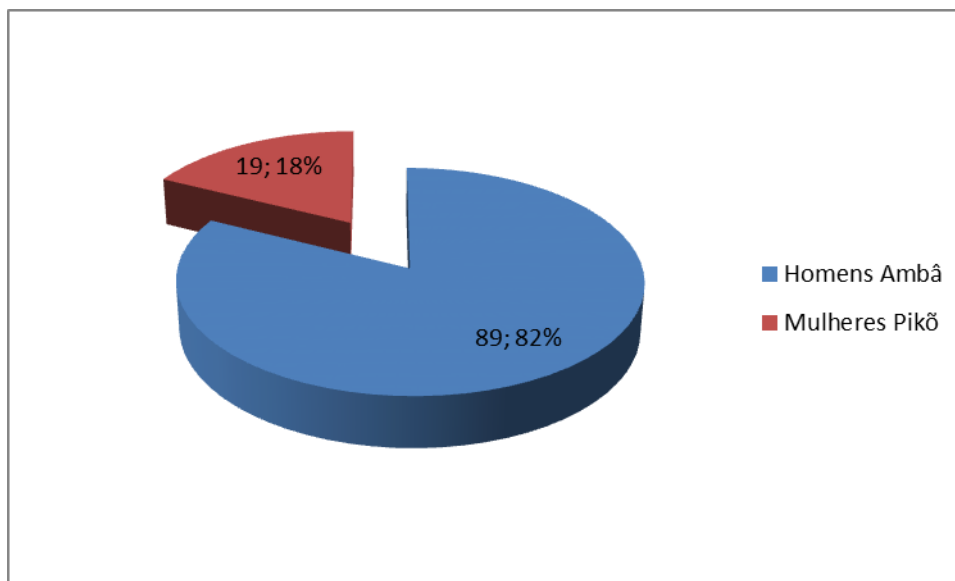
Quadro 14- representação da metade Wahirê com cada liderando aldeias



Fonte: Anderson Simrihu Xernte 2024

As mulheres *Akwẽ* também estão inseridas nesse processo de liderança de uma aldeia. As mulheres *Akwẽ* vêm fazendo papel importante diante das suas comunidades. Até há pouco tempo atrás não havia mulheres como cacicas de uma aldeia. Hoje vemos mulheres indígenas na linha de frente defendendo a sua comunidade e seu povo. Das 108 aldeias indígenas *Akwẽ Xerente*, em 19 aldeias as mulheres são *Dakmãdkâkwa* (caciques).

Quadro 15- Representação de lideranças entre homens e mulheres como cacique das aldeias



Fonte: Anderson Simrihu Xernte 2024

A minha ida para região *Brupre* me fez refletir sobre quem são os *dakmãdkâwa* (caciques) de cada aldeia e como estão os poderes nas aldeias entre os clãs.

Para obter dados e chegar nesse resultado foi preciso bastante diálogo com algumas pessoas, que fui conversando a respeito. Primeiro foi conseguir dados das quantidades das aldeias em duas terras indígenas XERENTE E FUNIL depois foi descobrir os *dakmãdkâkwa* (caciques) de cada aldeia e em algumas aldeias, fui pessoalmente buscar informação. Com ajuda de alguns amigos e de meus entrevistados, consegui as informações. Senhor Carlito Xerente cacique da aldeia São Bento que pertencente ao clã *Wahirê*, me ajudou muito, e minha mãe Lídia *Nãmnãdi* Xerente, pertencente do clã *Wahirê*, também foi importante na busca de informações. O mais difícil foi buscar as

informações dos clãs de todos os líderes *dakmãdkâkwa* (caciques) de cada aldeia. Tive que recorrer novamente ao senhor Carlito e à minha mãe, mas como estávamos em terras diferentes e regiões e muitos líderes novos, não consegui com eles todas as informações que precisava. Recorri novamente aos meus amigos que moravam em regiões diferentes. Para conseguir dados da região *Brupre* e Mirassol, meu amigo Jorsivan *Wakukepre* Xerente me ajudou com as informações via Wtsapp. Da região Brejo Comprido, meu amigo Wesley *Kupsinã* Xerente também foi meu parceiro na busca pelos dados via whatsapp. Da região Porteira, meu tio Alexandre *Chaparzane* Xerente foi o que me forneceu informações através dos diálogos que tivemos em nossas vindas a Goiânia, no entardecer da cidade grande. Todas essas informações foram fundamentais para concluir os dados que faltavam.

Na tarde do dia 16 de novembro fui convidado para conduzir abertura do primeiro campeonato *sosayt* (society), Memórias Ancestrais, da região FUNIL. Como eu iria conduzir a abertura, pedi aos membros da organização que escolhessem dois anciões pintados com pintura corporal, para representarem as duas metades. Na abertura falei da importância da cultura que ainda resiste, porque existimos, e praticamos.

A abertura foi linda porque não deixamos de mostrar quem somos, a identidade falou mais alto e assim encerrei a minha aventura com novas aprendizagens e novos conhecimentos adquiridos.

Figura 22- Anciões Reinaldo, Murilo e eu, ao centro, na abertura do Campeonato da Aldeia FUNIL



Fonte: Anderson Simrihu Xerente 2024

No dia 26 de novembro fiz minha última pesquisa de campo, peguei meu cofo e enxada e fui à roça do meu tio ajudar no plantio das mandiocas, pois a lua estava boa para plantio. Não esperava encontrar o grande líder e respeitado Reinaldo *Sapkakõ*. Vi esse grande líder liderar a comunidade da aldeia Funil nos trabalhos braçais, todo ano tinha roça e fartura abundante na roça. Sentei-me perto dele e fomos conversar, viajamos nas narrações que ele fazia das suas histórias e fiquei muito feliz ali vendo ele mostrando como se planta mandioca e ele também estava feliz por ter compartilhada a sua experiência. Os mais velhos gostam quando estamos atentos nas suas narrações. Teve um momento ele deixou cair lágrima, ao dizer que sente saudades de comer *grolado* (beiju) por

isso ele estava ali ajudando na plantação. Ele dizia que, há pouco tempo atrás, ninguém comprava alimentos da cidade, tudo tinha na roça. Também dizia que o supermercado de antigamente dos *Akwẽ* era a roça. Lembrou também como eram os jovens de antigamente, não eram barrigudos. Em todos os relatos que venho ouvindo, os mais velhos se preocupam com as comidas que hoje estamos sujeitos a comer por falta de práticas culturais de roça que poucos ainda fazem. Estamos nos acostumando a comprar coisas dos supermercados da cidade, os alimentos industrializados, como diz o Reinaldo o supermercado de antigamente era roça e hoje é da cidade. Os mais sábios pensam dez vezes a nossa frente e tudo que eles falam, acontece. As preocupações são constantes com a nossa identidade. Por isso devemos ouvir mais nossos sábios, pois são nossas bibliotecas vivas, com ensinamentos ancestrais da cultura. Não podemos esperar que eles venham até nós e nós que vamos até eles. Quando eles estão sendo valorizados, se sentem mais resistentes e firmes.

Figura 23- Reinaldo na roça plantando mandioca



Fonte: Anderson Simrihu Xerente 2024

IV- Experiência como membro de um clã na abertura de sepultura tradicional

Como pertencente do clã *kbazi*, da metade *doi*, sempre fui chamado para participar da abertura de sepultura tradicional¹ pelos anciões, isso porque na cultura *Akwẽ* não se pode fazer a sepultura de pessoas do mesmo clã e dos nossos clãs irmãos da mesma metade. Ainda essa prática é muito forte entre os *Akwẽ* e tenho participado de vários sepultamentos tradicionais. Quando fui convocado pela primeira vez para ajudar no sepultamento de uma criança de dois anos, fomos convocados já bem de tardezinha, éramos quatro rapazes e um ancião que nos acompanhava e nos fiscalizava. Esse ancião que estava nos acompanhando durante o nosso trabalho era do clã da criança falecida e é normal o acompanhamento do trabalho pelo membro de outro clã, para dizer aos familiares se estamos fazendo o trabalho de acordo com a nossa tradição. Esse ancião que era um *sekwá* ficou responsável em vigiar o nosso trabalho. Começamos abrir a sepultura já bem quase escurecendo; o local é a família que escolhe para abrir. O cemitério onde estávamos era bem recente e só tinham três sepulturas de crianças daquela aldeia, o pajé que estava nos acompanhando estava fazendo o trabalho de espantar espíritos dos familiares que já morreram e para nós que estávamos trabalhando para não ficarmos doentes. Dizia o pajé que estava cercado de espíritos de familiares e uns já estavam ficando bravo, e ele nos protegia. A gente ouvia coisas estranhas, mas ninguém demonstrava medo. Terminamos quase dez horas da noite, como éramos cinco pessoas alguém tinha que ficar vigiando a sepultura e o pajé ficou vigiando, e nós fomos buscar o corpo da criança, chegando onde o corpo estava sendo velado fomos direto perto do caixão e demos tempinho para os familiares se despedirem. Esse momento me comoveu muito, até chorei, saíram lágrimas dos meus olhos, mas me segurei, tínhamos momento específico e recolhemos o corpo e levamos a pé, até o cemitério. Chegando ao local da sepultura nós, os cavadores nos despediram da criança e terminamos o sepultamento. Mas tínhamos que cumprir todos os procedimentos, ir até as familiares para mostrar as nossas condolências e, para juntos, chorar o choro tradicional. Esse é o momento que os cavadores choram junto com os familiares, todos devem chorar em respeito ao clã e aos familiares.

¹ Este relato não é propriamente derivado de trabalho de campo, mas parte da minha vivência com *Akwẽ*. Trago como uma reflexão que realizei após o acontecimento que foi bem difícil.

Nesse ano de 2024 começamos perder muitos nossos *Akwẽ* aqui na região Funil perdemos cinco pessoas já desde janeiro. Perdemos quatro pessoas da metade *Wahirê* uma pessoa da metade *Doi*. Como sou da metade *Doi* estive ajudando em três sepultamentos, em um não participei porque estava em Goiânia ainda estudando terminando as disciplinas obrigatórias. O mais sentido e lamentável é quando a gente perde familiares ou parentes próximos, que estão em outra metade então somos obrigados pela lei e regra *Akwẽ* a ajudar a abrir à sepultura tradicional. Em alguns casos somos poupados, mas é obrigado a ajudar. Quando não ajudamos o nosso clã, os anciões nos chamam a atenção por não ter ajudado e afirmam que precisamos seguir a nossa cultura em forma de respeito e fortalecendo as práticas também para que a nova geração possa continuar fortalecendo e praticando.

Minha bisavó Domingas *Kuzadi* Xerente veio a óbito aos 101 anos de idade, no dia 23 de março de 2024, pertencente do clã *Krozake* da metade *Wahirê*. Fomos convocados bem cedo pelo nosso ancião e fomos instruídos para fazer o serviço bem feito, em respeito aos familiares e ao clã da falecida. Éramos 15 pessoas para abrir à sepultura tradicional. O mais experiente que conduz todo o trabalho ensinou os jovens que estavam pela primeira vez, o passo a passo. Todo o processo para abertura de uma sepultura tradicional é segredo do povo *Akwẽ*. Terminamos de abrir à sepultura e foram escolhidos seis rapazes para buscar o corpo, e fui escolhido entre os seis. Nesse momento já me preparei emocionalmente porque eu tinha que ser forte, era família materna que estava toda ali inclusive a minha mãe e fomos chegando a casa onde a minha bisavó estava sendo velada, esperamos um pouco todos se despedirem. Ali me segurei para não chorar junto com meus familiares, pois tinha que cumprir o que foi nos mandado, levar o corpo para enterrar; vendo os netos chorando, as filhas e todos os parentes dela, a gente chora também, e levamos corpo e enterramos. Depois que terminamos, voltamos para casa onde a minha bisavó foi velada e todos estavam nos esperando, onde se encerrou todo processo de despedida de um *Akwẽ* que faleceu, com o choro tradicional, juntos e em respeito ao clã e aos familiares.

Última sepultura tradicional que ajudei foi agora recentemente do meu sogro Enedino *Srênōkrã* Xerente, também com nome de *Kakbupre*, avô da minha esposa *Kwapredi*. *Srênōkrã* foi um grande homem humilde que contribuiu muito com o povo da região FUNIL e XERENTE com seu conhecimento tradicional. Ele foi

importante na minha vida me ensinou a trabalhar na roça ensinou como devo me comportar depois do casamento e para sustentar a minha família que estava construindo junto com a **Kwapredi**. **Srênōkrã** já estava muito debilitado e adoentado. No dia 17 de maio de 2024 às 22 horas, **Srênōkrã** nos deixou aos 93 anos de idade. Nossa aldeia ficou em silêncio por uns minutos, depois só se ouvia choro e minha esposa **Kwapredi** nesse dia chorou muito. O choro dela era choro tradicional tinha herdado da sua avó falecida, era choro tradicional diferenciado e ecoava na casa toda, era choro de despedida. Nessa noite, fiquei ao lado da minha esposa **Kwapredi** no velório, até amanhecer. Logo bem cedo fui convocado para ajudar abrir sepultura tradicional. Ajudei com a dor imensa pela perda do meu sogro, mas consegui ajudar até o final de todo o processo do enterro. A visita do sétimo dia do **Srênōkrã** teve o agradecimento retribuição **dakrãiwakâ**, e assim foi em todos que ajudei.

O ancião representando a família do clã falecido entrega a retribuição em forma de discurso tradicional ao ancião representante dos clãs que fizeram o serviço logo depois da entrega todos choram juntos finalizando o agradecimento retribuição **dakrãiwakâ**. Nesse dia a família do **Srênōkrã** deu gado inteiro pagando aos clãs da metade **Doi** aos clãs **ktito**, **kbazi** e **kuzâ**. Em respeito aos clãs da outra metade, nosso ancião colocou um quarto de carne de gado para eles amarrada com uma corda, antes deles dividirem entre si.

Figura 24-carne da retribuição uma parte cedido aos clãs opostos



Fonte arquivo pessoal 2024

O restante das carnes foi distribuído entre os clãs. Os que ajudaram na abertura da sepultura ganham carnes com quantidades maiores e são os primeiros a ganhar. Todos os clãs pertencentes ganham pedaços de carnes.

Figura 25-Carne sendo dividiadas entre os clãs que receberam a retribuição



Fonte arquivo pessoal 2024

Os que ajudam no sepultamento tradicional são pessoas muito respeitadas pela comunidade e são os que carregam os conhecimentos e os segredos de abertura de uma sepultura tradicional.

Capítulo II: SER *AKWĒ* E O MODO DE RESPEITO ENTRE TODOS

A organização social do povo *Akwē* está ligada diretamente aos clãs e das divisões dos clãs, vem às formas de tratamento com respeito. Tudo isso deve se entender que ser *Akwē* é viver numa cultura de regras e comportamentos de respeito na sociedade *Akwē*.

Na licenciatura Intercultural tive a oportunidade de pesquisar um tema importante que é a FORMA DE TRATAMENTO ENTRE OS *AKWĒ* quando pesquisei o respeito e os termos de tratamento que fortalecem o respeito entre todos na sociedade *Akwē*, onde as crianças aprendem primeira a língua materna e os ensinamentos que recebem são todos na língua materna.

A tradução da palavra respeito na língua materna *Akwē* é muito mais que uma palavra, é uma palavra de ordem e regra. A tradução que mais se aproxima na língua é *dasiwaze*, a palavra que expressa o sentido do respeito. *Dasiwaze* tradução aproximada, dividindo a palavra em duas partes *dasi* (entre, todos e juntos) e *waze* (respeitar), *waze* também pode ser usado para indicar que aquela pessoa é de respeito na comunidade, ou entre os clãs. Quando se trata de clã, a palavra *waze* pode sofrer alteração *īsiwaze* (pertencente ao outro) palavra que expressa respeito entre os clã.

Termos de tratamento

Em *Akwē* e Português

Īkrda si ambâ (Avô)

Īkrda são pessoas bem já experientes e vividas, por isso expressa o respeito e são utilizados pelos netos, netas e demais jovens, para demonstrar o respeito pela idade e experiência vivida.

Īkrda si pikō (Avó)

Īmmā (Pai)

Īmmā é uma palavra única em Akwẽ que é usada para chamar três pessoas importantes para uma pessoa ***Akwẽ***: o pai, tios paternos e padrasto.

Īdatkû/Īnatkâ (Mãe)

Īdatkû é a palavra correta mais pronunciada nas comunidades e utilizada na prática. ***Īnatkâ*** surgiu recente nas falas dos mais jovens e são palavras que expressam respeito às pessoas importantes da família materna mãe, tias maternas e madrastas.

Aitê, kuhã (Marido, esposa).

Aitê ou ***kuhã*** são palavras de respeito entre casais e são utilizados no dia a dia. São palavras que tem sentidos de que os dois são uns dos outros e que aquele, ou aquela, é esposa ou marido.

Īkra (Filho ou filha)

Ī(kra) Ī significa meu, ***kra*** filho ou filha.

Akbunĩkwa (Filha ou filho mais velho)

Ībbati (Filho ou filha do meio)

Asare (Filha ou filho caçulo)

Akbunĩkwa, Ībbati e Asare são palavras de identificação utilizadas pelos pais para que as outras pessoas possam localizar os pais e também se utiliza como termos de tratamento.

Īkumrẽ (Irmã ou irmão mais velho)

Īkumrẽ a tradução que mais se aproxima e o que vem primeiro.

Īnõrê Irmão ou irmã mais nova

Īnõrê o que vem depois.

São termos de respeito utilizados entre irmãos, filhos dos tios paternos e das tias maternas.

Nōkrêkwa (Irmão da mãe e tio de amarração de cordinha)

Īdatkû/Īnatkâ (Irmãs da mãe tias)

Īmmã (Irmão do pai tios)

Īdbê (Irmã do pai tia)

Aimãprê si ambâ (Sogro)

Aimãprê si pikō (Sogra)

Ambâdi (Neto)

Pikōiti (Neta)

Īzakmō (Genro)

Asahi (Nora)

Baknō (Filha do irmão sobrinha)

Bremĩ (Filho do irmão sobrinho)

Krêmszu/krêmszurê (Filhos e filhas das irmãs sobrinhos ^{a)})

Os termos de tratamento ensinados para as crianças são para convivência respeitosa na comunidade, os principais termos ensinados são;

Īmmã (pai)

Īdatkû (mãe)

Īkrda (avôs)

Īmmã (Tio paterno)

Īdbê (Tio paterna)

nōkrêkwa (Tio materno)

Īdatkâ (Tio materna)

Īkumrê (Irmão ou irmã mais velho)

ĩnõrê (Irmão ou irmã mais novo)

Esses são os principais termos que uma criança ***Akwẽ*** deve aprender ao longo da fase do crescimento, os pais, avôs e anciões vão ensinando termos importantes também. Os termos de parentesco para parentes consanguíneos também foram importantes no trabalho, onde mencionei alguns termos acima. Os termos de tratamento em algumas situações devem ser formais não se deve falar de qualquer jeito com os pais, por exemplo:

Papai o senhor pode conversar comigo!

Ĩmmã atĩ sdakâmã pe!

Esse diálogo é formal e o jeito de falar muda demonstrando o respeito com os pais. Os filhos, quando estão sendo corrigidos ou recebendo conselhos, não devem olhar diretamente nos olhos dos pais e devem estar com a cabeça baixa todo o tempo. O respeito dos filhos com os pais é muito importante na cultura ***Akwẽ***. Como o povo ***Akwẽ*** é patrilinear, todos os direitos culturais vêm do pai, os filhos recebem a pintura corporal do pai e herdam direitos e obrigações, um deles é receber o nome próprio que tem no estoque de nomes do clã. Muitas vezes o nome é herdado dos avôs para homenagear a memória dos avôs. Cada clã tem estoque de nomes próprios que só os pertencentes dos clãs podem ser nomeados. Quando um clã gosta de um nome de outro clã o ancião deve ir a outro do ancião pedindo o nome, se o ancião autorizar o outro clã pode nomear o filho com umas dos nomes do outro clã. A condição desse pedido é não repassar o nome para os filhos e netos. Quando essa pessoa que recebeu o nome de outro clã quando morrer os anciões deve devolver o nome para o clã que cedeu o nome.

Os termos de tratamento dos pais com os filhos também são muito importantes para que os filhos possam ser espelhar e seguir o exemplo;

Akbunĩkwa (FILHO MAIS VELHO)

Bbati (FILHO DO MEIO)

Asare (FILHO CAÇULO)

Contam na história *Akwẽ* que antigamente os *Akwẽ* viviam juntos com os animais e todos falavam a mesma língua, quando um casal esperava o primeiro filho, ou filha, a notícia se espalhava entre os animais, uma parte dos animais torcia para nascer uma menina outra metade torcia para nascer menino. A parte dos animais que torcia para nascer uma menina, dizia que mulher não mata os animais e que é protetora. A outra parte dos animais que torcia para nascer um menino *turê*, liderada pelo urubu, dizia que o menino caça e, quando criança, pega o arco e flecha e vai matando calango e outros animais pequenos que deixa para trás para os urubus comerem. Quando a criança nasce, a expectativas dos animais é muito grande, quando recebem a notícia que nasceu uma menina outra parte fica alegre e todos visitam, somente outra parte fica frustrada, e nem visitam.

Assim, hoje muitos homens *Akwẽ* torcem muito para nascer um menino *Akwẽ*. Se for homem, quando se casar, seus os filhos serão deles e pertencerão ao clã do pai. Se nascer uma menina, os direitos serão diferentes. Quando for casar, os filhos serão do pai e pertencerão ao outro clã. Os pais, para terem o direito total dos filhos, terão que pagar a cabeça dos filhos ao tio “de amarração de cordinha”, que pode ser tio ou primo materno. O tio “de amarração” prepara a cordinha quando a menina nasce, para amarrar e ter direito plenos sobre ela, mais do que os pais. Amarrar significa reponsabilidade total, o direito de ceder em casamento, direito de cobrar pela desonra e pelos filhos que ela dará. Tratamento com respeito dos pais é uma forma de demonstrar e educar os filhos para que o respeito com os pais seja sincero por parte dos filhos.

Os termos mencionados acima são algumas das práticas que os pais usam para conversar ou chamar os filhos. Hoje isso vem sendo pouco praticado pelos casais novos, que usam somente os nomes próprios para chamar, o correto seria chamar *Akbunikwa*, se for o filho mais velho. Dentro da comunidade todos chamam e conhecem pelo próprio nome.

O comportamento dos netos com os avôs também deve ser respeitoso, sempre utilizando termos de respeito para conversar com os avôs.

Ikrda (avôs)

Ikrda (avós)

Conversas formais. Exemplos:

1- ***Īkrda tēpto anamrān!***

Vovô o senhor está!

2- ***Īkrda tēpto anamrān!***

Vovó a senhora está!

A nova geração está usando mais os diálogos informais que estão substituindo ou modificando as palavras, mas a prática é forte ainda nas comunidades.

Conversas informais. Exemplos:

1- ***Īkrda tēpto aisāmr!***

Vô você está!

2- ***Īkrda tēpto anamrān!***

Vovó a senhora está! (igual à de cima)

As conversas informais podem dar impressão de desrespeito e dão mesmo, as conversas formais com respeito são fundamentais com os mais velhos, principalmente com os avôs.

Os avôs também têm termos específicos de tratamento com os netos, os termos que os avôs usam para chamar os netos são de respeito;

Ambâdi/abâdi (neto)

pikōīti (neta)

Ex: ***Pikōīti atīwapari***. Minha neta me ouve.

Ex: ***Ambâdi/abâdi atīwapari***. Meu neto me ouve.

Os tons e o jeito da fala muda também, os avôs quando vão conversar com os netos usam os termos citados acima.

O casamento ***Akwē*** também traz termos de parentesco importantes que o homem e a mulher e familiares devem aprender e praticar para gerar respeito entre todas.

Os termos que o casal ***Akwē*** dever usar;

Esposo, esposa: *Aitê/ kuhã*.

Ex: *Aitê arê pe mmĩ wat kaduri*. Esposa vamos pegar lenha.

Esses termos são usados para chamar esposo ou esposa, são termos de respeito que os *Akwẽ* usam e praticam depois do casamento em forma de respeito. Não se chamam pelo nome, hoje essa prática de tratamento com respeito entre casais é pouco usado pelos casais novos, muito se chamam pelo próprio nome. Os termos de tratamento depois do casamento também mudam de acordo com as falas, tem termos que só os homens devem falar e outros só as mulheres podem falar. Isso porque na cultura *Akwẽ* algumas palavras são femininas e masculinas, como veremos essas falas de acordo com o gênero:

Termos de tratamento falados por homens em *Akwẽ*

Aimãprê/aimõprê (Pai da esposa, sogro)

Aimãprê/aimõprê (Mãe da esposa, sogra)

Aimãprê/aimõprê (Avôs da esposa, sogros)

Aimãprê/aimõprê (Avós da esposa, sogras)

Aimãprê/aimõprê (Tios da esposa, sogros)

Aimãprê/aimõprê (Tias da esposa, sogras)

Aimãprê/aimõprê (Tio de amarração de cordinha)

Aikãrê (Cunhados)

Asimhi (Cunhadas)

Aitê/kuhã (Esposa)

Na fala dos mais velhos se ouve mais *aimãprê*, na fala do mais novo que se houve *aimõprê*. Isso foi percebido na fala dos casais mais jovens. Isso está acontecendo nas fala dos mais jovens, na escrita ainda e utilizado como padrão a correta *aimãpre*.

Termos de tratamentos falados pelas mulheres em *Akwẽ*.

Aimãprê/aimõprê (Pai do marido sogro)

Aimãprê/aimõprê (Mãe do marido sogra)

Aimãprê/aimõprê (Avôs do marido sogros)

Aimãprê/aimõprê (Avós do marido Sogras)

Aimãprê/aimõprê (Tios do marido sogros)

Aimãprê/aimõprê (Tias do marido sogras)

Snĩkmõ (Cunhados)

Mzahi/Mzai (Cunhadas)

Aitê/kuhã (Esposo)

O termo de tratamento dos pais é muito importante na cultura *Akwẽ*; desde antigamente essa prática de respeito de tratamento entre os pais do homem e da mulher vem fortalecendo o respeito entre todos.

O termo *awasnĩ* é usado para chamar todos da família do homem e da mulher. *Ĩwasĩkwa* e para indicar pessoa da família do homem ou da mulher.

Preocupação dos mais velhos com os jovens que não utilizam os termos de tratamento com respeito

Os termos de tratamento com respeito vêm sendo usados desde sempre. Os *ĩptokrda* (mais velhos) estão preocupados com a nova geração, porque maioria não está usando e valorizando os termos de tratamento. O medo dos mais velhos é que os jovens podem esquecer os termos de tratamento com respeito.

Segundo Enedino *Srênõkrã*, Xerente da aldeia São Bento, se não fortalecemos os termos de tratamento que são a base de todo o respeito que temos e utilizá-los, a nova geração se esquecerá dos termos de tratamento e a falta de respeito será muito grande.

Figura 1 Ancião Enedino Srênôkrã Xerente



Fonte: Natalia Kwapredi Xerente 2020

Na entrevista, o senhor *Srênôkrã* me explicou:

“Eu, quando alguém me chama utilizando termo específico fico muito feliz na minha idade que estou, isso significa muito para mim não só para mim, mas para aqueles nossos ancestrais que souberam transmitir esse ensinamento e sendo valorizado. Isso também para nós os mais velhos traz respeito e sentimos o respeito mesmo em nós. Os que nasceram na minha época todos utilizam os termos com respeito em suas falas, eu também sempre fortalecer essa prática, quando utiliza para chamar meus irmãos os termos com respeito, traz sensação de leveza em meu coração quando usa os termos com respeito. Então o respeito está aí você usando os termos com respeito e você recebe também tratamento com respeito. Estou preocupado com essa juventude o desrespeito está muito grande estou sentindo falta desses termos bonitos que não estão sendo praticado. Quando alguém me chama usando termos específico longo vou perceber se e meu parente próximo ou distante, através dos termos de tratamento podemos identificar alguém na minha idade já muito vivido, mas a memória não anda muito bem para conhecer meus netos e netas que cresceram em outras aldeias, me chamando de *ikrda* vou logo saber que e neto ou neta. Hoje veja que precisamos educar essa juventude para que possamos ainda fortalecer essa prática de usamos os termos de tratamento com respeito, por que se não vamos perder aquele respeito entre-nos, vamos esquecer também aqueles diálogos com respeito. Talvez esteja falando hoje essa preocupação porque ainda estou vivo,

mas preocupado, espero que este trabalho seu meu genro possa despertar em nosso povo em fortalecer talvez não esteja aqui para ver esse resultado, mas desde já estou feliz em vê sua preocupação com essa parte importante da nossa organização que é alicerces do nosso respeito”.

Esta entrevista foi realizada no dia 06 de julho de 2020, quando ainda estava cursando licenciatura intercultural, tudo tinha parado devido ao covid 19 que tinha se espalhado em todo o mundo e inclusive nos territórios indígenas. Estava na fase de conclusão do curso, estávamos isolados então resolvi entrevistar o meu sogro sobre os termos de tratamento do nosso povo. O meu tema do meu projeto era exatamente nesse assunto. Mas quando finalizei o meu trabalho não incluí essa entrevista e guardei para futuros trabalhos. Então, relendo essa parte lembrei-me dessa entrevista tão valiosa hoje, quantas palavras foram bem colocadas em tom de preocupação e resolvi colocar com muita dor que esse ancião sabia meu sogro que me ensinou a interpretar a real situação da nossa realidade atual dos *Akwẽ* em termos de respeito. Ele faleceu exatamente no dia 17 de maio de 2024, aos 93 anos de idade.

O ancião *Srênõkrã* já presenciou a maioria da juventude não praticando os termos de tratamento e percebeu quando ainda estava vivo, e previu que futuramente poucas pessoas irão praticar e aos poucos deixarão de usar. Isso está se confirmando o que o *Srênõkrã* tinha colocado em sua preocupação. Hoje estamos vendo que a juventude não está tão preocupada em usar os termos de tratamento com respeito, mas temos muitos que ainda praticam e mostrando que é bonito quando se coloca os termos em prática. Essa juventude de hoje pensa que só mais velhos podem praticar os termos, eles pensam que usando os termos podem ser comparados com os mais velhos e muitos não utilizam por vergonha, são termos que são praticados desde antigamente, muitos também não praticam por não conhecerem. Por essa falta de conhecimento e vergonha em botar em prática os termos, muitos usam termos em português como; pai, mãe, avô, avó, tia, tio e outros. Esses termos aos poucos vem se fortalecendo no dia a dia. Esse é a preocupação do *Srênõkrã* e outros anciões que os termos ficam no esquecimento. *Srênõkrã* em seu diálogo diz que acredito nos trabalhos desenvolvidos em fortalecimento e vitalizar essas práticas.

Respeito Entre os Akwẽ vivenciado na festa tradicional e cultural da aldeia FUNIL

A sociedade *Akwẽ*/Xerente tem uma organização social muito forte que fortalece o respeito entre todos na comunidade. No mês de julho de 2023 estive na festa tradicional e cultural *Dassĩpê* da aldeia Funil *Sakrêpra*, que fica na reserva indígena funil localizado a 70 km da capital Palma (TO) à margem direito do rio Tocantins. Onde tive a oportunidade de participar de rituais importantes, tais como o *Bakrtarê* (menina moça), cantoria de nomeação das meninas. Quanto o respeito foi importante em todos os momentos, as regras foram respeitadas por todos integrantes dos clãs.

Figura 2 Minha Família na festa tradicional da aldeia Funil



Fonte: arquivo pessoal, 2023

A cultura vivida de perto, enxergando a realidade de um povo que luta pela sua existência e mostrar que as riquezas culturais se fortalecem nos territórios onde os saberes ancestrais se movimentam, foi isso que senti e observei na festa tradicional e cultural *Dassĩpê*, da aldeia Funil *Sakrêpra*.

A pintura corporal e a identidade da festa *Dassĩpê*, cada clã tem a sua pintura específica. A pintura corporal é o reconhecimento da pessoa *Akwẽ* na sociedade *Akwẽ*. Quando o *Akwẽ* é pintado, automaticamente os outros membros dos clãs vão

se reconhecer são do mesmo clã, ou de outro. No reconhecimento da pintura corporal vem todo o respeito que um *Akwẽ* pode ter. Como povo *Akwẽ* é organizado em clãs os direitos e deveres são iguais dentro da organização *Akwẽ*.

O respeito na sociedade *Akwẽ* é muito forte ainda. Todos ainda seguem, podemos dizer que é uma regra onde todos devem respeitar e seguir vou listar, algumas delas que todos devem respeitar como indivíduo *Akwẽ*.

Na sociedade *Akwẽ* uma pessoa deve:

- Ter uma pintura corporal do clã
- Pertencer em umas das quatro associações
- Conhecer seus direitos e deveres
- Ensinar aos filhos os termos de tratamentos
- Respeitar os mais velhos
- Respeitar clã fronteiro
- Obedecer às ordens impostos pelos conselheiros e lideranças da aldeia
- Ter nome *Akwẽ*

Na festa indígena *Dassîpê* são obrigações dos homens;

- Pintar com a pintura corporal que lhe pertence
- Participar de todos os rituais
- Participar dos ensinamentos dos sábios
- Participar das cantorias na preparação da nomeação das meninas
- Correr com a tora de buriti pequena e grande
- Participar do ritual da nomeação dos meninos
- Pintar os clãs fronteiros
- Os homens que tiver filhas a serem nomeadas, devem correr com as toras de buriti pequenas e obrigatória.
- Participar das danças com cantorias
- Ajudar as mulheres com a preparação das comidas tradicionais
- Aceitar se for indicado para realização dos rituais sagrados ou representação como, *padi*. Coruja, onça. Nomeador oficial de meninos e mensageiros.

Na festa indígena *Dassîpê* obrigações das mulheres;

- Preparar tintas para pintar
- Preparar comida tradicional *pradâ* (recompensar), da sobrinha de amarração de cordinhas do marido ou dos filhos.
- Pintar com a pintura corporal que lhe pertence
- Participar de todos os rituais
- Participar dos ensinamentos das sábias
- Correr com a tora de buriti das mulheres
- Participar das danças com cantorias
- Aceitar se for indicada para ser nomeador oficial dos meninos
- Dançar em roda para oficializar nome da sobrinha

Esses são algumas das obrigações que todos devem seguir durante a festa tradicional *Dassîpê*.

Durante toda a festa tive que me pintar pra todos conhecerem o meu clã através de minha pintura corporal. Quando estamos pintados sentimos a sensação de que trocamos a roupa e colocamos outra bem leve, que carregamos até elas sumirem do corpo. A pintura corporal é o símbolo da resistência da luta pela afirmação da identidade. Quando estamos vestidos com as cores da nossa pintura corporal estamos dizendo que sempre seremos *Akwẽ*.

Figura 3- preparação para grande corrida de tora grande com a pintura do partido



Fonte: Natalia Kwapredi Xerente 2021

Um das cenas bonitas que presenciei foram antes da corrida de tora grande no final da festa. Onde todos os corredores estavam concentrados para correrem e ouvindo seus anciões dos partidos. Os *Akwẽ*, na grande corrida de tora grande têm dois partidos *Stêromkwa* e *Htâmhã*, que disputam a corrida. Outro grupo estava tão concentrado em ouvir seus anciões o respeito está em tudo na sociedade *Akwẽ*; do ouvir aprendemos a não errar nos caminhos da nossa vida.

Figura 4 Os homens se preparando para a grande corrida de tora comprido



Fonte: arquivo pessoal 2023

O *PADI* no *DASSÎPÊ*

Um dos rituais que finalizam o *Dassîpê* é o *Padi* (tamanduá bandeira), um ritual muito importante e valorizado pelos *Akwê*. Na escolha de quem vai representar o *padi*, os anciões que escolhem. As escolhas são de um homem da metade *Doi* e outro da metade *Wahirê*, sempre seguindo as tradições culturais, da metade *Doi* pode ser um dos clãs *KRITO*, *KBAZI* ou *KUZÂ* para representar o *padi* e da metade *Wahirê* pode ser também um dos clãs *WAHIRÊ*, *KROZAKE* ou *KRÃIPREHI* para representar. Após as escolhas dos homens para representar o *padi*, os anciões e os que já foram *padi* anteriormente, ensinam aos novos *padi* o jeito como deve ser representado e imitado. Ninguém sabe na comunidade quem representa o *padi* dentro da ornamentação feita de palhas de piaçaba ou de bacaba, apenas a mãe ou esposa são avisadas para ficarem atentas para quando o ritual terminar, os *padi* saem correndo com comidas. Nessa hora que as mães ou as esposas correm para pegar comida, porque nesse momento que as crianças e jovens saem correndo atrás do *padi* e muitas vezes podem até derrubá-lo.

Figura 5 - Padi inda ao pátio centra da aldeia



Fonte: arquivo pessoal 2023

Figura 6 - Padi realizando ritual de dança



Fonte: arquivo pessoal 2023

Nossos anciões contam também a origem do *padi* - tamanduá bandeira-, segundo eles contam, que certa vez uma senhora já muito velha convidou sua neta

para passear na mata. Saíram da aldeia já bem tarde chegaram a um lugar que tinha muita lenha, ali elas pararam, indo a velha cortar lenha perto de uma gruta, já com pensamento muito estranho. Quando chegou perto da gruta a velha achou um cupinzeiro, partiu-o ao meio e comeu, comeu e esqueceu-se de cortar lenha. A menina já tinha terminado de amarrar a sua lenha e estava só esperando a avó voltar. Quando era já bem de tardezinha e a vó não voltava, a menina começou a chamar por sua avó, que respondeu que estava comendo. Depois de um tempo a neta chamou mais uma vez e a vó não respondeu, então a neta foi atrás da avó. Quando chegou perto, assustou-se com o que estava vendo, porque sua avó estava diferente, já tinha se transformado em um animal com quatro patas, com cabelos compridos por toda parte do corpo e comendo capim. A menina voltou correndo e chorando à aldeia, chegou cansada, já quase escurecendo assustando toda a família. Logo o pai perguntou o que havia acontecido e ela contou o que tinha visto que sua avó tinha se transformado em um animal, *padi*. Todos da família ficaram admirados e choravam. Um ancião decidiu que todos fossem atrás dela para matá-la. Quando chegaram a velha estava lá, ainda comendo cupim. Já havia se transformado em tamanduá bandeira. Então os homens que foram, mataram o *padi*. O sangue dela se multiplicou daí surgiu o *padi*.

Nosso povo conta assim o surgimento do *padi* tamanduá-bandeira e o ritual do *padi* finaliza o *dassĩpsê* lembrando esse surgimento e origem.

Romkrêptkã - Discurso tradicional akwẽ

O discurso tradicional *Akwẽ* é um ritual muito respeitado e existem vários *romkrêptkã* (discurso), um para cada situação de cerimônia cultural. Segundo Valteir *Tpêkru* xerente.

Antigamente, no meio do povo Xerente, segundo informações dos *wawẽ* (velhos) existiam vários discursos (*romkrêptkã*) para cada cerimonia cultural, como, por exemplo: do ritual, da caçada, do casamento, do conselho no pátio *warã*, do conselho da paz, do conselho em pós-funeral, do conselho para corrida de tora de buriti grande e em outras oportunidades ritualizadas. (TPÊKRU 2011).

A linguagem utilizada nos *romkrêptkã*, pelos mais velhos, é feita com palavras especializadas e algumas palavras são reservadas especialmente para os discursos. Os mais novos não conseguem acompanhar ou compreender todos os

discursos feitos pelos mais velhos. Discurso é ritual que não aceita palavras estrangeiras, pois podem enfraquecer o ritual. Os mais velhos sempre se preocuparam em transmitir as práticas dos discursos tradicional e cultural com muito cuidado sempre utilizando palavras especializadas bem colocadas.

O *Romkrêptkã* (Discurso) é um ritual que ainda mais fortalece a língua materna. Quando um especialista está discursando todos ficam quietos, ninguém fala nada durante o discurso. Hoje poucas pessoas praticam, mas ainda é um ritual importante e sagrado na comunidade. Desde antigamente, para ser um discursador tinha seus requisitos, ter idade mínimo de 40 anos, ter o domínio da linguagem especializada e conhecer bem as práticas culturais do povo *Akwẽ*. Talvez sejam esses requisitos que muitos jovens não conseguem atender e ter o perfil para ser um discursador oficial por não haver também o ensino tradicional como antigamente. Venho percebendo que as mudanças que estão chegando às comunidades indígenas XERENTE são preocupantes. Antigamente os mais velhos tinham seus espaços de transmitir saberes ancestrais centralizadas no pátio central da aldeia, sem interrupção. Os mais velhos se sentiam acomodados nesse local pra transmitir o conhecimento. Os rapazes novos passavam por reclusão até atingir os seis graus de ensinamento obrigatório na casa dos rapazes, localizada no pátio central da aldeia. Pátio central denominado pelos anciões de *warã*, local de saberes ancestral e das realizações dos rituais.

Os últimos remanescentes da escola tradicional *warã* (pátio central da aldeia ou casa dos rapazes) que alcançaram os seis graus de ensinamento contam que os mais velhos ensinam tudo. Os rapazes reclusos devem passar primeiro no ensinamento *Amtroprahi*, segundo *Dsikusirtuze*, terceiro *Kupawãñbdu*, quarto *Sinãikrã*, quinto *Kkonĩstuhi* e sexto *Kburõipo*. Cada grau de passagem é um ensinamento diferente. Segundo os que passaram, contam que dali sai os grandes conhecedores da cultura e das histórias ancestrais. Dessa escola também saem grandes cantores, discursador oficial de cada clã, raizeiros e grande líder. Até alcançar os seis graus de ensinamento, os rapazes já ficam adultos e prontos para casar.

Valteir *Tpêkru* Xerente fez seu trabalho de conclusão de curso sobre o *Romkrêptkã* - Discurso dos Velhos *Akwẽ* /Xerente (2011), para concluir a graduação

em Licenciatura Intercultural Indígena na Universidade Federal de Goiás, orientado por Joana Aparecida Fernandes Silva. Durante sua pesquisa percebeu que os anciões que faziam discursos eram mestres na arte de discursar. Através do estudo percebeu também que os discursos em certos rituais são feitos em dupla.

Através deste estudo pude perceber que os Discursos dos mais velhos *Akwẽ* Xerente são feitos em dupla dependendo da situação de que se trata. No casamento, por exemplo, o Discurso é feito em dupla, uma pela parte do noivo de outro clã e pela parte da noiva também de outro clã. Ambos chamamos de *dasisdanãrkwa*, ou seja, *sisdanãrkwa* que são clãs parceiros relativos, como por exemplo, *kuzãk tdêkwa* com *wahirê tdêkwa*, *kbazi tdêkwa* com *krozake tdêkwa* e, por fim, krito *tdêkwa* com *krãiprehi*. Portanto esse é meu trabalho de conclusão (TPÊKRU 2011).

Depois desse trabalho feito, *Tpêkru* se tornou referência para os jovens, ele mesmo sendo um jovem. *Tpêkru* vem sendo um dos principais discursadores oficiais do seu clã. Venho acompanhando a disponibilidade dele em representar o seu clã em momentos de rituais, tais como no casamento tradicional. No dia 05 de dezembro de 2020, na aldeia Funil, tive oportunidade de ouvir a oratória dele, no discurso para a parte da mulher que era do seu clã. As palavras eram bem colocadas no discurso e, por representar a noiva, ele começa o ritual do discurso após outro discursador do outro clã representando o noivo e ele termina o ritual.

Figura 7- Casamento tradicional na aldeia Funil



Fonte: Arquivo pessoal 2020

Quatro anos depois, no dia 23 de novembro de 2024, tive outra oportunidade de ouvir *Tpêkru* discursar com o mesmo discursador oficial do outro clã que representaram no casamento entre *Nrômêkwa* e *Brudi* no ano de 2020 na aldeia Funil. Dessa vez *Tpêkru* representava o noivo e o outro discursador veio da aldeia Funil representando a noiva e o seu clã. No ritual, o discursador que acompanha a noiva sempre inicia o discurso, então *Tpêkru* terminou o discurso respondendo tudo que o outro expôs no discurso. Transcrevi a parte que o *Tpêkru* discursou e traduzir para o português.

“E tēnharêtê! E tēnhârêtê! Hê kânēpr rê nōkwa aimō tâkânē bâtô kuzâp ku krîsi kmâdkâ mnō azamō dure tô aiktenāre, azamō tâkânē tô, wdêti zapi nnâkrta, amō romkmâdkâ krta, amō ït kakburōi stēptânâ. Azamō dure kmâ ïsiwasku stēptâk. Aimō tô ïkwa ïmba tet aimō ro krâïpus mōnō, hê kânē zô wat wanōrî krwa nmî pari dure. Watza dure tô wa hâ aimō mâkrâ nnâkrta kâtô dure awē amō ït kmâdkâ stēptâk. Nhanē abrza amō ïpkē toi kōsnâ abrza tô dure wa ïhêmba aimō tâkânē tô aismî waptâkwa haimōwê kraisi wârmnō aimō tâkânē dazakrui ku. Hê bâ kâ tâkâhâ smrânâ aimō tô ïpnâ. Wat za mō tâkânē ïpnâi mǎ,tôt wa aiktênāre azamō dure ïsdawa sîmpok stēptâk. Tanē bâkâ tô aimō ro kâpus mnō nâ. Nhanē wabza tô dure wahâ wabza tô dure nhanē kōsnâ wabza aimō ïhêmba aimō tô ïpkē toisi. Wat za dure kmâ ïsiwasku wahâ tô kmâ aisi wasku nē. Aimō tô sikudabâ aimō romkmâdkâ hâ, aimō tô snâkrtarê wi aimō wasimâ wat krwasku mnō zôsi waza mō dure krsô ïnmîpar stēptâk. Marhâ zahâ aimō kâhawimhâ abawîm hâ rom wasku zabdâ aimō mârî, kânē zabdâ, nhanē aimō simâ krnêmr mnōzô krsô ïnmîpar stēptâk tôpuk. Aimō mârî krsi sâmr mnōwa aimō tô ïtdêkwa aimō aimō simâ krsi mässizô si waza aimō dure kmâ ïsi waste stēptâk wahâ. Kânē nmē hêp kâtô ta! hêp kâ dure ïkmâwapar stēptâk! he hî hêp kâtô ta ïkmâ wapar stēptâk nâ aimōwi”

“Obrigado! Obrigado! E assim mesmo alguém! Sou pertencente do clã *kuzâ*. Vou de novo discursar as origens da nossa cultura sendo ainda uma criança para este ritual. Vou me confessar também! É verdade que você está dizendo! Assim também nós esperamos! Eu também vou vigiar as noites e os dias. Não tem porque eu ficar sem alegria, você trazer a noiva da sua aldeia pra outra aldeia. Vocês estão vendo meu irmão sentado! Vou de novo pro meu irmão sendo jovem abrir a boca. É isso mesmo que você está dizendo! Como vou ficar também? Vou estar alegre também. Vou dizer as mesmas palavras que você disse! As regras são pra os dois! Vou esperar também quaisquer problemas iniciais para que possamos nos avisá-los! Não quero através de fuxico ou coisas parecidas que os dois fiquem brigados, eu não espero. Se alguma coisa ou desentendimento houver entre os casais, que os pais possam sentar e

sanar o problema assim espera. E assim mesmo! Estão me ouvindo de novo! E assim que vocês estão me ouvindo”.

Figura 8- Casamento tradicional realizado na aldeia Nova



Fonte: Arquivo pessoal 2024

Os mais velhos sempre se preocuparam em manter vivas as práticas culturais, tais como o discurso tradicional que hoje poucas pessoas praticam. Através dos trabalhos como do *TPÊKRU* e de vários trabalhos realizados em mostrar a importância das práticas culturais torna vivo um conhecimento ancestral para sempre.

Algumas descrições de regras entre os *akwẽ*

A cultura Akwẽ tem várias regras de convivência, uma criança Akwẽ ao nascer já tem todo aquele direito e privilégio de usufruir dos direitos como Akwẽ. Uma delas é pertencer automaticamente ao clã do pai com sua pintura corporal e ter o direito de tudo como pertencente ao clã. Assim como tem o direito, também tem os deveres a cumprir e ter respeito mútuo e recíproco com o clã parceiro e cumprir as regras que rege a organização social do povo Akwẽ.

Quadro 16- Clãs correspondentes e parceiros, que se devem *Nārkwa*

Metade doi (clãs)	Metade wahirê (clãs)	Termo de tratamento com respeito
KRITO	KRĀIPREHI	NĀRKWA
KBAZI	WWAHIRÊ	NĀRKWA
KUZĀ	KROZAKE	NĀRKWA

Os termos que definem o respeito entre a metade *wahirê* e a *doi é nārkwa* (SIMRIHU, 2021). As duas metades e seus respectivos clãs possuem entre si uma rede de deveres e obrigações recíprocas e são cumpridos e o que faz um *akwê* seguir essas regras ancestrais (SIMRIHU, 2021). A palavra *nārkwa* vem da palavra *Wasidanārkwa* que significa, em português, meu clã correspondente.

Várias situações que envolvem os clãs são resolvidas entre os anciões de cada clã, seguindo esse ritual entre os clãs correspondente. Quando vier a acontecer briga entre uns dos clãs da outra metade, os *nārkwa* agem juntamente com os anciões e *dakmādkākwa* (cacique). Nessa situação, em respeito ao clã correspondente, os desentendimentos ou brigas são resolvidos. Se houver derramamento de sangue, deve obrigatoriamente pagar pelo derramamento de sangue para a vítima e os pertencentes daquele clã podem usufruir se o pagamento; se for carne de gado, só a vítima recebe. Se não houver pagamento fica a dívida em aberto e possível nova briga. Ainda essa regra é muito forte entre os *akwê*.

Nōkrêkwa (tio de amarração) e Regras no casamento

No casamento a regra é mais complexa e exigente. Quando me casei, não tinha todo aquele preparo, aprendi do zero como viver a vida de um casal *Akwê*. A esposa que hoje estamos juntos e construímos família foi a modo antigo e tradicional. Nós não casamos por namoro ou aproximação. Casamos por diálogo entre nossos pais e *Nōkrêkwa* - o tio de amarração de cordinha- da minha esposa. Quando soubemos já estava tudo acertado e não tínhamos o que dizer, era assim que nossos

ancestrais faziam. Nos primeiros anos de casamento fiquei na casa do meu sogro, pai da minha esposa e ele foram meu instrutor de tudo, me ensinou a trabalhar na roça, fazer artesanato, pescar e construir uma casa. Quando queria conversar com meu sogro não falava diretamente com ele, minha esposa levava recado e, se ele precisava de mim pra qualquer coisa sempre era assim. Ela era nossa intermediária. Meu comportamento era todo diferente diante dos familiares da minha esposa principalmente com os meus sogros.

Quando passou um ano, convivendo e aprendendo com o meu sogro, certo dia ele me falou está na hora de você *piza tari* (fazer própria comida). No primeiro momento não entendi o que a palavra dizia exatamente e ele, com toda paciência, me explicou que estava na hora de eu tirar minha panela e fazer própria comida pra minha família. Disse que estava pronto pra seguir e sustentar minha família, e fazer minha própria casa, mas que fosse perto dele. Assim conto um pouco da minha experiência como vivi e me comportei durante meu primeiro ano de casado.

Homem/ambâ *Akwẽ* quando casa fica na casa do sogro mais o menos um ano ou mais para aprender trabalhar na roça, caçar e confeccionar artesanato tudo ensinado pelo sogro. A mulher também passa pelo mesmo processo de aprendizado pela própria mãe. Quando passa esse período de aprendizado e tiver filhos faz casa própria perto do sogro. Os pais do rapaz sabem e conhecem que não podem interferir na vivência do filho perto do sogro por que e a cultura *Akwẽ* pertencer à família do sogro. (ANDERSON SIMRIHU XERENTE, p 26, 2021).

O Casamento tradicional *akwẽ* tem todos os rituais a cumprir, tudo começa pelo tio de amarração de cordinha que prepara todos os preparativos. Antes do ritual ele deve caçar um animal bem grande e que todos podem saborear; umas das regras é que só os clãs irmãos podem partilhar da comida tradicional preparada pelo tio de amarração de cordinha. No dia do casamento, a mulher do *Nōkrêkwa* precisa preparar a noiva, colocar os adornos e pintar com jenipapo a sua pintura corporal. Os anciões formalizam o casamento tradicional fazendo o discurso tradicional. Os anciões são de clãs diferentes e representam as respectivas metades. O ancião que representa a mulher, começa o discurso e o ancião que representa o homem finaliza com outro discurso.

Solicitada em casamento, o tio é imediatamente avisado e então encaminha os preparativos e estabelece o valor da desonra. Ao tio cabe presidir cerimônia propriamente dita, antes de o tio encaminhar todos os preparativos o tio leva uma ancião para verificar a sobrinha para saber se ela continuar virgem, se ela for virgem tem todos os preparativos, mas se ela não for virgem a sobrinha deve contar sobre a sua primeira vez para sua mãe e ela repassar logo para o pai. Em seguida, o tio toma atitude de reunir os pais do rapaz e da sobrinha e os anciões das duas metades para discutir o valor da desonra (ANDERSON SIMRIHU XERENTE, p 26, 2021)

A prática cultural e a regra mais forte ainda é o pagamento do dote da menina moça e a cabeça dos filhos que nascerão. A recompensa é para o que consideramos desonra (perda da virgindade) e o *Nōkrêkwa*, tio de amarração de cordinha, deve receber pelos filhos gerados também. Pra receber a recompensa o tio de amarração de cordinha deve realizar o casamento tradicional.

Antigamente pagamento da desonra era por arcos e flechas e outros materiais que fosse recompensar a desonra. Hoje desonra na cultura *Akwẽ* e muitas vezes pago com gados, aparelhos de som, televisão, espingarda, moto, bicicleta, dinheiro e outros materiais com valores significantes, dependendo do valor estabelecido pelo tio e condições dos pais do rapaz. Depois de todo o procedimento cumprido por todos e a data e marcado para cerimônia cultural de casamento *dakukbâ* pelo tio de amarração. (ANDERSON SIMRIHU XERENTE p, 27, 2021)

O *Nōkrêkwa* é muito importante na cultura *akwẽ* e o ritual para ser o tio de amarração é praticado seguindo as regras ancestrais.

Quando nasce uma menina *Akwẽ* o tio ou primo materno prepara a cordinha de fita de ananás de raposa (amsirê), conhecida também como abacaxi brabo ou cordinha feita de fita pau de leite (*aremsku*) e cordinha de tucum (*wasarnrõ*), ele amarra a cordinha e doravante será o tio de amarração de cordinha (*isōkrêmzukwa*) e este tem plenos poderes, mais que os pais da menina. Amarrar significa reponsabilidade total, o direito de ceder em casamento, direito de cobrar pela desonra e pelos filhos que ela dará. (ANDERSON SIMRIHU XERENTE p, 27, 2021).

O tio de amarração de cordinha precisa participar da educação da menina, juntamente com a mãe e

Quando a menina cresce, a mãe vai mostrando quem amarrou com cordinha e ensinando para chamar de *nōkrêkwa* e o tio lhe dispensa cuidados a proteger. Os cuidados já começam na preparação do batismo para receber o nome na festa tradicional *dassîpsê*. (ANDERSON SIMRIHU XERENTE p, 26, 2021).

O papel do tio de amarração no processo de ensino e nos cuidados é importante para menina crescer conhecendo seu papel e direito na sociedade *Akwê*.

A cultura *Akwê* é linda por causa dessas regras que ainda são obedecidas e fortalecem nossas práticas culturais. Um *Akwê* sabe e conhece quais obrigações e deveres que tem.

***Nōkrêkwa* e sua responsabilidade**

A prática mais forte da cultura é a amarração de cordinha. Seguindo e fortalecendo em praticar esse ritual de amarrar uma menina *akwê* tem todo o processo, e nem qualquer pessoa da comunidade pode amarrar. Os tio ou primos maternos podem amarrar.

Quando tinha meus 16 anos de idade ainda morando com meus avôs, ainda seguia os ensinamentos e obedecia a eles. Certo dia minha avó que conhecia tudo sobre os rituais e regras da cultura, ao saber que nasceu uma menina na aldeia, ela já foi logo buscar no mato material para preparar a cordinha de amarração. Bem de tarde, já tudo preparado, me chamou e me explicou que vou amarrar a menina que nasceu. Fomos a casa onde a menina nasceu nos receberam bem porque a minha avó já tinha avisado que ela ia levar o tio de amarração de cordinha. Fiz todo aquele processo de amarração e tive que segurar em meus braços a menina que tinha acabado de amarrar, tinha apenas um dia de nascimento e ainda estava com umbigo. Nessa hora, minha avó repassou as minhas obrigações a partir desse dia. Minha avó foi firme ao repassar todas as minhas responsabilidades que eu teria como tio de amarração de cordinha. As minhas obrigações são sempre estar por perto durante o crescimento para criar laços de afetos e dar toda a atenção, e sempre estar de prontidão para ajudar no que for preciso.

Lembro muito bem desse dia que fiz os laços de compromisso que teria juntamente com os pais dela por toda a minha vida dar atenção, cuidar e educar uma

menina que tinha acabado de amarrar. Esse ritual aconteceu no dia 07 de abril de 2005. Desse dia pra cá venho acompanhando todo o processo de crescimento. Quando ela começou a fala na língua materna, a mãe já ensinou de me chamar de *nōkrêkwa* (tio de amarração de cordinha) e eu também comecei a chamar de *krêmsurê* (sobrinha de amarração). Esses termos de tratamento trazem tanto respeito ao serem pronunciados, que nos colocam como pessoa importante.

Quando teve a grande festa tradicional *dassîpê* onde teve a nomeação das meninas, tive que me preparar para estar em todos os rituais para que a minha sobrinha de amarração de cordinha pudesse ter total direito de ganhar o nome *akwê*. Tinha todo o processo até ganhar o nome e ser nomeado pelos anciões que conduzem a festa. O nome que a mãe dela tinha escolhido não era nome qualquer, era nome de todos os peixes *TPÊDI* (nome feminino e nome genérico para os peixes). O ritual não era comum como outros nomes femininos. O ritual para finalizar era num córrego perto da aldeia e tivemos que andar três km para realizar o ritual. Tínhamos que fazer o para-peixe no córrego com as palhas de coco rasteiro representando o para-peixe tradicional. Depois de tudo preparado, e a minha sombrinha toda enfeitada e ornamentada, o ritual aconteceu. Como tio de amarração acompanhei todo o processo da nomeação. Ainda hoje me lembro de todas as letras do cântico específico da *TPÊDI*.

AHÊ têpê tômôrê,

AHÊ têpê tômôrê, akrasi mōnō

Apos a finalização do ritual da nomeação, tive que dar almoço grande para todos ali presente no centro da aldeia, agradecendo a todos com esse gesto e ali cumprindo e encerrando o meu dever como tio de amarração de cordinha no processo de nomeação.

As minhas obrigações apenas aumentavam; tive que ajudar em certas necessidades e como não vivemos isolados como nossos ancestrais viviam, dependiam do território e os costumes eram apenas da cultura. As necessidades vieram juntas com o contato. O contato trouxe novos costumes trazendo a língua estrangeira e a escola da escrita. Com a escola nas aldeias tivemos que nos adaptar a vestir as crianças *akwê* nessa necessidade eu, como tio de amarração de cordinha, tive que ajudar a comprar roupas para a escola.

Quando ela alcançou a juventude e sabia que poderia contar comigo quando, às vezes, precisava de mim, me procurava para falar das necessidades e então, eu ajudava. E assim fomos criando laços de afeto e de respeito.

Agora já maior de idade e vai casar, mais uma vez vou entrar em ação, agora para realizar o casamento tradicional. Fui avisado três meses antes do casamento, depois do aviso formal tive que me organizar para poder realizar o casamento tradicional. Primeiramente, mandei fazer uma borduna que representa a autoridade e sinal de respeito; depois fui fazer farinha e procurar carne de caça. Quando chegou o dia do casamento fui bem cedo preparar carne de caça tudo feito conforme nossa cultura e moqueamos a carne de caça. O ritual estava marcado para duas horas da tarde e a carne de caça demorou três horas pra assar.

Figura 9- Carne moqueada para realização do casamento tradicional na aldeia Funil



Fonte: arquivo pessoal 2024

A minha esposa foi encarregada de preparar a nossa sobrinha, pintar e ornamentar com adereços, colares e de colocar o principal colar com dente de capivara, que simboliza a virgindade. Depois de tudo preparado, fui levar a minha sobrinha e toda a oferenda que tinha preparado para dar aos presentes nesse ritual. O casamento foi finalizado com discursos dos anciões e ali estava cumprida a minha missão. A partir desse dia, me tornei sogro do marido da minha sobrinha de

amarração de cordinha e ele se tornou meu genro. Agora esperarei o pagamento da desonra e pelos filhos que terão.

Figura 10 Eu tio de amarração de cordinha e minha sobrinha de amarração



Fonte: arquivo pessoal 2024

Capítulo III- As pessoas *Akwẽ*

Os DAKMĀDKĀKWA: LIDERANÇAS *AKWĒ* (caciques) E O RESPEITO

Antigamente os *Akwẽ* não tinham uma liderança única. A liderança era compartilhada entre os representantes de todos os clãs. Segundo os relatos dos mais velhos as decisões eram tomadas e decididas coletivamente. Em caso de uma demanda séria envolvendo brigas, os anciões conselheiros de cada clã se reuniam para dialogar e resolver a situação. Em todas as situações envolvendo a comunidade, os conflitos eram resolvidos pelos mais velhos. Esse sistema de tomar decisões e de liderança compartilhada foi antes do contato com os não *Akwẽ*.

O Serviço de Proteção aos Índios (SPI) criado em 1910, operou em diferentes formatos até 1967, quando foi substituído pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), que vigora até os dias de hoje. Segundo de (PAULA, 2000) foi nesse período que o termo **capitão** foi incorporado, conhecidos como lideranças que tinham a função de liderar e representar a sua comunidade, os mais velhos *wawẽ* sempre foi às fontes de consultas e conselheiros para as lideranças *Akwẽ*. O termo capitão, aos poucos, os *Akwẽ* foram adaptando fonologicamente para a língua materna, como empréstimo fonológico *kapto*. Hoje ainda poucos utilizam o termo *kapto*, termo mais usado é o *dakmādkâkwa* (cacique) que significa autoridade que governa para todos.

Para de PAULA (2000, p 218), o termo liderança passou a ser uma denominação amplamente incorporada pelos grupos indígenas no Brasil, após famosos cursos de formação de lideranças patrocinados principalmente pelo CIMI, durante a década de 1970. Pouco se ouvia na comunidade o termo liderança, quando se referia à autoridade máxima da aldeia. Para de PAULA (2000, p 218 a 219) “liderança”, atitude está exatamente oposta à adotada em relação à denominação “cacique”, que eles fazem questão de afirmar de fato, imbuídos desta função.

Atribuições do *dakmādkâkwa*

O *Dakmādkâkwa* (cacique) tem várias atribuições. De unir a comunidade para trabalho coletivo, derrubada da roça, pescaria coletiva e é o responsável de manter as regras de convivência na comunidade. O cacique ainda tem o papel importante de apaziguar as brigas ou mediar uma reunião de brigas de casal com

ajuda dos mais velhos. Também é autoridade importante para representar a sua comunidade diante das autoridades não *Akwẽ*, para buscar melhorias e reivindicações dos direitos e projetos sustentáveis para sua comunidade.

Além do *dakmãdkâkwa* (cacique) tem lideranças que ajudam na organização interna em uma aldeia: os anciões, anciãs, pajés, raizeiros que tem funções específicas na organização de uma comunidade. O *dakmãdkâkwa* (cacique) quando está precisando de orientações e conselhos procuram essas lideranças. A organização de uma aldeia não depende só do *dakmãdkâkwa* (cacique), também tem a participação das lideranças citado anteriormente.

Para ser um *Dakmãdkâkwa* (cacique)

Para ser *dakmãdkâkwa* no povo *Akwẽ* é preciso ter o apoio da maioria da comunidade e das lideranças *wawẽ* (mais velhos) e atender o perfil do *dakmãdkâkwa*, saber discursar bem, ter uma mulher, uma casa e trabalhar bem na roça, para ser exemplo pra a sua comunidade e ter idade mínima 40 anos. Atualmente, as escolhas do *dakmãdkâkwa* ainda continuam com os mesmos procedimentos, apenas algumas mudanças como das escolhas dos rapazes novos que tem grau maior de estudos entre 30 e 35 anos. Em aldeias grandes é preciso que todos os *wawẽ* e autoridades estejam presentes, às vezes os *wawẽ* de cada clã podem indicar uma pessoa que está preparada não importa qual seja o clã e os *wawẽ* apresentam para a comunidade. Nessa escolha dos *wawẽ* também é escolhido o *dasdawa zapakwa* (vice-cacique), que não pode ser do mesmo clã do cacique e nem pertencer à mesma metade. Essa forma de escolha dos representantes entre clãs fronteiriros é para fortalecer os direitos e deveres entre os clãs e também para enraizar o respeito entre os *Akwẽ*. Em algumas situações, a escolha do cacique e seu vice das aldeias grandes, a comunidade escolhe obedecendo à regra que é de dois clãs diferentes. Nas aldeias pequenas é comum que as escolhas aconteçam de pai para filho, ou da mesma família, para sucessão do posto de cacique, mas sempre obedecendo à regra de clã diferente para cacique e vice-cacique.

Os benefícios de ser *dakmãdkâkwa* (caciques)

Ter o respeito de todos na comunidade, sempre ser o primeiro a ganhar em distribuições de alimentos da roça ou caças, com quantidades maiores que os outros da comunidade; assim também os *wawẽ* (mais velhos) tem o mesmo prestígio do

dakmãdkâkwa. Quando vêm doações em alimentos das entidades governamentais, o *dakmãdkâkwa* é o primeiro a ganhar e também é o responsável em distribuir.

Como o cacique não tem remuneração e sua função exige espontaneidade do mesmo, a comunidade ajuda de forma espontânea: quando um homem de uma família mata uma caça, dá um pedaço de caça para ele, ou quando pegar muitos peixes também dá um pouco. E, assim, os demais também dão o que tem para ajudar, essa ajuda é uma compensação da comunidade que reconhece sua dedicação exclusiva.

Cântico tradicional do *dakmãdkâkwa*

O cântico tradicional é um ritual que sempre foi praticado pelos anciões deste antigamente para reunir avisar a comunidade. Quando um ancião responsável em avisar a comunidade faz os rituais, quatro e meia da madrugada, inicia com cântico tradicional.

kãnẽ te rê ro nõõõmrõ!

kãnẽ te rê ro nõõõmrõ!

kãnẽ te rê ro nõõõmrõ!

kãnẽ te rê ro nõõõmrõ!

kãnẽ te rê ro nõõõmrõ!

Depois do cântico, inicia os avisos e ao mesmo tempo também dá conselhos. O ritual de aviso deve ser sempre em forma de discurso tradicional, sempre usando palavras especializadas.

Essa prática foi repassada aos *dakmãdkâkwa* para avisar, reunir e aconselhar a sua comunidade. Esse ritual ainda é praticado, mas pouco se pratica pelos novos *dakmãdkâkwa*. A causa disso e talvez seja a chegada da tecnologia nas aldeias e acesso aos aparelhos de celulares. E uso de grupos de watzap para avisar ou repassar um comunicado. Isso talvez seja um dos fatores que vem enfraquecendo a prática de ritual de aviso cultural.

Mundo do *sekwa* (xamã/pajé) *Akwẽ*, seu conhecimento tradicional e sua importância na sociedade *Akwẽ*. O processo para ser um xamã *Akwẽ* não é por acaso; os donos da mata, dos peixes, dos animais da água e de outros seres donos que tem conhecimentos espirituais escolhem os futuros xamã para ensinar a cuidar do seu povo contra maus espíritos e para ensinar conhecimentos tradicionais, tais como remédios tradicionais. O *sekwa* pode ser do mal ou do bem; outros podem curar e outros podem colocar coisas que podem adoecer. Todo o ensinamento recebido pelos donos tem um preço, os donos fazem o trato por um período. O xamã aprendiz faz um acordo por determinado tempo, para retribuir o ensinamento recebido. A retribuição poder ser de várias formas, dependendo do acordo feito entre donos e, se for para entregar a vida ao envelhecer, os donos aparecem no dia marcado para levá-lo.

Nessa parte apresento um pouco do mundo xamã do povo *Akwẽ*. O mundo da espiritualidade que só os escolhidos para ser xamã podem compreender.

Nas comunidades todos os xamãs são conhecidos como *sekwa* e todos são considerados como médicos tradicionais que curam os doentes conhecem todos os tipos de remédios tradicionais para cada enfermidade.

Iniciação do *Sekwa* Xamã

Segundo Davi Kopenawa a sua iniciação para um xamã começou na casa do sogro. O seu sogro, que é um grande xamã, explicou porque seu sono era tão agitado: quando pequeno os xamãs colocaram nele enfeites de espíritos, por isso os *xapiris* iam até ele. O seu sogro propõe que vire xamã. Depois de pensar, sua decisão foi de saber curar e aceitou se tornar xamã. A iniciação aconteceu na casa do seu sogro. O sogro começou a soprar *yãkoana* nas narinas de Kopenawa. De repente o seu efeito bateu na sua nuca com força e o jogou para trás. Ele sentiu seu corpo ficar no chão e seu espírito voar e subir. Esse forte efeito acontece somente na primeira vez. Depois, a *yãkoana* não derruba mais. É com a *yãkoana* que os xamãs estudam e aprendem as coisas desconhecidas. Os *xapiri* se manifestam de dia e de noite. Por isso os xamãs cantam sem parar. Durante a iniciação não é permitido ao iniciado fazer algumas coisas. Tomar banho no rio. Só pode tomar banho com água morna, dentro de casa, não pode comer carne de caça, não pode beber água demais, não pode fazer sexo,

não pode comer de sal ou que tenha acidez. Só comer coisas doces (mingau de pupunha). Depois de um tempo a sede e a fome acabam, pois o iniciado é alimentado pelos espíritos.

Segundo Davi Kopenawa sua iniciação durou cinco dias. Durante esse tempo, quase não comeu e nem bebeu. Sentiu-se extremamente fraco. Mas, explica que este é um processo necessário para ver, dançar e conhecer os *xapiri*. Para Davi Kopenawa e preciso todo esse estudo para se tornar xamã yanomami.

“É assim que estudamos para nos tornarmos xamãs. O maior que chama os espíritos por nós deve, ao longo do dia, soprar o alimento deles em nossas narinas. Então, pouco a pouco, durante a noite, acabamos por vê-los se aproximando, dançando com alegria, e isso não para mais. Foi o que meu sogro fez por mim. Revelou-me o caminho dos xapiri, fez com que descessem e os deu para mim. É um grande xamã, um homem muito sábio. Ele não queria que pudessem me chamar de mentiroso. Assim é. Seguimos desde sempre as palavras que Omama deu a seu filho: “Se você quer mesmo ver os xapiri e ser capaz de responder a eles, precisa beber *yākoana* muitas vezes. Precisa ficar sem se mexer na sua rede e parar de comer e de copular a qualquer hora. Nesse caso, os xapiri ficarão satisfeitos. Senão, vão achá-lo sujo e fugirão”. Por isso o pai de minha esposa me alertou: “Agora vai ser preciso que seus pensamentos permaneçam calmos e que você responda aos xapiri com atenção, ou eles ficarão enfurecidos e poderão maltratá-lo!”(KOPENAWA p. 143-144)”.

Na sociedade *Akwẽ* iniciação para ser xamã *sekwa* também pode acontecer quando os xapiri, ou para os *Akwẽ* os *tdêkwa* (os donos seres) gostam da pessoa que escolheu para ensinar os seus conhecimentos espirituais. Kopenawa explica como alguém se torna xamã no mundo yanomami.

“Entre nós, é assim. Primeiro os *xapiri* olham com afeto para a pessoa, quando é criança. Então ela fica sabendo que estão interessados nela e que vão esperar até ficar adulta para se revelarem de verdade. Depois, conforme cresce, eles continuam a observá-la e a testá-la. Por fim, se a pessoa quiser, pode pedir aos xamãs mais velhos de sua casa para lhe darem *yākoana* para beber. Eles então abrirão para ela os caminhos pelos quais os espíritos virão dançar e construir sua casa. Durante a infância, vira-se fantasma de vez em quando, nada mais. Só se pode conhecer os *xapiri* de verdade depois de ter bebido *yākoana* por muito tempo. A partir

daí, eles não saem mais de seu sonho. É assim que alguém se torna de fato um homem espírito!" (KOPENAWWA p. 100)

Os *tdêkwa* podem escolher também crianças, aparecendo como gente para as crianças e, em muitos casos, as crianças não conseguem seguir as regras de ensinamentos e podem adoecer e só podem ser curados pelos *sekwa* experientes. Por isso os *tdêkwa* escolhem mais os adultos para serem seus olhos no mundo que vivemos. Os *tdêkwa* podem ser da água, da mata, dos animais, dos peixes, e outros seres *tdêkwa*.

Quando um rapaz gosta muito de pescar e pega muitos peixes e os *tdêkwa* dos peixes ficam observando, até os *tdêkwa* gostar do rapaz aí se iniciam os primeiros contatos através de sonhos. O rapaz começa a mudar o seu comportamento com a sua esposa e suas atitudes com os demais também. Chegar muito tarde da pescaria com muitos peixes, cumprir toda a regra imposta pelo *tdêkwa*. Não faz sexo durante todo o período do ensinamento, quando dorme sempre virado de costas para a esposa. Todo ensinamento é através do sonho. Depois desse período de ensinamento os *tdêkwa* aparecem para o novo *sekwa*, não mais como no sonho todo bonito, aparece como eles são realmente nessas horas. Muitos não conseguem receber eles, muitos correm de medo e quando correm e não conseguem ficar ficam doentes e os *tdêkwa* ficam com o espírito, só o *sekwa* bom e negociador consegue resgatar o espírito. Quando são resgatados todos os ensinamentos são apagados automaticamente e não consegue mais ver os espíritos.

Os *Akwẽ* acreditam que tudo tem o seu dono, assim como nós, os *Akwẽ*, acreditamos que o nosso dono é o *waptokwazawre* (deus), e assim os donos podem ser também os espíritos da natureza que protegem tudo que é da natureza.

De acordo com as entrevistas com os anciões *Akwẽ*, feitas pelo ALEXANDRE CHAPARZANE XERENTE

Para os *Akwẽ* existem os seres donos, os *Tdêkwa*, da mata (*Mrãi tdêkwa*), da água (*kâtdêkwa*), animais (*kbazeiprãtdêkwa*), peixes (*tpê tdêkwa*), chuva (*Tãitdêkwa*). Existem os donos que o povo *Akwẽ* acredita desde os *Akwẽ* surgiram. E desde a origem do fogo, já existiam os donos dos animais, dos pássaros, dos peixes e outros (Alexandre C Xerente 2022 pg 66).

Os *Akwẽ* têm uma ligação forte com a natureza, e tudo que se tira dela deve ser pedido aos donos, tudo pertence ao mundo da natureza, onde a divisão de tarefas entre donos são divididas como: dono da mata, peixe, animais, água e etc.. Cada dono fica responsável por proteger e aquele que ousar desrespeitar a lei da natureza pode sofrer sérias consequências impostas pelo dono, como adoecer ou aceitar aprender conhecimentos espirituais para ser pajé especialista, sabendo o preço determinado pelos donos. Nesse desrespeito da lei da selva que surge alguns pajés bons e pajés do mal de acordo com o trato feito entre os donos e futuros pajés *Akwẽ*

Segundo o Alexandre Chaparzane Xerente, os *Akwẽ* respeitam muito a natureza e acreditam na existência dos seres donos (*Tdêkwa*).

Desse modo, os Xerente têm respeito muito grande pelo que a natureza representa para eles. E têm cuidado da preservação dos seres que precisam, para sua sobrevivência durante a sua vida do dia a dia. Todavia, a relação com os donos *Tdêkwa* é o poder de xamanismo, pois é através deste contato que podem transformar um bom pajé (*sekwa*), ou mau.

Portanto, o mundo espiritual vem através deste saberes, de acreditar que com existência dos seres donos *Tdêkwa*, é que os *Akwẽ* começam a receber os ensinamentos. Através dos donos, ou através de sonhos. Com isso, respeita tudo que a terra e a natureza oferecem para o povo, com um todo para viverem bem, em seus espaços e tempos (Alexandre C Xerente 2022 pg 66).

Nesse contato com os *Tdêkwa* saem os pajés *Akwẽ* e o processo de ensinamento pode ser feito através de sonhos. Segundo Alexandre Chaparzane Xerente (2022 pg 66), o pajé surge de vários donos *Tdêka*. “*Tdêkwa*, da mata, dos animais, da água, dos peixes e dos animais silvestres. Desse modo, os *sekwa* surgiram dos caçadores, dos pescadores, quando os *Tdêkwa* estão gostando do indivíduo”

Os *Akwẽ*, e os povos indígenas, todos tem o sua cosmologia, a visão própria de interpretar o mundo em que vive. Os *Akwẽ* tem uma cultura linda que vem se fortalecendo durante toda a vida mantendo a relação primordial com a natureza, ela

nos fortalece o suspiro e o sopro da vida, ela nos ensinar a viver com tranquilidade e paz sem agredi-la e machucar.

Os *Tdêkwa* curam Através dos *Sekwa*

Todos os *sekwa* xamã têm os espíritos *tdêkwa*, *xapiris*, que os acompanham. Segundo Davi Kopenawa muito antes de existir os remédios dos brancos, os Yanomami só contavam com os *xapiri* para proteger e vingar seus familiares. O povo *Akwẽ*, antes do contato, sempre contava com os *sekwa* que através do *tdêkwa* que sabiam todos os tipos de remédios e eles protegiam todos da comunidade do mal que viam e todas as doenças que vinham através do vento; todos os *sekwa* tem seus próprios cantos para realizar seus rituais de cura e sempre são acompanhados de espíritos, donos dos saberes.

Quando alguém da comunidade adoecer por ação dos espíritos maléficos, os *sekwa*, acompanhados de seus *tdêkwa*, curam e retiram o mal do corpo e recomendam o remédio que deve tomar para ser recuperar. Os *sekwa* não cobram pelo trabalho feito para curar, a pessoa ou familiares que devem dar agrado ao *sekwa* de livre e espontânea vontade. Se isso não for feito, pode ser que os *tdêkwa* não conseguem muito efeito na cura.

Segundo Davi Kopenawa, hoje as pessoas ainda acreditam que só os *xapiri* podem curar, mas também contam com a ajuda dos remédios dos brancos. Tem enfermidade que os *sekwa*, através dos *tdêkwa*, podem curar; mas, os remédios dos brancos também ajudam no processo da curar de certas doenças. Tem coisas que só os *sekwa* podem identificar a causa da doença e tem outros que só os médicos podem diagnosticar. A simetria do conhecimento dos indígenas e dos não indígenas podem ficar lado a lado. E os conhecimentos indígenas na biomedicina podem ajudar muito.

A Força dos *Sekwa* Xamã

O *Sekwa Akwẽ* tem as forças para curar e também para fazer coisas que são impossíveis para quem não é *sekwa*, como acalmar a chuva forte e podem também controlar os raios. Antigamente, os *sekwa* brigavam usando raios para matar seus inimigos. Só o *sekwa* especialista em chuva podia fazer isso. Ainda hoje existe

sekwa especialista em chuva, mas esses usam seus conhecimentos para afastar as chuvas bravas com raios para longe de suas aldeias, e assim protegem sua comunidade. Segundo Davi Kopenawa os yanomami xamãs têm o poder de pedir e fazer parar as chuvas ou de fazê-las voltar, quando é época de grande seca. Chama para dançar os *xapiri* trovão, raios, vendaval, chuva; assim como do sol e da seca. Kopenawa relatou que os xamãs antigos também têm o poder de trazer a caça. Trazem para a floresta as queixadas, antas, macacos-aranha, os papagaios, os mutuns e os veados. Bebem *yãkoana* e fazem dançar as imagens dos ancestrais animais *yarori*.

As forças do *sekwa* podem dar medo, não se pode brincar com eles. Quando eles sentem que estão sendo ameaçados eles podem botar coisas no corpo e a pessoa pode adoecer.

Os Cânticos do *Sekwa* Xamã

Cada *xapiri* tem seu próprio canto e cada *tdêkwa* também tem seu próprio canto que é repassado ao *sekwa*. Cada *sekwa* tem próprio canto e, nas festas tradicionais e culturais do povo *Akwẽ*, no *dassîpê*, os cânticos são cantados de forma alegre com danças por cantores *sekwa*. Os cânticos podem ser cantados por todos, mas sempre acompanhados por *sekwa* citarei algumas cânticos dos *sekwa*;

LETRA de *ROWÊ Z*

Rowê zô wat irît X2
Kãmnêrê rowêki zahã X2

LETRA de *WA REMENÏ*

Watô teza tanêdi dure X1
Watô teza remêdi dure X1
Watô teza dure wa remêdi X2

LETRA de *NMÔMÔP ÎNRÔWA*

Hê nmômôp înrôwa 2x
Kurber zawi têbâ wat ihârâ 2x

LETRA de **SRĒWI**

Kūwa, Kūwa! 2x

srēwi pe mō īzō airīfī mōn 2x

LETRA de **MRĒMĒDI**

Há mrēmēdi bâ X1

Amôrê kūwa X2

LETRA **tôka hāre**

tôka hāre watôreza īmōrī 2x

tôka hārê aikrekōdi 2x

LETRA de **ROWĒKŌDIRÊ**

Nōkwa hā kwaze tōtahā rowēdirê kōdi 5x

Watôreza zamō tōtahā wazê 5x

Esse cântico é o mais bonito da festa, quando todos dançam seguindo os passos em ritmo único, uma fila de mulheres e outra dos homens dançando no pátio central da aldeia. Só os *sekwa* podem cantar e conduzir a dança; dizem os mais velhos que durante a cantoria todos os espíritos ancestrais aparecem para dançar e podem tocar nos participantes das danças e adoecerem; por isso os *sekwa* conduzem a cantoria e não permitem que os espíritos ancestrais toquem nos participantes.

Tôtazi pesahā azamā tōkahā wi pesa amrmēmē tōkahā- homens cantam.

Are are are wahā – 2x mulheres cantam.

A cantoria dos *sekwa* também pode ser específica para resgatar os espíritos que saem do corpo. Os *sekwa* dizem que quando uma pessoa esta sem espírito fica muito fraca não conseguem fazer nada.

VI- MULHER (**PIKŌ**) **AKWĒ**

Ser *pikō* na sociedade *Akwē* é ter muito respeito. O respeito que elas têm de todas vem desde sempre, desde sua infância, quando adulta e até envelhecer. *Pikō*

tem papel importante na cultura *Akwẽ*, elas são responsáveis pelo ensinamento das primeiras palavras da língua materna, são melhores conselheiras e são guardiãs dos conhecimentos ancestrais.

As mulheres sempre foram importantes na sociedade *Akwẽ*, elas são responsáveis em preparar e educar a mente dos nossos jovens para a sociedade, elas prevê o caminhos dos seus filhos, por isso as conselhos são indispensável.

Origem da mulher *pikõ*

Segundo os mais velhos, os *wawẽ*, no começo da formação do nosso povo *Akwẽ* Xerente existiam dois seres únicos habitando na terra: era *bdâ* que significa sol, *wairê* que é a lua e somente eles andavam por aqui. Criaram o céu, a terra e também os homens. *Bdâ* e *wairê* ficaram observando os homens que estavam caçando em grupos durante três a quatro dias. Os homens tinham um lugar onde acampavam. Passando algum tempo *bdâ* e *wairê* acharam que faltava alguma coisa além daqueles homens. Então *bdâ* falou aos homens que saíssem para uma caçada, mas antes eles deveriam arrumar o “*sõkrda*” (comida guardada) isto é, o resto da comida que sobrou, enrolando com folha e amarrada com embira, mas que não fosse muito apertado. E não explicou mais nada. Feito isso os homens foram caçar. Quando voltaram à tarde, ouviram barulho de longe. Chegando ao acampamento, os seus “*sõkrda*” tinham se transformado em mulheres. Os homens e mulheres se reconheceram e se encontraram, formando um casal. Algumas mulheres tinham os olhos tortos, eram caolhas porque os homens amarraram o “*sõkrda*” com muita força. Outras tinham olhos bonitos porque os homens prenderam “*sõkrda*” de leve.

Valteir *Tpekru* Xerente também descreve origem da mulher em seu trabalho com mais detalhe.

“Os nossos anciãos, “*wawẽ*”, contam que no começo da formação do povo *akwẽ* existiam apenas dois seres únicos habitando o planeta terra: era *Bdâ* que significa sol, *Wairê* que é a lua e somente eles andavam por aqui. Criaram o céu, a terra e também os homens. Segundo a história no começo existiram somente os homens, onde de acordo com a história os homens faziam relação sexual entre eles e engravidava, mas não conseguiam dar luz e assim morriam na hora do parto. *Bdâ* e *Wairê* viram isso que não era bom, acharam que faltava uma coisa além daqueles homens. Então o *Bdâ* resolveu colocar uma mulher muito bonita bem caracterizada pintada e enfeitada, numa fonte em cima de uma árvore onde a sombra da mulher apareceu no fundo da água. Quando os homens chegaram à fonte para banhar primeiramente viram a sombra da mulher, eles pensaram que fosse ao fundo da água, e assim os homens começaram a mergulhar para pegar ela. Muitos homens que estavam lá mergulharam

sem parar e todos ficaram com muito frio sem conseguir nada, nenhum deles que estavam na fonte olhou para cima sendo que a mulher estava em cima da árvore. Enquanto todos os homens que estavam atenciosos na sombra da mulher no fundo da água, chegou uma onça parda e logo olhou para cima e viu que era uma mulher, não pensou duas vezes logo foi em cima e derrubou a mulher da árvore. A onça agarrou a mulher e fez a relação sexual e quando os outros homens viram isso todos foram em cima da mulher, ninguém esperou a onça parda terminar a relação. Assim todos os homens ejacularam em toda parte do corpo da mulher de qualquer jeito, a mulher não resistiu e faleceu depois disso cada um deles tirou um pedaço do corpo da mulher e enrolaram com folha alguns deles amarraram bem leve e os outros amarraram bem apertados. Em seguida eles voltaram para casa deles levando consigo o pedaço do corpo da mulher para guardar nas casas onde moram. Nos outro dia eles combinaram para saída da caçada na mata em busca de animais e ao mesmo tempo ficar um bom tempo fora da aldeia. E assim, todos ficaram mais ou menos dois meses sem alguém ir para casa. Até que um dia a noite um dos anciãos se lembrou da aldeia e indicou um “*danõhuĩkwa*” mensageiro para que fosse a aldeia visitar as casas. De manhã bem cedo o mensageiro foi à aldeia quando estava chegando por perto ele ouviu o barulho de pessoa. Chegando à aldeia viu muita gente mulheres, crianças e elas perguntando por marido delas. Essa transformação de gente surgiu do pedaço do corpo da mulher que cada um deixou guardado na casa. Segundo os *wawẽ* contam que o pedaço do corpo que foi amarrado bem leve que surgiu a mulher com corpo bonita sem apresentar qualquer tipo de deficiência e aquele pedaço que ficou bem amarrado apertado é que surgiram as deficiências no corpo. Essa é história dos nossos antepassados sobre a origem da mulher.”(TPEKRU 2019, p 31)

Noel *Dakawazrêkwa* Xerente (2020) descreve a origem da mulher *pikõ krãiwatbroze* em sua língua materna *Akwẽ*.

“Adu ro hẽmba mnõ kõre tetõ aimõ ponkwanẽ Akwẽ krtinẽ smisi tõ Bdã tahã tõ ambã are ikamõ tõ Wairê tahã tõ pikõ. Tazi mãtõ nẽsi sire nõt, mãtõ aimõ bdã kmã tkahã mãtõ aimõ simã nĩmrãm siwaprosi tmã psẽ kõd , tambã aimõ ro tẽ krãiwatro pari are mãtõ aimõ smisi mãra nã awẽhãre simãmrẽ siwaprosi psẽ kõd are mãtõ aimõ simã hi kra pibumã mãtõ aimõ simã hi, mãtõ aimõ tkrakw ambã nãsi. Twa mãtõ aimõ tkrakw ambã nãsi, mãtõ aimõ tẽ wrahkukw ambãnãre, wrahku psẽ wi mãtõ aimõ ihãze waipã nẽsi tmã wi, tazi mãtõ tpẽ toikw mãtõ simã mrẽ kãnẽsnã watõ kmã kahõsnĩ , are mãtõ aimõ smisi wahum mnã aimõ tsĩm psẽkw, are tõ tahã dasipsẽ pari mãtõ aimõ kahã snã twasã, mãtõ aimõ wa kmãwaire tõ psẽ snã are mãtõ aimõ bdã nwa waptãr krapre pibumã are mãtõ isaparwa spokpun tmã sepkuwi, mãtõ ksdari, sektad Akwẽstõ mãtõ tizdarirẽm Akwẽsto mãtõ mnĩ watobr aikte zaparkwa pkẽwapu snã are tsimãza tambã aimõ ro tma saikwar mnõnã tazi mãtõ tkrũkrũkw. Ptã kamõnã mãtõ dure tsisdakã Bdã kãtõ wairê tazi mãtõ dure tpekẽ wadkãkw tanõraizemã are mãtõ dure simã hrikw tokto pikõ tẽ kmãnãr pibumã, are smisi ptãna mãtõ kmãnãrkw are sasõmkw wdẽ nmizapo nã adu ambã nõri sipi tẽ kmã kwamãire, mãtõ aimõ sdakro bdã

kmã tsiwã are mātô smisi danōwa kã tê huida mō kãmba tazi mātô aimō sã pikōi hêmba kãmba are aipã war tê spokpu mnō da sdekba nōri are mātô aimō ssakrê kmã sopra da mātô aimō sãmr mātô aimō nēsi sô trêrkêkw sô trêrkêkw sô trêrkêkw mātô mātô bdã tsimpra pês tê Kãr kbakōd, hã mātô tê sarot tanē wi tet mnĩ kwatbremĩ sikra kã tê huida pra re māt tahã wa nmizawēr hêmō, are sã, are wasku bûkō pikō sakonã wdê nmizapowa pra re māt siw skra are siw wĩ. Mātô ãnĩ siwi tê snãrkw are tê wassikw hêsuiwa mātô tê wassikw nmãhã māt wairom snã wasis are nmãhã kuzkisinã māt wasis are kwasa srōwa ku are bruku wahud sipi tê kmã kwamãr da are aipã sinãwi māt romzako waparkw tazi māt prare sasi mnō pã simpe Akwêsto pikō tsikburō, tahã nmãhã wairom snã tê wassi mnō psê ared are tê wassi kuzki mnō tom zdaktod. Tazi mātô kmãnãr pikō mātô dure tô waipã ãwapru tmã wi, wa tê kmêrmê kōd are Akwêstô mātô dure twasã mātô dure wa kmã waire are mātô dure bdã nwa waptãr, mātô tmã depuk are mātô tkrapre are tokto mātô tmã tpês tô prare māt tmã waptãr mãri twi kunê kōd. Ptã kamōnã mātô dure tsisdakã tô wahum pã skrêhunã are mātô aimō wairê dammrê kãnēsã wakra tet tkahã, nhanēs nã wabza kmãnãrn are bdã kãnēsã mrmê snã māt wabu hikre kmêkã are kãmba mē tazi māt mnĩ aipã azanãrê watobr are mrê kanēsna wakra za dâr are aipã nōkrêptu. Tazi māt waire tsikrãm are mrê kãnēsã tanēwa kunêdi wakra nōri za tskrêhu wawê tka za tê kawakōikōd kãtô kbazêiprãza mãr kōd prare za siwkutô tanē wa aimã za tsi ka hur wawê are knê māt kmêkã are mē tahã māt knê prare debr are aipã watbro kōd are wairê mrê kãnēsã wakra za dâr wamhuire snã. Tambã”(Noel D Xerente, p 10 e 11 2020).

Segundo a anciã **Waikwadi**, antigamente as mulheres **Akwê** eram diferentes:

“na minha época tudo que a gente comia era tudo plantado na roça, a roça também é o lugar de aprender, por isso que as mulheres cresciam todas sadias, nós não comemos coisa salgada. As roças ficam distantes das aldeias e as mulheres buscavam alimentos no cofô feita de palha de buriti, traziam mandiocas, bananas amendoins, feijão, milho e outros alimentos. As mulheres também trabalhavam com os maridos. Tudo que a gente consumia tinha ligação com a nossa cultura, as mulheres viviam muitos anos. Hoje vejo essa juventude diferente das antigamente as maiorias dos alimentos vem das cidades a gente está consumindo não só as mulheres, mas todos e a gente esta vendo as consequências disso nossas meninas com poucas resistências muitas com poucas estaturas e muitas doenças aparecendo e infectando nossas juventudes. O aprendizado com os ãos indígenas nos trouxe tantas perdas de práticas culturais como as mulheres **Akwê** muitos ganhas suas crianças no hospital e muitos ganham por cesariano, essa

prática de ganhar no hospital vem crescendo muito e muitas meninas fazem cesariano novas. Antigamente nos ganhávamos nossos filhos ou filhas dentro de casa com ajuda dos nossos conhecedores parteira, pajé, nossa mãe e nossas avós. A gente seguia todo o ensinamento dado durante o processo da nossa gravidez, nossos maridos também seguia todo o resguardo. Às vezes me lembro das comidas tradicionais como beiju, grolado, carne moqueado, peixe assado nossos pais faziam. Os ensinamentos dos nossos pais são para sempre são eternos ser mulher *pikõ* e isso viver a cultura com respeito e liberdade”.

Figura 26-conversando com a minha avó na festa tradicional da aldeia Funil



Fonte: arquivo pessoal 2024

Segundo Natália *Kwapredi* Xerente, o papel da mulher *pikõ* é muito importante desde sempre.

Figura 27- Natalia Kwapredi Xerente, na festa tradicional da aldeia Funuil



Fonte: Arquivo pessoal 2022

“Nós *pikō* somos também responsável em fortalecer a nossa cultura em preservar as práticas do saberes ancestrais, desde nossa infância passamos por tantos graus de ensinamentos que aprendemos para nossa vida. Os primeiros conselhos dos nossos avôs dos nossos pais são indispensáveis, são como bússola para nos nortear no caminho da vida. Nos dias atuais muitas coisas mudaram, tivemos que nos adaptar de acordo com o novo mundo que está em nossa volta, a escrita recentemente chegou às nossas comunidades trazendo novos padrões de escrita e fortalecendo os conhecimentos ancestrais todos os conhecimentos documentados para ficarem registrados para sempre para que nova geração possa futuramente ter acesso aos conhecimentos milenares documentados. Somos povo da oralidade resistimos assim por milhares de anos ensinados aos nossos jovens para não nos esquecermos da nossa identidade, mas somos poucos em termos de habitantes seguimos os padrões dos não indígenas as leis, mas dentro do nosso território as leis e os padrões da nossa organização são maiores tivemos que aprender a viverem novas costumes não deixando nossos costumes ancestrais culturais. Nos mulheres também acompanhamos a revolução e estamos inseridos nesse processo de resistência e lutas em prol do nosso povo. Além disso, somos responsáveis em grande parte pela educação das crianças especialmente das meninas das atividades domésticas trabalhamos na roça e confeccionamos artesanatos para vender e ajudar comprar outras coisas para casa. Hoje também vejo que muitas *pikō* estão conseguindo aumentar a sua escolaridade e ingressando nas universidades, buscando espaços e se destacando nas lutas em prol do seu povo. Ser mulher indígena e ser respeitado em seu lugar”.

VII- **WAWĒ ĪPTOKRKDA** (ANCIÃO)

Alcançar a fase *Wawē Īptokrda* na sociedade *Akwē* é um acervo de conhecimento vivo com os *Wawē Īptokrda* tudo se torna vivo, os ensinamentos, as cantorias, os discursos tradicionais, as danças tradicionais, as festas tradicionais, casamentos tradicionais. Tudo que envolve as práticas culturais com a presença dos *Wawē Īptokrda* dá um valor enorme em cada ritual e incentivo aos jovens. Segundo Reinaldo *Sapakō* Xerente “sem nossos *Wawē Īptokrda* ficamos órfão, quando perdemos um grande ancião perdemos também acervo de conhecimento biblioteca”.

O respeito que o povo *Akwē* tem pelos seus *Wawē Īptokrda* vem desde antigamente e vem sendo repassado de geração a geração. Valorizando os conhecimentos que eles têm.

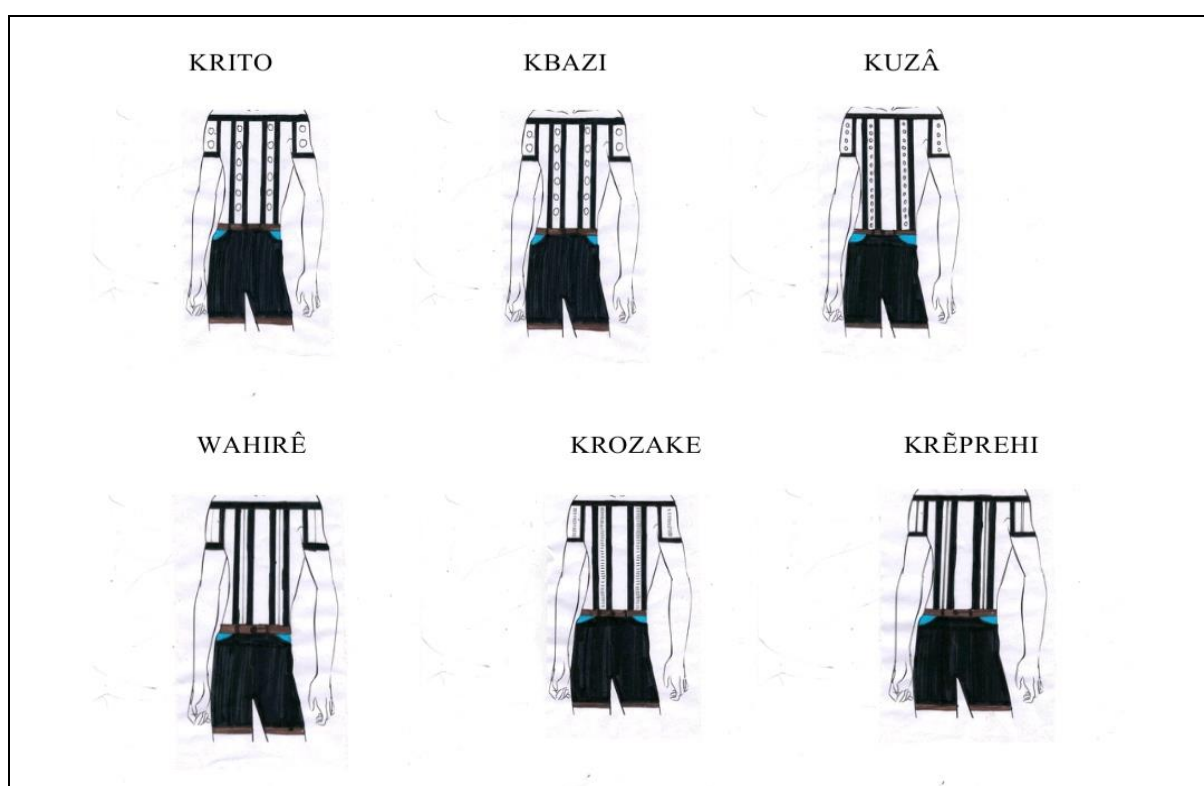
Os anciões de cada clã

Os anciões são os principais representantes de cada clã e em situações, tais como o casamento tradicional ou discurso tradicional, eles representam seu clã. Em qualquer situação que envolve os clãs deve ter a presença de um clã representado, seguindo a organização social. Quando não há um ancião de um clã, qualquer clã irmão pode representar todos.

O povo *Akwê* está organizado em duas metades, a metade *Doi*, com pintura em bolinha composta pelos clãs *krito*, *kbazi* e *kuzâ*; podemos dizer que estes são clãs irmãos. A outra metade é *Wahirê*, com pintura em listras composta pelos clãs *wahirê*, *krozake* e *krâïprehi* etambém podemos dizer estes que são clãs irmãos. Um ancião pode representar todos os clãs da mesma metade, em caso específico como discurso tradicional e desde antigamente a representação de dois anciões em momento específico vem acontecendo.

Abaixo veremos a representação dos clãs;

Figura 28- Representação das pinturas dos clãs



Fonte: Ana Sherley Corsino Moreira Santos 2021

Segundo os anciões as pinturas corporais representam muito em momentos específicos da cultura. A pintura corporal e a identificação do *Akwê*.

O respeito entre os clãs ainda e muito forte na sociedade *Akwê* de ouvi e respeitar uns aos outros.

Figura 29- os anciões e jovens ouvindo um wawê



Fonte: arquivo pessoal 2021

Preocupação dos jovens com a perda de **WAWÊ ÌPTOKRKDA**

Os jovens estão preocupados com as perdas precoces das nossas bibliotecas, estão percebendo que os conhecimentos tradicionais e culturais estão nas nossas bibliotecas, e os jovens não estão acessando essas bibliotecas ainda vivas.

Como o ingresso nas universidades aumentou muito, muitos jovens estão percebendo quanto são importantes os nossos anciões na vida acadêmica deles, como indígenas. Os acadêmicos indígenas estão percebendo o valor que os anciões têm para o seu povo. Os jovens acadêmicos indígenas **Akwê** estão buscando através dos seus trabalhos acadêmicos documentar esses conhecimentos tradicionais. Com os trabalhos desenvolvidos pelos acadêmicos com os anciões, muitos se tornam especialistas em conhecimentos tradicionais.

Hoje vejo esses jovens que saem das universidades com outra mentalidade e visão de enxergar a cultura do seu povo, valorizando mais e praticando a própria cultura. Com ausência dos anciões e a perda precoce das nossas bibliotecas esses jovens estão assumindo o papel de representar o clã que lhe pertence e seus clãs irmãos em

certas rituais da cultura como discursar. Antigamente só os *Wawẽ Īptokrda* podiam exercer esse papel de representar e discursar. Já presenciei um jovem discursando bonito como um ancião experiente. É bonito ver um jovem mostrando que precisamos exercer o protagonismo sem desvalorizar os anciões, e ao contrário, valorizando os anciões e a nossa cultura. Todo esse aprendizado dos jovens vem dos anciões e estão percebendo que os anciões estão morrendo muito cedo e muitos levando conhecimento consigo. Estamos passando no tempo difícil, nossos anciões não estão mais vivendo muito como antigamente.

RETRIBUIÇÃO *DAKRĀIWAKĀ*

Na cultura *Akwẽ*, quando morre alguém, tradicionalmente os clãs da outra metade se encarregam de abrir a sepultura e todo o serviço até o enterro, demonstrando o respeito à outra metade. Para abrir a sepultura e realizar todos os serviços do enterro geralmente são dez a quinze pessoas.

Esse gesto de fazer todo o serviço tem o agradecimento no dia da visita ou depois até anos depois. Os familiares podem ofertar uma rês inteira para o clã que fez o serviço. Segundo os anciões, antigamente a retribuição era feita através de carne de caça ou peixe. No ato da entrega, o ancião da família do falecido, ou falecida, do mesmo clã faz um discurso, esclarecendo que aquele gesto se refere à abertura a sepultura. Após o recebimento, o ancião responsável em receber reparte a carne ou peixe igualmente para todos os clãs da metade que estiveram presentes e que abriram a sepultura.

Segundo os anciões se acontecerem que uma família ainda não tenha quitado sua dívida e outras mortes ocorrerem nessa família, é possível que as dívidas anteriores sejam incluídas em um só pagamento.

Quando duas metades de clãs estão em dívida uma com a outra, a retribuição deve ser realizada ao mesmo tempo.

VIII- Os *ambâ* - homens

O *ambâ* (homem) já nasce com expectativa muito grande dos seus pais e pelo clã ao qual pertence. Quando nasce um *ambâ* na família, fortalece os direitos culturais e aumenta os membros do clã. Se for o primeiro filho, tem que ser obediente, respeitar os mais velhos e servir de exemplo aos seus irmãos, jamais desrespeitar mãe quando ela é de outro clã. Quando for casar, mora com o sogro para receber orientações como trabalhar e ajudar na roça com confecção de artesanatos até que esteja pronto e preparado para sustentar a sua família. Isso pode durar uns anos ou mais. A vida de *ambâ* é cheia de obrigações.

A vida do *ambâ* (homem) na sociedade *Akwê*, é cheia de obrigações desde criança e precisa aprender a viver com a dinâmica da cultura. Assim como vemos neste trabalho, o homem está em todos os movimentos da cultura e identidade.

IX- As crianças

SIPSA, BAKRDA, TURÊ, TARÊ

Na cultura indígena *Akwê/Xerente*, a identidade em contexto infantil está pautada no respeito à criança, na sua integridade e integralidade, tratada como um SER livre no seu mundo, onde vive em perfeita conexão com o mundo ao seu redor. Aprende a nadar observando as outras crianças, dá as primeiras braçadas na água. Os pais só orientam, são livres para explorar e desenvolver habilidades que irão prepará-las para a vida adulta.

A concepção de vida entre os *Akwê/Xerente* surge antes mesmo do nascimento de uma criança, o contato com os pais e toda parentela tem um papel fundamental na sua formação para cada fase da vida, pois a aprendizagem adquirida através da convivência familiar fortalece os conhecimentos necessários, para que a criança se prepare ao desenvolver cada fase da vida com segurança.

Na infância o aprendizado e o acesso ao conhecimento são ligados ao trabalho e por meio do contato com outra criança, juntas compreendem a cultura. Antes de ter contato com clã, a criança precisa em cada fase da vida cumprir com as

regras, com isso o acesso à pintura somente só a partir de sete anos de idade, utiliza a pintura corporal.

Para a criança utilizar a pintura de seu clã, deve passar por quatro padrões básicos, que seriam a pintura do tamanduá bandeira, da onça, da paca, e do tamanduá mirim, este são usados na fase de bebê até seis anos de idade. No entanto, as crianças passam por todo esse percurso de aprendizagem para só depois ter sua pintura específica do clã a que pertence; sempre a criança herda o clã do pai, exceto se a criança for filho de mãe indígena e pai não indígena, herdará o clã do avô materno, na maioria das vezes ou de acordo com a decisão de um ancião. Como somos patrilineares, os filhos de homens não indígenas, não tem como pertencer ao clã do pai.

Em outra fase mais avançada é utilizada a pintura do rosto para identificar que é *Sipsa* (rapaz virgem), e *Bakrda* (menina moça). Além disso, existem nomes que são específicos para o dia a dia, *Turê* para identificar os meninos, e *Tarê* para identificar as meninas, de 0 ano aos 10 anos de idade, e por último a fase de jovens de 11 anos a 17 anos, *wapte* para identificar os rapazes, e *bakrda* para identificar as moças.

As fases da vida de uma criança *akwẽ* até atingir a fase adulta podem classificar pelos nomes específicos utilizados na comunidade desde antigamente:

Bakrtarê (para identificar as meninas) e *krêbturê* (para identificar os meninos) de zero a dez anos. Essas palavras antigas utilizadas pelos mais velhos hoje pouco se usa na nova geração; vem diminuindo o uso dessa palavra antiga e se utiliza mais o *tarê* e *turê*, já se ouve também *tar* e *tur*. Os mais velhos ainda mantêm essas palavras e muitos jovens também, mas é preciso usar essas palavras de raiz para que essas falas dos jovens não se tornem palavras do dia a dia.

Também tem palavras específicas para utilizar e identificar as meninas virgens *Bakrtarê* e meninos virgens *Sipsa*. Enquanto estiverem vigem essas palavras são utilizados para indicar também são utilizados nomes próprios. Antigamente os meninos passavam pelo processo de reclusão na casa dos rapazes também conhecido de *warã* localizado no pátio central da aldeia onde passava por seis graus de ensinamento e todos eram *Sipsa*.

Tem a fase dos jovens tanto para as meninas e meninos são utilizados para identificar a fase dos jovens de onze a vinte 20 anos; podemos dizer e utilizar a palavra *waptemrê* é bem jovem ainda, e 20 a 40 anos podemos dizer que são *wapte*, experientes. A partir de 40 a 60 anos podemos utilizar a outra palavra para identificar a fase dos *Īptokrda*. Última fase e dos *wawê* a fase dos mais velhos dos nossos anciões e anciãs dos acervos de conhecimento e fonte de saberes ancestral.

Através da figura materna, a criança tem seu primeiro contato com o mundo, cabe à mãe a sua inserção na linguagem oral, ensinando a língua materna (*Akwê*), própria da sua cultura, assim como língua portuguesa posteriormente será inserida. As crianças adquirem valores tais como respeito e aceitação sem argumentar, ao respeitar e serem respeitadas na oralidade e nas suas vontades, e ao aceitar o que os adultos determinam. Os mais velhos não as obrigam a realizar algo, porém, desde cedo acompanham os pais nas tarefas do cotidiano, sem que isso se caracterize como trabalho infantil, é apenas como forma de inserir a criança no meio da cultura, que é muito importante para o seu aprendizado, desde a infância.

O outro fato interessante é o termo “punição” que não consta no dia a dia da criança indígena, ela tem total liberdade e autonomia para exercitar suas habilidades. São estimulados a se conhecerem, a desenvolver suas potencialidades e superar seus limites por meio das brincadeiras, sem que haja uma interferência dos adultos que, por sua vez, não os deixam sozinhos, estão sempre lhes monitorando.

Suas brincadeiras acontecem no *warĩzdare* (terreiro), local onde adquirem grande parte do seu aprendizado. Desde muito cedo, as crianças aprendem, na íntegra, o sentido da palavra convivência, pois estão sempre em grupos, em qualquer atividade, seja na hora da diversão, ou ouvindo os ensinamentos dos anciões, que são uma referência para toda a comunidade indígena e principalmente para as crianças. Os mais velhos se preocupam em transmitir suas práticas tradicionais, seus conhecimentos e suas experiências, de geração a geração, para manter sempre viva a cultura do seu povo.

Dakrsu: Annãrowa, Krara, akemhã e Krerêkmõ

Os *Dakrsu* compõem a sociedade *Akwê/Xerente* mencionados por Nimuendajú (1942) de “associações” ou “grupos de idade” denominados por Farias (1992), *Kwanhã* (2020) denomina “classe de idade”. *Dakrsu* é muito importante na

realização da festa *dassîpê* nominação feminina e na corrida de tora grande. *Dakrsu* são identificados em quatro *Annãrowa*, *Krara*, *akemhã* e *Krerêkmõ*, esses formam classes de idade. Na corrida de tora grande os filhos mais velhos, os *îdumkrda* acolhidos pelas *Annãrowa*, *Krara* formam a metade *Htâmhã* e os filhos mais novos, os *îkuirã* são acolhidos por *akemhã* e *Krerêkmõ* formam os *Stêromkwa*.

O povo *Akwẽ/Xerente* também tem sua forma de organizar, além do *Dakrsu*, as classes de idade como *aikde* fase das crianças; *wapte* fases dos jovens; *wawẽ* fase dos mais velhos.

Choro ritual

O povo *Akwẽ* tem uma cultura muito linda, uma parte dela é o choro tradicional que vem sendo feito desde antigamente. Segundo os anciões, o choro tradicional muitas vezes pode ser herdado dos avôs e avós que ensinam ainda para alguns netos, netas ou filhos e filhas e são praticados. Os anciões dizem também que o choro ritual é treinado sozinho na mata e quando for a morte de um parente, já sabem o choro tradicional.

Muitos jovens sabem muito bem, o choro tradicional é choro com sentimento. Segundo os anciões quando não choramos entoando o choro tradicional não está demonstrando respeito à pessoa que faleceu e não nos despedimos totalmente também.

O choro ritual que aprendemos ou herdamos dos nossos avôs e avós unicamente pode ser feito no velório, na chegada de alguém ficou muito tempo longe de casa e por saudade de alguém que já morreu.

Os anciões estão praticando sempre, quando os dois anciãos se encontram dos clãs diferentes em forma de respeito. Os irmãos e irmãs quando se encontram choram também.

ÎSITRO TORA DE BURITI (GRANDE) QUE REUNE TODOS OS CLÃS COM RESPEITO

Îsitro (tora de buriti comprido) é o símbolo da união dos *Akwẽ* que reúne todos os clãs. Todos, na chegada das toras no pátio central da aldeia, se reúnem para

ver a tora grande e os corredores de todos os clãs distribuídos em duas grandes partidas *Stêromkwa* e *Htâmhã*.

Figura 30- desenho da representação da tora grande



Fonte: Anderson Simrihu Xerente 2024

Īsitro é uma grande tora de buriti feito por dois homens escolhidos pelos anciões antes da festa tradicional *dassĩpsê*. Um dia antes da grande final da festa tradicional *dassĩpsê* os dois mensageiros *danõhuĩkwa* vão bem cedo à mata para escolher o pé de buriti. Após escolherem, eles cortam o pé de buriti, os dois mensageiros escolhidos pelos anciões devem ser de metades diferentes, como veremos a seguir, uma melhor explicação adiante sobre isso. Os mensageiros podem receber ajuda de outras pessoas da mesma metade para fazerem sua tora grande para a grande final da corrida. As toras de buriti grande podem pesar até 250 kg e são carregados por duas pessoas. Após terminar de preparar as toras grandes um dos mensageiros avisa aos anciões que as toras já estão prontas. As toras são sagradas e feitas apenas para uma festa. Para o encerramento um, ou mais anciões, que sejam pajé vão com as crianças até o local onde as toras foram colocadas para que não

amanheçam sozinhas, e para que os espíritos ancestrais não toquem nelas. Esse cuidado é para que não ocorra acidente com os corredores. Segundo os anciões, os espíritos ancestrais gostam muito dos rituais sagrados, mas que podem trazer coisas ruins, como uma tragédia na corrida de tora, ou adoecimento de corredores, por isso que os pajés são importantes nas realizações de rituais sagrados.

Stêromkwa e *Htâmhã* são dois grandes partidos que reúnem todos os clãs sem separação. O respeito está fundado desde o surgimento dos clãs; o respeito recíproco e mútuo é ainda muito forte entre os *Akwẽ*. O *Īsitro* (tora grande) vem reunir todos os clãs, isso no último dia da grande final da festa cultural. *Īsitro* é o símbolo da união dos clãs da metade wahirê e doi e ambos podem compor um dos dois grupos *Stêromkwa ou Htâmhã*, que disputam a grande corrida com as toras compridas grandes. A escolha para pertencer em umas dos partidos vai depender dos pais e obedecendo à regra dos quatro associações. Na organização *Akwẽ* existe *dakrsu*, os quatro associações *krara*, *krêrêkmõ*, *akemhã* e *anãrowa*. *Htâmhã* acolhe os filhos mais velhos *krara* e *anãrowa* e o *Stêromkwa* acolhe filhos mais novos *krêrêkmõ* e *anãrowa*. E assim o pai vai obedecendo a regra da distribuição dos filhos em quatro associações e automaticamente vão pertencer um dos partidos da corrida de tora grande.

O respeito e as regras ainda são observados na corrida de tora grande. As escolhas das partes do tronco de buriti também não são de qualquer jeito, os irmão mais velhos *Htâmhã* correm com a primeira parte do tronco do pé de buriti e a parte das ponta do tronco são para os irmãos mais novos, os *Stêromkwa*. Os dois grupos tem suas próprias pinturas corporais na hora da corrida e todos se reconhecem pelas pinturas. Todos os corredores devem seguir as regras e respeitar, devem amanhecer no pátio central da aldeia cantando com os outros corredores e todos são pintados e ornamentados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema da minha pesquisa é muito complexo e não tem tantas referências para me apoiar e para me nortear, então tive um pouco de medo pra encarar. As minhas dúvidas foram essenciais para o início do trabalho de pesquisa. Precisava responder as minhas perguntas e entender a constituição do ser *Akwẽ*. A minha preocupação, e dos mais velhos, me engajaram a buscar mais respostas sobre as pessoas *Akwẽ*. A partir das primeiras experiências em campo percebi que era preciso continuar com o trabalho e descrever as realidades que ali estavam. Escrever sobre as pessoas *Akwẽ* e sua importância no processo da manutenção e movimentação da identidade cultural.

Durante a minha caminhada tenho ouvido dos mais velhos, e também de alguns jovens, que este trabalho vai ajudar muito nosso povo futuramente. Precisamos realmente estar vigilantes e protegendo o que ainda temos como identidade cultural. Trabalho como esse e muitas pesquisas feitas por pesquisadores indígenas e não indígenas também tem ajudado muito na continuação histórica das nossas existências e dos próprios indígenas como protagonistas e pesquisadores do nosso próprio povo.

Conheci e aprendi através desta pesquisa, que o povo *Akwẽ* é muito resistente em manter as suas práticas culturais. Realizando as festas tracionais onde todos os rituais são realizados pelos conhecedores da cultura sempre movimentando saberes ancestral.

Deste o meu primeiro dia no mestrado sabia que muita dúvida surgiria no decorrer da minha caminhada, fui firme em buscar as respostas porque meu povo precisa deste trabalho escrito, a minha obrigação é levar as respostas que surgiram como produto final.

Para entender o que é ser um *Akwẽ*, uma pessoa *Akwẽ*, apesar de minha insegurança, busquei mapear as categorias de idade de nosso povo, os papéis sociais que temos durante nossa vida, que implicam em deveres e privilégios, fui buscar o Dassĩpsê, o ritual de nomeação. Estudei o papel do cacique, dos anciões, das mulheres, dos homens, a pintura corporal, pesquisei os clãs, as associações, o

casamento, o sistema de retribuições obrigatórias, o marido da menina que se casa, seu tio de amarração. Até em casos de crime eu precisei pensar. Também precisei

Compreender os enterros e o enterro realizado após a morte de alguém, onde é acionada a parceria entre clãs da metade oposta, precisei compreender o medo de participar de um enterro, sendo eu mesmo um encarregado de conduzir um ritual de uma pessoa. Foi preciso sofrer e sentir as dores da família enlutada, e foi preciso dominar o medo. Algo muito relacionado à constituição do ser *Akwẽ*. Até em jogos de futebol fiz observação participante para entender o papel dos clãs e de sua funcionalidade em algo que parece tão externo a nós. Me dei conta que, ao invés de nos separar, o jogo de futebol é totalmente cercado de regras de respeito, de afinidade, de parceria e de conflitos que orientam as nossas divisões dos clãs.

Minhas observações, entrevistas e reflexões me levaram a compreender que a nossa divisão em clãs e que a pintura corporal são estratégias para compreender a pessoa *Akwẽ*. Diria que elas são vitais para a continuação da singularidade do nosso povo.

O entendimento da pessoa para os *Akwẽ* começa a partir do seu nascimento. Todo *Akwẽ* já nasce com a sua herança cultural paterna e privilégios de usufruir dos direitos que tem como *Akwẽ* e carregar as pinturas corporais do pai que o colocam na sua posição na sociedade *Akwẽ* que impõe as regras a cumprir para toda a vida. A fidelidade com as regras ancestrais dos mais velhos tem sido importante em manter intacta alguns rituais e práticas culturais.

Um *Akwẽ* passa por determinados estágios e categorias sociais e se torna uma pessoa a partir do nascimento, ao receber o clã patrilinear e uma educação condizente com seu sexo, se masculino ou feminino. É um conjunto de aprendizados de condutas, de regras, da língua e das etapas de vida – *aiktepre*(neném), *aikde*(criança), *mrõtõ*(solteiro), *mrõre*(casado), *wawẽ* (ancião) que vai formando uma pessoa adulta, seja homem ou mulher.

Classes de idade que estudei e me ajudaram a entender o ser Akwẽ.

Recém-nascido	<i>Aikte pre</i> (neném).
0 a 10 anos	<i>Aikde</i> (crianças) <i>turê</i> (menino) e <i>tarê</i> (menina)
10 a 19 anos	<i>Waptemrê</i> (jovens)
20 a 40 anos	<i>Wapte</i> (jovens experientes)
40 a 60 anos	<i>Īptokrda</i> (os mais velhos experientes)
60 anos diante	<i>wawẽ</i> (ancião ou anciã)

Em termos de regras, as formas de tratamento, as noções de respeito, a complementaridade dos clãs, as prescrições do casamento ideal são conjuntos que organizam a ideia de uma pessoa do povo Akwẽ, que se distinguirá de outros povos indígenas e dos *ktãwanõ* (“civilizados” ou “brancos”).

Os *Akwẽ* tem uma cultura linda que vem se fortalecendo durante toda a vida mantendo a relação primordial com o ambiente, ela nos fortalece o suspiro e o sopro da vida, ela nos ensina a viver com tranquilidade e paz sem agredi-lo e machucá-lo.

A cultura *Akwẽ* é linda por causa dessas regras que ainda são obedecidas e fortalecem nossas práticas culturais. Um *Akwẽ* sabe e conhece quais obrigações e deveres que tem.

Compreendi que para ser um Akwẽ, uma pessoa *Akwẽ*, há um longo processo que atravessa a vida de uma pessoa, seja homem, mulher, jovem, adulto, velho, criança, *sekwa*, cacique, mensageiro, *Nõkrêkwa*. O que produz uma pessoa, um ser *Akwẽ* passa pelo rito de nomeação, que marca o clã a que pertence, passa pelas pinturas corporais, que o identifica perante seus iguais e os diferentes, e o coloca na estrutura social, dividida por metades, três clãs complementares e parceiros, pelos grupos de idade, pelas associações para corrida de toras, pelas obrigações, deveres e privilégios decorrentes de sua posição, idade, clã e, principalmente, pintura corporal. Como relatei acima, a pintura corporal é uma roupa. Usando a mesma frase que coloquei antes:

Quando estamos pintados, sentimos a sensação de que trocamos a roupa e colocamos outra bem leve, que carregamos até elas sumirem do corpo. A pintura corporal é o símbolo da resistência da luta pela afirmação da identidade. Quando estamos vestidos com as cores da nossa pintura corporal estamos dizendo que sempre seremos Akwẽ.

Bibliografia

XERENTE, Alexandre Chaparzane. *Cosmologia e Relações Socioambientais Akwê Xerente*. 2022. Dissertação (mestrado em Ciências do Ambiente) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas 2022.

KWANHÂ XERENTE, João. **Warã: comunicação e educação Akwê/Xerente**. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Sociedade) - Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2020. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Akwanha-2020/Dissertacao_JoaoKwanhaXerente.pdf.

TIKWA XERENTE, Afonso. **A corrida de toras entre os povos Akwe Xerente**. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/11213/3/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Afonso%20Tiikwa%20Xerente%20-%202020.pdf>

CALIXTO XERENTE, Ercivaldo Damsökekwa. **Processos de educação Akwe os direitos indígenas a uma educação diferenciada: práticas educativas tradicionais e suas relações com a prática escolar**. 2016. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) - Universidade Federal de Goiás, 2016.

WUDÊKRUWÊ XERENTE, Arlindo. **Alimento tradicional do povo Akw Xerente**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena) - Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

SIMRIHU XERENTE, Anderson. **Akwê krsi ssanãmr prê mnõze FORMAS DE TRATAMENTO ENTRE OS AKWÊ**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena) - Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

SIRNÃRÊ M XERENTE, Manoel. Wasiwaze - **O tratamento e o comportamento de respeito**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena) - Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

GOLDMAN, Márcio. “Uma categoria do pensamento antropológico: a noção de pessoa”. Source: Revista de Antropologia, Vol. 39, No. 1 (1996), pp. 83-109

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami.

MAUSS, Marcel. “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do eu”. In :Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

NIMUENDAJU, Curt. The Serente. Los Angeles: Southwest Museum, 1942.

PAULA, Luís Roberto de. A dinâmica faccional xerente: esfera local e processos sociopolíticos nacionais e internacionais. São Paulo: USP, março, 2000.